

Constantino Ferreira

DA MANGEDOURA À CRUZ

UMA VISÃO SINÓPTICA

DA

VIDA DE CRISTO

Copyright © Pró-Luz Editora

Título: Da Manjedoura à Cruz

Autor: Constantino Ferreira

Capa :

Editora:

Apartado

Telefone:

e-mail:

Primeira edição:

Tiragem:

Depósito legal N°

ISBN N°

Classificação: Teologia sistemática

Todos os direitos reservados para a língua portuguesa.

Não é permitida a publicação sem autorização dos editores.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
CAP. I - Trinta anos de Preparação	7
1. Introdução	
2. Nascimento de Jesus anunciado	
3. Nascimento e infância de Jesus	
4. Infância de Jesus em Nazaré	
CAP. II - Jesus inicia o Seu Ministério	21
5. O ministério de João Baptista	
6. Jesus inicia o seu ministério na Judeia	
7. Jesus retira-se para a Galileia por Samaria	
CAP. III - Seu Grande Ministério na Galileia	33
8. Começo do ministério Galileu	
9. Jesus enfrenta fama e hostilidade	
10. Jesus funda um Reino e proclama um Código	
11. Jesus ainda age sozinho na Galileia	
12. Jesus intensifica a proclamação do Reino	
13. Jesus continua evangelizando e ensinando	
CAP. IV - Época de várias Retiradas	63
14. Jesus retira-se dos domínios de Herodes	
15. Jesus viaja para Norte via Fenícia e volta a Dec.	
16. Jesus retira-se para a região de Cesareia	
17. Jesus passa alguns dias em Cafarnaum	

CAP. V - Ministério posterior na Judeia	83
18. Jesus ensina durante a festa dos Tabernáculos	
19. Ministério de Jesus fora de Jerusalém	
CAP. VI - Ministério de Jesus na Pereia	103
20. Jesus trabalha na Pereia até à morte de Lázaro	
21. O ministério é interrompido pela morte de Lázaro	
22. Final do ministério na Pereia	
23. Jesus dirige-se para Jerusalém	
CAP. VII - Última semana de Ministério e Morte	125
24. Jesus termina o Seu ministério público	
25. Jesus prepara os discípulos para o Seu sofrimento	
26. Jesus sofre e morre pelo pecado da humanidade	
CAP. VIII - Ressurreição e ascensão de Jesus	183
27. Jesus ressurgiu no primeiro dia da semana	
28. Jesus apareceu cinco vezes no dia da ressurreição	
29. Jesus apareceu mais cinco vezes e comissionou-os	
BIBLIOGRAFIA	205

APRESENTAÇÃO

A matéria deste livro tem como alvo estudar a vida sinóptica de Cristo expressa nos Evangelhos. Decidi incluir também o Evangelho de João como complemento aos sinópticos. Pois, os escritores inspirados escreveram cada um do seu ponto de vista, e os quatro fornecem uma visão completa dos factos. É uma grande bênção que Deus tenha providenciado a verdade a respeito de seu Filho sob uma variedade de atitudes e estilos de acordo com a personalidade, experiência e educação de cada relator.

Todavia, rejo-me pelos três primeiros e seguindo a orientação de Marcos. São chamados sinópticos, que significa “ver juntamente”, pelo facto de revelarem o mesmo plano para narrar a vida de Jesus. Há coisas que só Mateus escreveu, outras só Marcos registou, ainda outras foram exclusivamente registadas por Lucas; quanto a João, está quase completamente isolado concernente ao registo dos factos. Todavia, Mateus, Marcos e Lucas concordam em muitos pontos. Quase a totalidade de Marcos se encontra em Mateus e Lucas.

Mateus, como apóstolo e testemunha ocular dos factos, escreveu para convencer os judeus que Jesus era o **Messias-Rei** profetizado e esperado por todos, entre os anos 50-70. Marcos, que não era apóstolo, mas, crê-se que como companheiro de Pedro, ouviu dele o evangelho que apresentou aos romanos, entre os anos 55-65. É o evangelho do **Servo Incansável**. Lucas era médico na cidade de Antioquia, na Síria, converteu-se no tempo do ministério de Paulo e foi seu companheiro de viagens servindo-o como relator. Ele escreveu para os gregos e apresenta Jesus como o **Amigo dos Pecadores**, entre os anos 60-63. João, apóstolo do Senhor, escreveu o evangelho do **Fi-**

lho de Deus, para edificação dos cristãos, enquanto esteve em Éfeso, entre os anos 90-95.

Mateus, Marcos e Lucas escreveram do ponto de vista histórico. Por isso andam muito juntos. Enquanto João escreveu do ponto de vista teológico para defender os cristãos das here-sias gnósticas que estavam aparecendo na Ásia.

O objectivo do livro é fornecer uma visão das principais facetas da vida de Cristo, e desafiar os leitores a serem semelhantes ao seu Senhor na vida e no ministério que Ele entregou a cada um para expansão do Reino de Deus.

Durante uma leitura atenta descobrirá as várias facetas do carácter de Cristo, como por exemplo: A sua divindade, humanidade, santidade, o seu amor, a sua justiça, sua doutrina, as suas parábolas, os seus milagres, o seu sofrimento e as suas vitórias.

No relato bíblico aparece somente o trecho fundamental dum dos escritores, a narrativa mais curta, para orientação do estudante. As leituras comparativas devem ser lidas na Bíblia Sagrada.

O sinal de reticências (...), que aparece antes ou depois do texto bíblico, significa que o leitor deve ler o restante na Bíblia Sagrada. O Espírito Santo iluminará cada um para captar o verdadeiro significado da História de Cristo e ser abençoado.

Agradeço ao meu amigo, Pastor e Professor Alfredo Machado pela minuciosa revisão da matéria em apreço.

Constantino Ferreira

CAPÍTULO I

TRINTA ANOS DE PREPARAÇÃO

I. INTRODUÇÃO

1. Prefácio do Evangelho de Lucas – Lc 1.1-4

1 Visto que muitos têm empreendido fazer uma narração coordenada dos factos que entre nós se realizaram, 2 segundo no-los transmitiram os que desde o princípio foram testemunhas oculares e ministros da palavra, 3 também a mim, depois de haver investigado tudo cuidadosamente desde o começo, pareceu-me bem, ó excelentíssimo Teófilo, escrever-te uma narração em ordem 4 para que conheças plenamente a verdade das coisas em que foste instruído. (Lucas)

Lucas não era um dos discípulos iniciais de Jesus nem uma testemunha ocular das suas obras poderosas. Pois, não lemos dele até à segunda viagem de Paulo na qual ele se torna um ajudante precioso do apóstolo (c. 42 A. D.). Sem dúvida, ele praticava medicina em Antioquia durante o ministério de Cristo.

O escritor informa-nos que muitos procuraram narrar os mesmos factos ocorridos na Palestina, e que também ele quis organizar um relato minucioso para o excelentíssimo Teófilo. Há três fortes razões para aceitar o seu evangelho:

- a. Ele recebeu toda a informação dos principais discípulos do Senhor que foram testemunhas oculares das suas obras poderosas.
- b. Foi companheiro constante de Paulo, de quem ouviu muitas vezes a pregação do evangelho e o ditado de seus escritos.
- c. Sobretudo, ele dependeu da inspiração plena do Espírito Santo para relatar o mais importante para a nossa salvação, conforme 2 Tm 3.16.

Lucas retrata Jesus como o Filho do Homem, amigo dos pecadores.

2. Prólogo do Evangelho de João, Jo 1.1-14

1 No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. 2 Ele estava no princípio com Deus. 3 Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez. 4 Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; 5 a luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela. 6 Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. 7 Este veio como testemunha, a fim de dar testemunho da luz, para que todos cressem por meio dele. (João)

João foi uma testemunha ocular desde o princípio e o discípulo amado do nosso Salvador. Ele escreveu o evangelho cuja leitura nos faz voar aos céus, às alturas como as águias. Neste prólogo, João afirma que Jesus era o Logos, eterno, criador, vida e luz, e que habitou entre nós com glória. João pinta Jesus como o divino Filho de Deus.

A encarnação de Cristo é a maior revelação que Deus tem feito ao homem. Logos é o princípio das coisas. É a revelação do Deus eterno e poderoso, o Criador do Universo. Tal como o Pai, o Filho é incriado; jamais teve princípio, nem terá fim. Todas as coisas foram feitas por Ele, subsistem por Ele e são para Ele (Cl 1.15-17).

Este Logos tomou a forma humana para se relacionar com os humanos e dar a vida por eles.

Ele era a luz, fonte da vida, enquanto as trevas o são da morte. Ele veio para os judeus, mas, porque estavam em trevas não o compreenderam e rejeitaram-no. Se Ele fosse simplesmente carnal como eles talvez o aceitassem, mas, porque era espiritual foi rejeitado.

Mas, a todos quantos o receberam deu-lhes o direito, ou poderoso privilégio, de se tornarem filhos de Deus. Ele provê-nos a maior concessão jamais alcançada pelos mortais. Aqueles que o aceitaram viram a sua graça, verdade e glória. Viram nele a verdadeira expressão da divindade.

II. NASCIMENTO DE JESUS ANUNCIADO

1. Duas genealogias de Jesus, Mt 1.17; Lc 3.23-38

É muito natural que Mateus tenha dado a descendência legal de Jesus pela via de José, visto que ele escreveu especialmente para os judeus apresentando-lhes Cristo como o herdeiro legal do trono de David; o Messias-Rei (Mt 1.6; 2 Sm 12.24). Assim como terá sido apropriado que Lucas tenha traçado a descendência natural do Senhor, visto que ele escreveu para todos, e esta devia ser através de Maria sua mãe, que pertence à família messiânica (Lc 3.31; 2 Sm 5.13,14). Além disso, através do casamento, que faz dos dois uma só carne, Maria passou a pertencer à família real herdeira do trono.

2. Nascimento do precursor de Jesus, Lc 1.5-25

(...) 13 Mas o anjo lhe disse: Não temas, Zacarias; porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, te dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João; 14 e terás alegria e regozijo, e muitos se alegrarão com o seu nascimento; 15 porque ele será grande diante do Senhor; não beberá vinho, nem bebida forte; e será

cheio do Espírito Santo já desde o ventre de sua mãe; 16 converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus; (Lucas)

Deus prepara sempre o ambiente para as suas acções com antecipação razoável. Ele preparou o nascimento de João com seis meses de antecedência (Lc 1.26) para fazer dele o arauto do rei que havia de chegar. Note-se que João pertence à família sacerdotal Aarónica, a quem foi prometido o sacerdócio por herança, enquanto Jesus pertence à família real Davídica, a quem foi prometido o reino para sempre.

3. Nascimento de Jesus anunciado a Maria, Lc 1.26-38

(...) 30 Disse-lhe então o anjo: Não temas, Maria; pois achaste graça diante de Deus. 31 Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. 32 Este será grande e será chamado filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de David seu pai; 33 e reinará eternamente sobre a casa de Jacó, e o seu reino não terá fim. 34 Então Maria perguntou ao anjo: Como se fará isso, uma vez que não conheço varão? 35 Respondeu-lhe o anjo: Virá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso o que há de nascer será chamado santo, Filho de Deus. (Lucas)

O seu nome (Yeshua) foi indicado pelo anjo e significa o ofício e a sua missão, que teria de cumprir como Salvador do mundo. A sua filiação era dupla: Filho de Deus mediante a operação de Deus; e filho de David mediante a cooperação de Maria. Portanto, Filho de Deus e Filho do Homem. Trazia a natureza divina pré-existente, e recebeu a natureza humana para conviver com os homens e morrer por eles.

O seu reino não seria somente um reino espiritual, mas um reino temporal prometido por Deus mesmo antes de David ter nascido. Alguns exegetas espiritualizam todas as Escrituras literais afas-

tando-se do seu verdadeiro sentido, enquanto outros literalizam tudo revelando uma tendência materialista.

Ainda que o trono de David fosse uma realidade temporal, visível e tangível, não era propriamente seu; ele era meramente o executivo duma teocracia criada por Deus em benefício da humanidade. David era um homem segundo o coração de Deus porque fazia a Sua vontade (Act. 13.22).

Concluímos, pois, que o Grande Filho e Sucessor de David restaurará a teocracia criada por Deus para bênção de todos. A magnitude dos seus divinos atributos, graça e glória, é tão incompreensível pelo intelecto humano que se corre o risco de minimizar a sua realidade.

A submissão de Maria revela a sua fé na Palavra de Deus. Ela dispôs-se a correr o risco de cair em desgraça em virtude de aparecer grávida sem o concurso de José. Ela expôs-se à pena de morte por apedrejamento ao ser acusada de prostituição. Porém, a sua fé salta todos os obstáculos rumo à vitória.

4. O “magnificat” de Maria, Lc 1.39-56

Após uma longa jornada Maria chegou a casa da sua prima Isabel para lhe dar a notícia da sua gravidez. Quis compartilhar com a prima a alegria de ser mãe. Quando chegou e saudou Isabel a criancinha saltou de contentamento. Somente com seis meses, a criancinha de Isabel alegrou-se com a presença daquele que era o seu Senhor. E, Isabel, cheia do Espírito Santo, declarou Maria bem-aventurada por causa da sua fé.

Maria proferiu, então, o seu “magnificat” louvando a Deus com profundas declarações proféticas sobre o seu querido filho. Primeiro, ela manifestou a sua humildade como uma escrava pronta a criar o Filho de Deus. O santo Deus escolhera-a para esta missão tão nobre, e ela estava imensamente radiante pelo privilégio de ser a escrava do Senhor. Depois, falou profeticamente sobre o ministério abençoado do seu querido filho. Ele viria com a misericór-

dia e o poder de Seu Pai para nivelar as desigualdades existentes na sociedade.

Jesus tornou-se o padrão aferidor de todas as vidas sobre a terra. Quem quiser viver vitoriosamente terá que aceitar o seu Espírito e os seus sábios conselhos. Só ajudados por Cristo podemos vencer o pecado, o mundo e o diabo.

5. Nascimento de João Baptista e a profecia de Zacarias, Lc 1.57-80

Zacarias louva a Deus pela sua acção poderosa no cumprimento das profecias. O concerto Abraâmico é primariamente a acção misericordiosa de Deus em benefício da humanidade caída, e é fundamental no esquema redentivo. Isto segue uma sequência lógica na sua identificação com o concerto que Deus em Cristo para redimir a humanidade pela sua morte expiatória (Gl 3.16).

Zacarias profere a profecia sobre o seu filho segundo o plano de Deus. Ele seria profeta do Altíssimo que iria diante do Senhor a fim de preparar os corações para receberem o Salvador. A sua mensagem seria “arrependei-vos porque o reino de Deus está próximo”. Depois dele viria Jesus a proclamar: “Arrependei-vos porque é chegado o reino de Deus”. Ambos se empenharam na proclamação do reino de Deus e na maneira de entrar nele. As pessoas devem mudar de atitude em relação ao pecado e começar a viver uma vida nova em comunhão com Deus, de acordo com os padrões estabelecidos pelo Senhor.

João cresceu e viveu retirado nalgum lugar do deserto até aos trinta anos, idade em que devia apresentar-se ao povo com a mensagem do arrependimento, segundo estava prescrito aos sacerdotes (Nm 4). Estes só podiam servir quando atingissem a maioridade. Durante a matança dos meninos em Belém, seus pais emigraram para o deserto a fim de protegê-lo do assassinio de Herodes, assim como José imigrou para o Egito para proteger Jesus.

6. Nascimento de Jesus anunciado a José, Mt 1.18-25

O anjo que anunciou a Maria a sua gravidez foi também avisar José do propósito divino de modo que a não rejeitasse e o plano viesse a falhar. Deus não faz nada ao acaso. Para tudo Ele tem um plano bem ordenado que cumpre meticulosamente. Ainda que José tivesse já planeado abandonar Maria por causa da sua provável infidelidade, Deus não permitiu que tal acontecesse e mandou um anjo para demovê-lo daquela acção. Uma vez esclarecido, José obedeceu ao Senhor e aceitou Maria como sua mulher. Todavia, esperou pelo nascimento do menino para cumprir a sua obrigação marital.

A criança que ela tinha era fruto do Espírito Santo, e não de qualquer homem. Por isso, o filho de Maria chamar-se-ia Yeshua Emanuel. O nome hebraico Jesus revela o seu ofício principal que é salvar o povo dos seus pecados. Emanuel faz distinção entre a sua habitação passada, no céu, e a presente, na terra: Ele veio para ser Deus connosco. A sua habitação, que era entre os anjos, passava a ser agora entre os homens.

III. NASCIMENTO E INFÂNCIA DE JESUS

1. Quando Jesus nasceu, Lc 2.1-7

1 Naqueles dias saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo fosse recenseado. 2 Este primeiro recenseamento foi feito quando Cirénio era governador da Síria. 3 E todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. 4 Subiu também José, da Galileia, da cidade de Nazaré, à cidade de David, chamada Belém, porque era da casa e família de Davi, 5 a fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida. 6 Enquanto estavam ali, chegou o tempo em que ela havia de dar à luz, 7 e teve a seu filho primogénito; envolveu-o em faixas e o deitou em uma manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.

(Lucas)

Deus orienta sempre os acontecimentos para cumprimento do seu propósito. Assim como levantou Ciro para os judeus regressarem à sua terra, após 70 anos de cativo na Babilónia, também inspirou o imperador romano, em Roma, para querer saber a quantidade dos seus súbditos. Deste modo, ordenou um recenseamento em todo o seu império de modo a obrigar José a deslocar-se desde Nazaré até Belém (c. 122 Kms) para se alistar com Maria.

É digno de nota que Belém é uma palavra hebraica composta que significa “Casa de Pão”; e, foi ali que Deus fez nascer o pão da vida para todo o mundo. O mais importante evento através dos tempos aconteceu em Belém de Judá cerca do ano cinco a. C. Ali nasceu aquele que seria o Salvador do mundo.

Enquanto o seu primeiro advento aconteceu em humilhação e enche o mundo com a graça divina, o segundo acontecerá em exaltação e inundará o mundo com a Sua glória. Estes dois eventos constituem os pontos mais altos na História da Humanidade. Deus enviou o seu Filho para que todo aquele que nele crê não seja condenado, mas tenha a vida eterna.

2. O nascimento é proclamado aos pastores de Belém, Lc 2.8-20

Os rebanhos estavam pastando durante o fresco da noite, o que se depreende que estiveram recolhidos durante o calor do dia. Portanto, Jesus terá nascido na época de primavera ou verão, e não no inverno conforme a tradição.

Belém, situada a 9 km a sul de Jerusalém, era geralmente conhecida como a cidade da família real. Ali tiveram casa Boaz, Obede, Jessé e David. O sinal dado pelo anjo facilitou o encontro com o recém nascido. O menino estaria deitado numa manjedoura e envolvido em panos. Aqueles pastores pertenciam ao número dos que esperavam a vinda do Messias; doutra maneira não teriam recebido aquela informação dos anjos.

Após o anjo solitário ter revelado a notícia aos pastores, uma multidão de anjos apareceu no céu a confirmar o seu testemunho, dando glória a Deus pelo sucedido e proclamando a paz na terra. Que cânticos maravilhosos terão ouvido aqueles pastores! Sons celestiais em perfeita harmonia, partindo dos céus, ecoavam por aquelas pastagens deixando os humildes pastores extasiados. Que experiência deslumbrante a deles! Jamais tinham ouvido música semelhante.

Os pastores foram ver e, provando a veracidade dos factos, glorificaram a Deus. Não há dúvida alguma que estes homens humildes esperavam o messias, assim como Simeão e Ana. Ali estava o Príncipe que trazia paz ao mundo. Era o Príncipe da Paz. Agora, aqueles que são justificados pela fé têm paz com Deus e uns com os outros.

3. A circuncisão de Jesus e sua apresentação no templo, Lc 2.21-38

25 Ora, havia em Jerusalém um homem cujo nome era Simeão; e este homem, justo e temente a Deus, esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele. 26 E lhe fora revelado pelo Espírito Santo que ele não morreria antes de ver o Cristo do Senhor. 27 Assim pelo Espírito foi ao templo; e quando os pais trouxeram o menino Jesus, para fazerem por ele segundo o costume da lei, 28 Simeão o tomou em seus braços, e louvou a Deus, e disse: 29 Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra; 30 pois os meus olhos já viram a tua salvação, 31 a qual tu preparaste ante a face de todos os povos; 32 luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo Israel... (Lucas)

A circuncisão é o sinal do pacto feito com Abrão e significa separar a pessoa para Deus. Ao oitavo dia todos os meninos deviam ser circuncidados. Embora a criança tivesse vindo de Deus era importante que seus pais cumprissem toda a lei a seu respeito.

Desde o nascimento, Jesus é o exemplo em todas as coisas. Nada deixou por cumprir.

A lei concernente à purificação da mãe e apresentação das crianças ao Senhor encontra-se em Levítico 12, Êxodo 13 e Números 8. Após trinta e três dias, a mãe devia ir ao templo com a criança e oferecer um cordeiro pela sua purificação. Mas, em caso de pobreza, podia oferecer um casal de rolas ou dois pombinhos. Visto que José e Maria eram pobres só puderam cumprir a segunda hipótese.

Simeão e Ana eram dos poucos em Israel que esperavam a vinda do Messias. O Espírito Santo guiou-os ao templo mesmo na hora da chegada do menino. Ao vê-lo, alegraram-se pelo facto de haver começado uma nova época com a presença do Messias e glorificaram a Deus que cumpriu a Sua promessa. Tomando o menino nos braços, disse a Deus que podia chamá-lo à Sua presença porque já tinha visto o Salvador, a luz das nações, e a glória de Israel. Doravante, o seu grande tema de conversa entre amigos era Jesus, o Messias prometido.

Mas, Simeão falou profeticamente a Maria e disse-lhe: “uma espada trespassará a tua alma”. Esta profecia cumpriu-se junto à cruz quando o seu amado filho foi tragicamente assassinado e traspasado pela lança dum soldado romano. Enquanto ela observava o sofrimento e a morte do seu filho era como se uma lança traspasasse igualmente o seu coração. Oh! Quanto sofrimento para uma mãe que cria o seu filho para ser morto pelos pecados da humanidade! Todavia, foi o sofrimento do filho que providenciou a tão grande salvação que podemos desfrutar pela fé.

4. Os magos do oriente visitam o menino, Mt 2.1-12

Estes magos eram sacerdotes e astrólogos da Babilónia, Média, Pérsia e, provavelmente Arábia; homens sábios que estudavam as estrelas. Eles passavam noites inteiras estudando o brilho, o movimento e outros fenómenos relacionados com as estrelas.

Deus aproveitou-se da profissão destes homens influentes para publicitar o nascimento do Seu amado Filho. Havendo tomado conhecimento da profecia sobre o Messias, que seria rei em Israel, decidiram seguir uma estrela diferente até o encontrar.

Uma vez na presença do menino rei, os magos apresentaram-no com ofertas muito significativas: O ouro significa a realeza do menino. O incenso significa a sua divindade. A mirra significa o seu sofrimento e morte. Assim, Ele foi reconhecido como divino, humano e sofredor, e rei da eternidade.

É estranho que sacerdotes e escribas tenham respondido tão certo sobre o local de nascimento do Messias, conforme a profecia de Miquéias 5.2, em Belém de Judá, e na hora do teste divino rejeitaram-no como impostor. Eles eram perfeitos conhecedores das profecias a respeito do Messias, mas negavam-se a aceitar que ele viesse de forma tão humilde como Jesus veio. Filho de pais residentes na obscura Nazaré, foi nascer numa estrebaria em Belém e deitado numa manjedoura.

Acabado de nascer, um menino indefeso perturbou logo o rei e os poderosos em Jerusalém. Visto que o pai de Herodes era idumeu e sua mãe árabe, sem dúvida que ele deveria reinar pela influência dum rei nativo. Portanto, tinha que eliminá-lo quanto antes. Para isso, tinha que saber onde se encontrava. Por isso, os magos foram avisados para regressarem por outro caminho. (O seu reinado de 38 anos foi marcado por crueldade e muito sangue. Ele massacrou a família Macabeia, sua esposa Mariana e seus filhos Alexandre e Aristóbulo).

5. Jesus é levado para o Egito a fim de escapar a Herodes, Mt 2.13-18

Agora, José sonha que deve fugir para o Egito a fim de proteger a criança e segue a orientação divina. Com uma criança de pouco mais de um mês rumam para o Egito (c. 160 km) onde permanecem até à morte de Herodes. Ali, devem ter-se valido das

valiosas ofertas dos magos, e talvez outras, além do trabalho de José como carpinteiro experiente, para sustento da família.

Herodes, que tinha pedido aos magos para o informarem do local do nascimento desse menino, vendo-se ludibriado, resolveu apanhar o herdeiro legal ao trono de David doutra maneira. Mandou matar, em Belém e arredores, todos os meninos de dois anos para baixo. A lamentação de Raquel em Ramá simboliza o choro das mães belemitas que perderam seus filhos na matança e estão inconsoláveis.

Aquelas crianças inocentes, que perderam a vida física por causa de Jesus, gozam a bem-aventurança da vida eterna na sua presença. Do mesmo modo, aqueles que nele crêem e o aceitam como Redentor e Senhor receberão um lugar a seu lado.

6. Jesus é transferido do Egito para Nazaré, Mt 2.19-23; Lc 2.39

Arquelau, sendo o único filho sobrevivente de Herodes, recebeu o trono por herança. Mas, ele tinha que ir a Roma, imediatamente após a morte de seu pai, para ser coroado rei pelas mãos do imperador. Arquelau fez uma longa jornada para a capital romana, a fim de ser reconhecido rei, mas o imperador recusou dar-lhe o poder para governar a província da Judeia. Assim, realmente ele nunca governou.

Mas, receando a perseguição de Arquelau, a família real deslocou-se para Nazaré, (c. 270 km a norte de Jerusalém) e, deste modo, cumpriu-se mais uma profecia das Escrituras: que ele seria chamado nazareno. Portanto, Jesus foi gerado em Nazaré, nascido em Belém, criado em Nazaré, e dali partiu para o seu glorioso ministério.

Vejam como Deus orientou todas as coisas para o pleno cumprimento da sua Palavra. Ele assegura que vela pela sua Palavra para cumpri-la. Por conseguinte, tudo está sob o seu divino controle. Nada escapa à sua observação e liderança.

IV. INFÂNCIA DE JESUS EM NAZARÉ

1. Crescimento harmonioso do menino, Lc 2.40-52

40 E o menino ia crescendo e fortalecendo-se, ficando cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele. (...) 52 E crescia Jesus em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens. (Lucas)

Lucas informa-nos que o menino crescia em todas as áreas da vida humana; em espírito, alma e corpo. Ele não sofreu enfermidades de espécie alguma que impedissem o seu desenvolvimento harmonioso. Ele desfrutou uma vida física semelhante à de Adão antes da queda. Ele era o reflexo perfeito de seu Pai celestial. O seu desenvolvimento espiritual era maravilhoso pelo facto do seu intelecto ser perfeitamente claro e sem qualquer desequilíbrio. A sua memória era perfeita de modo a não esquecer qualquer coisa, enquanto o seu juízo era infalível. As suas afeições eram perfeitamente puras, sem alguma contaminação vil. Portanto, ele era constantemente cheio da sabedoria e graça divinas, peculiares ao seu estado celestial. Ainda pequeno, e rodeado pelas outras crianças, já as pessoas viam nele uma graça excepcional.

2. Jesus aos doze anos no Templo em Jerusalém, Lc 2.41-51

45 e não o achando, voltaram a Jerusalém em busca dele. 46 E aconteceu que, passados três dias, o acharam no templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e interrogando-os. 47 E todos os que o ouviam se admiravam da sua inteligência e das suas respostas. 48 Quando o viram, ficaram maravilhados, e disse-lhe sua mãe: Filho, por que procedeste assim para connosco? Eis que teu pai e eu ansiosos te procurávamos. 49 Respondeu-lhes ele: Por

que me procuráveis? Não sabíeis que eu devia estar na casa de meu Pai? (Lucas)

Todos os anos as famílias israelitas iam às festas a Jerusalém. Quando tinha doze anos, os pais levaram também Jesus à Festa da Páscoa. Havendo passado uma semana na cidade, regressavam a Nazaré quando, no caminho, notaram a ausência do rapaz e procuraram-no por toda a parte, entre familiares e companheiros de viagem. Não o achando, seus pais voltaram a Jerusalém e foram encontrá-lo no templo conversando com os doutores das Escrituras. Todos escutavam com interesse as suas perguntas e respostas e ficavam admirados pela sua inteligência.

Quando os pais o viram e lhe perguntaram por que motivo tinha procedido assim, ficando na cidade, respondeu que o seu interesse era tratar dos assuntos de seu Pai. Entre os judeus dizia-se que o sacerdote tornava-se filho da lei aos doze anos, sendo esse o tempo adequado para o rapaz compreender e guardar a lei. Jesus aceitou essa situação na atitude de sacerdote da nova dispensação. Além disso, revelou ter conhecimento tanto da sua filiação divina como da sua missão no mundo.

Apesar de reconhecer ser filho de Deus jamais foi desobediente aos pais terrenos. Ele conhecia os mandamentos e queria cumpri-los dando a todos o exemplo da obediência aos pais. Todavia, ele não veio para fazer a vontade dos pais terrenos, mas executar o propósito e a vontade de seu Pai celestial. E isso cumpriu integralmente até o final do seu ministério terreno.

CAPÍTULO II

JESUS INÍCIA O SEU MINISTÉRIO

V. O MINISTÉRIO DE JOÃO BAPTISTA

1. A mensagem de João Baptista, Mt 3.1-12; Mc 1.1-8; Lc 3.1-18.

1 Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus. 2 Conforme está escrito no profeta Isaías: Eis que envio ante a tua face o meu mensageiro, que há de preparar o teu caminho; 3 voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas; 4 assim apareceu João, o Baptista, no deserto, pregando o baptismo de arrependimento para remissão dos pecados. (Marcos).

O evangelho de Marcos expressa Jesus como o Servo incansável, que está sempre à disposição das pessoas necessitadas. Ele jamais deixou alguém desiludido.

Voz do que clama no deserto. Marcos usou o trecho de Isaías 40.3 para provar que João Baptista era a pessoa de quem o profeta falou. Esta ideia foi tomada da prática dos monarcas orientais que, quando entravam numa expedição, ou faziam alguma viagem, enviavam precursores na sua frente a fim de nivelar os caminhos, remover todos os obstáculos, preparar alojamento para a comitiva e anunciar a sua chegada.

Pregando o baptismo do arrependimento. O reino de Deus havia chegado com Jesus, mas para entrar nele foi exigido arrependimento,

confissão e baptismo para perdão dos pecados. Isto é, quem quiser entrar no reino de Deus tem que deixar o pecado fora. Tem que ser lavado e purificado. O arrependimento prepara a alma para o baptismo, e o baptismo é o símbolo, ou a prova do arrependimento.

Aquele que vem após mim, cujas sandálias não sou digno de desatar, é mais poderoso do que eu. Isto é, aquele que vem a caminho, e já está chegando, é maior do que eu. Estava chegando o rei com o seu reino. A expressão de João “cujas sandálias não sou digno de desatar” revela a mais profunda humildade e reverência perante o rei que vem. É que desatar as sandálias era trabalho de escravo. E Jesus era Senhor.

Ele vos baptizará em Espírito Santo e fogo (Mt. e Lc.). Há contraste entre os dois baptismos. O baptismo na água é o testemunho do arrependimento, relacionado com a mudança da mente, que significa voltar em sentido oposto; enquanto o baptismo no Espírito Santo é o testemunho da santificação, relacionado com a missão a cumprir, que significa ser ungido para uma tarefa específica. Este baptismo começou no dia de pentecostes.

O baptismo de fogo tem sido interpretado de várias maneiras pelos Pais da Igreja. Alguns dizem que significa tribulações, e aflições que os crentes em Cristo são chamados a passar, e outras respostas interessantes. Mais recentemente, lê-se que significa o baptismo no Espírito Santo com fogo no dia de Pentecostes. Todavia, ninguém dogmatiza sobre qualquer das teorias. Além disso, o fogo como foi visto sobre as cabeças dos discípulos, no Pentecostes, jamais aconteceu na história da Igreja.¹

Segundo o contexto este baptismo de fogo significa o fogo da Geenna, onde serão lançados os ímpios que rejeitarem o Senhor Jesus. Senão, veja-se o contexto de Mateus 3. No contexto anterior de Mt 3.7-10 João fala aos fariseus hipócritas – raça de víboras – dizendo-lhes que as árvores que não produzem bom fruto serão lançadas no fogo – este é o fogo da Geenna. No contexto posterior do verso doze diz-lhes que com a pá que tem na sua mão limpará a eira, e re-

¹ Ver mais informação na última página do livro.

colherá o trigo no celeiro, e queimará a palha com fogo que nunca se apagará – este é a Geenna. E Jesus é soberano para agir.

O mesmo se passa no trecho de Lucas 3.9 e 17. Quem demonstrar arrependimento sincero terá direito ao baptismo em água; porém, quem isso não provar com mudança de vida receberá um baptismo no lago de fogo. Compare-se com Marcos 9.42-49. Alguns serão lançados na Geenna, onde o bicho não morre e o fogo nunca se apaga. E ainda Apocalipse 20.13,15: aqueles que não estiverem inscritos no livro da vida serão lançados no lago de fogo. Não será isso o baptismo dos ímpios?

2. O Baptismo de Jesus no rio Jordão, Mt 3.13-17; Mc 1.9-11; Lc 3.21,22;

13 Então veio Jesus da Galileia ter com João, junto do Jordão, para ser baptizado por ele. 14 Mas João o impedia, dizendo: Eu é que preciso ser baptizado por ti, e tu vens a mim? 15 Jesus, porém, lhe respondeu: Consente agora; porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então ele consentiu. 16 Baptizado que foi Jesus, saiu logo da água; e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito Santo de Deus descendo como uma pomba e vindo sobre ele; 17 e eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. (Mateus)

Jesus era mais novo que João seis meses e, por isso, esperou pela sua maioridade – trinta anos – para iniciar o seu ministério messiânico. A lei de Moisés determina que os servidores do templo só podiam iniciar o seu ministério aos trinta anos de idade (Nm 4) e Jesus não fugiu à regra. Ele teria de cumprir toda a lei. Como Senhor, sacerdote, profeta e rei, satisfaz integralmente toda a lei. Nada deixou por executar.

Visto que João foi enviado por Deus para o apresentar ao mundo, Jesus procura-o para ser baptizado por ele. Ao vê-lo, João apresentou-o como o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo e disse-

lhe: *“Eu preciso ser baptizado por ti e vens tu a mim?”* Jesus respondeu: *“Deixa... assim nos convém cumprir toda a justiça”*. Embora não tivesse pecado, submeteu-se ao baptismo identificando-se, deste modo, com os pecadores. Antes de iniciar a sua especial missão fez-se baptizar na água por João, e, imediatamente, foi baptizado pelo Pai que o ungiu para o mandato que lhe entregara.

Quando saía da água, João viu o Espírito Santo em forma de pomba descer sobre Jesus e ouviu uma voz do céu dizendo: *“Este é o meu Filho amado em quem me comprazo”*. O Espírito Santo assumiu a forma simbólica duma pomba de modo a ser visível por olhos físicos que pudessem testemunhar o glorioso facto. Jesus tinha sido baptizado por João e ungido pelo Pai para o cumprimento da missão mundial a que estava destinado. O Messias Redentor estava pronto para iniciar a sua nobre missão salvadora. Dali em diante Ele iria consolar os tristes, libertar os oprimidos, curar os enfermos e anunciar o ano aceitável do Senhor.

3. A tentação de Jesus no deserto da Judeia, Mt 4.1-11; Mc 1.12,13; Lc 4.1-13

Jesus, cheio do Espírito Santo, dirigiu-se para o deserto, onde permaneceu quarenta dias e noites, assim como Moisés e Elias. Aquela região desértica era habitada somente por feras, ladrões e alguns beduínos. Naquele tempo teve fome, e o diabo aproveitou a ocasião para tentá-lo a provar a sua filiação divina operando milagres. Enquanto a divindade de Jesus não podia ser tentada, a sua humanidade foi assaltada nas três grandes áreas do nosso ser: física, espiritual, e intelectual.

Tal como na tentação do primeiro Adão, satanás fez o primeiro assalto contra a natureza física de Jesus. Transformar pedras em pão não seria impossível a Ele, porém, preferiu não satisfazer os caprichos de Satanás e continuar com fome. Marcos esclarece-nos que, nessa ocasião, o Senhor recebeu o ministério dos anjos. Então, Jesus usou a espada do Espírito: *“Está escrito: Nem só de pão viverá o*

homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Dt 8.3). Adão caiu no primeiro assalto, Jesus resistiu.

No segundo assalto Satanás atacou o espírito humano de Jesus, o receptáculo da graça divina e do poder através da fé. Lançar-se do pináculo do templo (Sl 91.2) não lhe seria difícil nem perigoso. Mas, novamente escolheu usar a espada do Espírito para repreender o diabo e não mostrar as suas habilidades fazendo espectáculo para ele, dizendo: *“Também está escrito: Não tentarás ao Senhor teu Deus”* (Dt 6.16).

O diabo recebeu os reinos do mundo das mãos de Adão e agora queria fazer negócio com o legítimo herdeiro. Este terceiro assalto foi dirigido ao admirável intelecto de Jesus. Quanto maior for o intelecto maior será a ambição. Mas, receber os reinos do mundo da mão de satanás estava fora de questão. Ele preferiu recebê-los das mãos de seu Pai no tempo apropriado e não adorar Satanás (cf. Ap 11.15). Novamente usou a espada do Espírito para afastar o adversário dizendo: *“Vai-te Satanás, porque está escrito: só ao Senhor teu Deus adorarás e só a Ele servirás”* (Dt 6.13). O diabo afastou-se derrotado e os anjos apareceram para servi-lo. Jesus é vitorioso.

4. João testemunha perante a comissão enviada de Jerusalém, Jo 1.19-30

João estava baptizando em Betânia, no lado oriental do Jordão, a 40 kms de Jerusalém. Os sacerdotes enviaram-lhe uma comissão para saber se ele era o Messias e porque estava baptizando. João repetiu aquilo que vinha afirmando desde o princípio. Confessou abertamente que não era o Messias, mas uma simples voz no deserto que preparava o seu caminho. Ele era o cumprimento da profecia de Isaías para convidar o povo a aceitar o enviado de Deus (Is 40.3). João estava ali em obediência ao mandato divino. Mas no meio deles estava um, maior do que ele, que não conheciam, ao qual ele nem era digno de desatar a correia das sandálias. Deste modo, e como isto era serviço de escravos, João prestou as devidas honras a Jesus.

No dia seguinte, após Jesus ter passado os quarenta dias no deserto, procurou novamente João. Este, ao vê-lo, identificou-o como *o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*. Ele viera para ser sacrificado, tal como os cordeiros o eram no Templo, diariamente, para remissão dos pecados. Era aquele que proclamava, segundo a profecia, e que existia antes dele, embora fosse mais novo seis meses. Apesar de Jesus ser mais novo seis meses, João confessou que Ele já existia antes dele. Deste modo, reconheceu a pré-existência de Jesus e a sua filiação divina.

5. Os primeiros discípulos de Jesus, Jo 1.35-51

No dia seguinte, Jesus passava pelo mesmo local e João proclamou novamente, dirigindo-se aos seus discípulos: *“Eis o cordeiro de Deus”*. Imediatamente, dois deles não hesitaram em segui-lo. Um era André que, ao encontrar-se com seu irmão Pedro, transmitiu-lhe que haviam achado o Messias e levou-o a Jesus. O Senhor olhou profundamente para ele, observou o seu coração e disse: *“Tu és Simão, filho de João; tu serás chamado Cefas”*. Cefas é o vocábulo aramaico que significa Petros em grego, e pedra em português. Jesus quis inspirar em Simão a ideia de nova criatura, com solidez e estabilidade, dando-lhe um nome ilustrativo. Ele passaria a ser como uma rocha.

Jesus deixou a Pereia e rumou para a Galileia. Ali encontrou-se com Filipe e convidou-o a segui-lo. Este aceitou acompanhá-lo e, por sua vez, ao encontrar Natanael informou-o do famoso achado. À primeira vista, Natanael duvidou que Nazaré tivesse dado alguém que cumprisse perfeitamente a profecia sobre o Messias. Porque daquela aldeia humilde não havia sequer saído um rabi. Mas Jesus, ao vê-lo, fitou-o nos olhos e disse que estava ali um verdadeiro israelita, sem dúvida alguma. Natanael ficou impressionado pela afirmação correcta do Senhor, visto que nunca se tinham encontrado antes. *“Antes que Filipe te chamasse, eu te vi quando estavas debaixo da figueira”*. O Senhor sabe o nosso nome e conhece a nossa posição. Ninguém pode

fugir à sua aguçada percepção. Ninguém pode ocultar-lhe seja o que for.

Durante aquele encontro com Jesus, Natanael foi convencido da realidade e confessou que Jesus era Rabi, Filho de Deus e Rei de Israel. Vejamos como um encontro com o Senhor pode mudar uma ideia errada a seu respeito. Ah! Agora já acreditas no testemunho dos meus amigos? Então, Jesus assegurou-lhe que dali em diante teria a oportunidade de ver coisas maiores, ou seja, a cooperação dos anjos no seu ministério em favor dos necessitados.

Ora, os evangelistas relatam-nos de forma maravilhosa a maneira como Ele operava grandes sinais entre o povo. E, por esse motivo, era seguido pelas multidões que acreditavam nele.

6. O primeiro milagre de Jesus na Galileia, Jo 2.1-11

É suposto que Maria não tivesse ainda visto um milagre operado pelo filho e achou a ocasião oportuna para ele manifestar o seu poder. Naquele casamento, reconhecemos que Jesus não reconheceu supremacia da maternidade de Maria, contudo, usou no tratamento com a mãe uma palavra que, no Oriente, significa grande respeito. “*Ó mulher, o que há entre mim e ti?*” É como se Ele tivesse dito: Mulher, a nossa missão não é prover o necessário à festa; isso pertence a outros que deviam ter providenciado o suficiente para os convidados. Além disso, ainda não chegou a minha hora.

Mesmo assim, Jesus ordenou aos serventes para encherem aquelas vasilhas de água. Eram seis talhas de pedra que levariam cada uma cerca de 40 litros. Eles obedeceram e o primeiro milagre aconteceu criando um vinho mais saboroso do que o anterior. Aqui temos uma maravilhosa ilustração da regeneração. Aquele que tem poder sobre a natureza das coisas, transformando água no melhor vinho, pode muito bem operar nos seres humanos e transformar suas vidas para melhor.

Este relato de João comprova que Jesus não operou quaisquer milagres antes desta ocasião e desautoriza os evangelhos apócrifos

que apresentam o menino a fazer passarinhos e a pô-los a voar. Com este primeiro facto poderoso em Caná, Jesus manifestou a sua glória, e os discípulos confiaram que Ele era de facto o Messias prometido. Os milagres ainda são necessários para glorificar a Deus, confirmar a fé das pessoas, e suprir as suas necessidades.

VI. JESUS INICIA O SEU MINISTÉRIO NA JUDEIA

1. Jesus purifica o templo pela primeira vez, Jo 2.12-25

A páscoa começava aos 14 de Abib, desde o Êxodo do Egipto, quando, pelo sinal do sangue do cordeiro, pintado nas portas, os israelitas saíam para a liberdade. Esse cordeiro sacrificado por cada família tipificava o Cordeiro de Deus que um dia seria sacrificado no Calvário para libertar os pecadores da escravidão do Satanás.

Chegando Jesus ao templo, viu os negociantes das coisas essenciais à festa vendendo no lugar inadequado e começou a expulsá-los do recinto. A casa de seu Pai não serve para negócio nem para esconderijo de ladrões. Eles não estavam propriamente no templo, mas na área reservada para os adoradores nas grandes festas. No zelo de Jesus e na limpeza da casa de Seu Pai vemos uma verdadeira manifestação da sua divindade.

Perante este facto, os judeus pediram-lhe um sinal que provasse a origem da sua autoridade para fazer aquilo. O maior sinal que lhes deu foi desafiá-los a matá-lo e a promessa de que ao terceiro dia havia de ressuscitar. Ele recebera a autoridade de Seu Pai, o Senhor daquela casa, e, como Filho, tinha que zelar pelos seus interesses. Após a sua ressurreição, os discípulos lembraram-se das suas palavras e, crendo no cumprimento das Escrituras, confirmaram a sua fé nele.

O facto de João dizer que Jesus não confiava neles era por saber que a natureza do homem está caída, é falível e instável. É por isso que precisa da regeneração.

2. Jesus declara a exigência da regeneração, Jo 3.1-21

1 Ora, havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus. 2 Este foi ter com Jesus, de noite, e disse-lhe: Rabi, sabemos que és Mestre, vindo de Deus; pois ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele. 3 Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. 4 Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer? 5 Jesus respondeu: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. 6 O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. 7 Não te admires de eu te haver dito: Necessário vos é nascer de novo. (...) (João)

Nicodemos era um judeu culto, mestre, líder e membro do Sinédrio. Mas, Jesus esclareceu-o que esses factores não lhe concediam o direito ao reino de Deus. É preciso nascer de novo. Esta expressão, no grego, significa nascer de cima, espiritualmente, de Deus. Paulo ensinava que “assim como em Adão todos morrem, do mesmo modo em Cristo serão vivificados” (1 Co 15.22). É pelo novo nascimento que os crentes em Cristo se tornam filhos de Deus. E, é mediante esta filiação que nos tornamos a grande família de Deus, onde todos somos irmãos.

Em seguida, Jesus fez alusão à serpente que foi levantada no deserto para salvação dos que eram mordidos por elas. Ele quis referir-se à sua morte redentora numa cruz, para que todo o contaminado pelo veneno do pecado e que crê nele não morra condenado, mas tenha a vida eterna (vv. 14,15). O maravilhoso plano da salvação fundamenta-se no grande amor de Deus. Era imperativo que o seu Filho fosse sacrificado pelos pecadores. Mas a salvação, propriamente dita, depende da fé naquele sacrifício. Quem crê nele jamais será condenado.

João diz que “a luz veio ao mundo e os homens amaram mais as trevas do que a luz” (19). Preferem as trevas para realizarem as suas obras iníquas. Por isso, já estão condenados pelo facto de rejeitarem a luz de Cristo. A sua rejeição é a maior loucura, visto que sem Cristo é impossível uma vida nova. Jesus declarou-se a luz da vida, que veio ao mundo, porém, os homens amaram mais as trevas da morte do que a luz da vida. Por isso, quem não crê nele já está condenado, mas quem confia nele não será condenado, nem no presente nem no futuro.

3. A atitude de João Baptista acerca de Jesus, Jo 3.22-36

Os discípulos de João, mordidos de ciúme porque Jesus também estava baptizando, apressaram-se a notificá-lo desse facto. Porém, ele não ficou perturbado nem ciumento. João admitiu que se Jesus estava praticando o baptismo era porque lhe tinha sido ordenado por Deus. Ele sempre negou ser o Messias; mas era, isso sim, o enviado na frente de Jesus a preparar o seu caminho. João referia-se à missão dos delegados enviados antecipadamente a fim de preparar o caminho e a pousada para o seu senhor e a respectiva comitiva.

João respondeu que se Jesus estava baptizando era porque tinha recebido autorização de Deus. Agora, recordava-lhes que sempre afirmara não ser o Messias. Ele não era senão o amigo do noivo, que fazia os preparativos para as bodas e se alegrava com a chegada do noivo. O Messias tinha chegado e João regozijava-se com isso. Agora é necessário “que Ele cresça e que eu diminua”. João admitiu mesmo que Jesus era maior do que ele e deu-lhe toda a honra. Confessou que Ele veio de cima e falou da sua experiência no céu. Ele é soberano sobre todos. Enquanto João, que veio de baixo, da terra, e falava das coisas terrenas, não passava dum simples súbdito.

VII. JESUS RETIRA-SE PARA A GALILEIA POR SAMARIA

1. Motivos por que Jesus deixou a Judeia, Mt 4.12; Mc 1.14; Lc 3.19,20 e 4.14; Jo 4.1-3

14 Ora, depois que João foi entregue, veio Jesus para a Galileia pregando o evangelho de Deus 15 e dizendo: O tempo está cumprido, e é chegado o reino de Deus. Arrependei-vos, e crede no evangelho. (Marcos)

Depois da prisão de João, Jesus afastou-se para a Galileia, tomando alguma precaução a fim de evitar a possível interrupção do seu ministério. Nessa deslocação sentiu necessidade de passar por Samaria, pois sabia que uma mulher pecadora precisava da sua ajuda (Jo 4.4). Estando cansado da jornada, e com sede, sentou-se junto ao poço de Jacó, em Sicar (Siquem). Entretanto, uma mulher samaritana chegou a buscar água para sua casa, e Jesus pediu-lhe de beber.

Ela estranhou que um judeu lhe dirigisse a palavra e respondeu: “Como sendo tu judeu me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?!”. Os samaritanos eram estrangeiros instalados ali aquando da deportação de Israel para a Babilónia. Por isso não existiam boas relações entre eles e os judeus. Respondeu Jesus à mulher: “Se tu conhecesses o dom de Deus e quem é o que te diz dá-me de beber, tu lhe pedirias e ele te daria água viva”. Deste modo, o Senhor despertou a sede espiritual na mulher para que ela aceitasse a sua mensagem renovadora. Mas ela, desconhecendo o significado daquelas palavras, pediu água natural para satisfazer o físico. Todavia, a água que Jesus dá é espiritual para satisfação do espírito. Quando ela pediu daquela água, Jesus ordenou-lhe que fosse buscar o seu marido, porque bem sabia Ele que já havia tido cinco homens e o actual não era seu marido.

Durante a conversa aquela mulher descobriu que estava perante um profeta e fez-lhe uma pergunta pertinente. Os seus antepassados

construíram um local de culto naquele monte, em Gerizim, e ensinaram que deviam adorar ali. Todavia, os judeus alegavam que o verdadeiro local de adoração era no templo que estava em Jerusalém porque tinha sido escolhido por Deus. Afinal, qual seria o verdadeiro local de adoração? Interrogou a mulher. Jesus respondeu que o mais importante é saber que a salvação veio dos judeus. E tinha chegado o tempo em que os verdadeiros adoradores adorariam a Deus em espírito e em verdade. Porque Deus é Espírito e procura ser adorado dessa maneira. Quando fizerem isso todos os lugares serão bons para o efeito.

Naquela entrevista, Jesus revelou-lhe o pecado, o verdadeiro Deus e quem são os verdadeiros adoradores (Jo 4.23,24). A mulher, então, declarou que também estavam esperando o Messias e que ele lhes diria toda a verdade. Abertamente, o Senhor revelou-se à mulher como o Messias profetizado dizendo: “*Eu sou, eu que falo contigo*” (Jo 4.25,26). Ela teve o privilégio de encontrar-se com aquele de quem falavam as Escrituras e que esperava conhecer. Quem o busca o achará.

Imediatamente, deixou o cântaro junto ao poço, e foi à cidade convidar a todos para verem o Messias. Em vista do seu testemunho, muitos foram ver quem seria esse messias tão exaltado por aquela mulher de má fama. Depois do encontro e de ouvirem as suas palavras creram e confessaram que Ele era o Messias, o Salvador do mundo.

a saúde dum jovem, igualmente para regozijo de todos. Ele sente prazer em alegrar as pessoas, pois é o mesmo ontem, hoje e eternamente.

CAPÍTULO III

SEU GRANDE MINISTÉRIO NA GALILEIA

VIII. COMEÇO DO MINISTÉRIO GALILEU

1. Jesus operou o segundo milagre em Caná, Jo 4.46-54

46 Foi, então, outra vez a Caná da Galileia, onde da água fizera vinho. Ora, havia um oficial do rei, cujo filho estava enfermo em Cafarnaum. 47 Quando ele soube que Jesus tinha vindo da Judeia para a Galileia, foi ter com ele, e lhe rogou que descesse e lhe curasse o filho; pois estava à morte. (João)

Jesus deixou a grande Judeia e retirou-se para a menos populosa Galileia, onde não fariam muito alarido sobre o seu ministério, nem interromperiam o seu trabalho precipitando a sua coroação. O seu crescimento e residência em Nazaré evitaria a excitação popular para coroá-lo rei antes de cumprir o ministério da cruz.

Uma vez ali, apareceu um oficial romano intercedendo pelo seu filho que estava quase à morte, em Cafarnaum. O Senhor simplesmente respondeu: *Vai, o teu filho vive*". O homem não duvidou e partiu confiante na sua palavra. Quando ia no caminho foi informado que seu filho tinha melhorado à uma hora da tarde. Ao ouvir isso, o oficial revelou que a essa mesma hora Jesus lhe falara aquelas palavras de fé e ânimo.

Jesus operou este segundo milagre na mesma localidade da Galileia. Primeiro operou sobre a natureza, transformando água em vinho para alegria de todos. Depois agiu sobre a vida humana, melhorando

2. Jesus foi rejeitado pela primeira vez em Nazaré, Lc 4.16-30

Quando Jesus chegou a Nazaré foi à Sinagoga, como era seu costume, e recebeu o livro de Isaías para ler. Ao abri-lo, provavelmente na parte destinada àquele dia, achou o lugar da profecia a seu respeito e leu para todos (vv. 18-20). Depois, sentou-se para comentar e ensinou que aquela profecia estava sendo cumprida naquela ocasião. Pois Ele tinha sido ungido para anunciar o evangelho do reino, libertar os oprimidos, curar os enfermos, tanto espirituais quanto físicos, operar maravilhas, e proclamar que a era messiânica chegara com a sua presença e ministério.

Apesar de todos apreciarem a sua mensagem e a forma como ele ensinava, interrogavam-se dizendo: "Não é este o filho de José?" Como podia um homem, criado na obscura Nazaré e sem cultura acadêmica, aprendida aos pés de algum grande rabino, possuir tais conhecimentos e ensiná-los de forma tão graciosa?! Ele reconheceu que estava sendo rejeitado pelos seus conterrâneos e disse que nenhum profeta é bem recebido na sua terra. Então, usou as experiências de Elias e Eliseu para revelar que o seu grande ministério seria entre os gentios. Eles estariam prontos a recebê-lo.

Ao ouvir isto, os seus adversários ficaram furiosos e decidiram libertar-se dele. Expulsaram-no da cidade e levaram-no até um despenhadeiro, em cujo sistema Nazaré estava edificada, para o lançarem dali abaixo e lhe provocarem a morte. Provavelmente, queriam esconder o crime com um acidente do próprio Jesus. Todavia, a sua morte deveria acontecer doutra maneira. Ele esperava pela cruz. Destemido, e dominando a situação, retirou-se, sem que lhe tenham feito mal algum. Ele é Senhor.

3. Jesus fixou residência em Cafarnaum, Mt 4.13-16; Lc 4.31

Jesus resolveu abandonar a sua cidade e seguir para Cafarnaum, a fim de habitar ali. Esta cidade, a noroeste do mar da Galileia, tornou-se o seu lar pelo resto do seu ministério. A Galileia dos gentios significa que era uma região de população mista sujeita a influências estrangeiras, muito desconhecadora da verdade, e, portanto, em trevas. Com o ministério de Jesus, esse povo, cujo estado espiritual era deveras baixo, recebeu o privilégio de conhecer a verdade e melhorar a sua condição espiritual.

Havia o propósito de cumprir outra profecia de Isaías: “*O povo que estava em trevas viu uma grande luz*”. João testemunhou que Jesus era a luz do mundo. “Ali estava a luz verdadeira que alumia a todo o homem que vem ao mundo” (Jo 1.5,9). O próprio Jesus disse de si: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8.12). O seu carácter, o seu exemplo, a sua vida, a sua humildade, e o seu ministério, são ainda uma luz que alumia mentes às escuras.

4. Jesus chama quatro pescadores para os fazer pescadores de homens, Mc 1.16-20; Mt 4.18-22; Lc 5.1-11

Esta é a chamada definitiva para formar o colégio apostólico. O reino de Deus não é alcançado em isolamento. É formado pela colaboração de todas as pessoas de boa vontade. O próprio Jesus careceu da colaboração de outros e escolheu alguns para estarem mais perto dele em preparação para o ministério. Ele fundou uma escola bíblica teórico-prática onde homens e mulheres dedicados aprenderam a recrutar discípulos para o reino de Deus.

Lucas informa-nos que Jesus entrou no barco de Simão e convidou-o para se afastar um pouco da terra. Então, assentando-se, começou a ensinar a multidão. Ele iniciou o reino de Deus através do ministério de ensino e entregou essa missão aos seus discípulos nesta

ordem: *discipular, baptizar e ensinar*. (Cf. Mt 28.19,20). Ele conhecia muito bem a natureza humana, as técnicas do discipulado e como usá-las. Tinha que ensinar essa prática aos apóstolos para que continuassem o seu ministério logo que deixasse este mundo.

Jesus quis dar uma lição de pesca e pediu a Simão que levasse o barco para o mar alto e lançasse as redes. Obedecendo à sua palavra, afastaram-se da praia e, em pouco tempo, apanharam tão grande quantidade de peixes, onde antes não pescaram nada, que tiveram de pedir ajuda aos companheiros para levantar as redes. Este facto provocou grande espanto em Pedro e um forte sentimento de indignidade, de modo a exclamar: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador”.

Na presença do santo Filho de Deus, quem se não sentirá indigno e destituído de méritos para enfrentá-lo?!

5. Jesus causa grande admiração em Cafarnaum, Mc 1.21-28; Lc 4.31-37

Jesus dirigiu-se para Cafarnaum e começou a ensinar na Sinagoga. Ali maravilhavam-se do seu ensino e dos seus milagres a ponto de interrogarem que nova doutrina seria aquela. Ele ensinava a velha doutrina do Pai, mas com autoridade também do Pai. Dizia: “*Eu falo do que vi junto de meu Pai*” (Jo 8.38).

O motivo da sua admiração era este: Naquela localidade não havia escolas normais, nem oportunidades de educação. Existiam somente os colégios rabínicos em Jerusalém para formação dos líderes, e sabiam que Jesus jamais frequentara algum. Todavia, o seu ensino maravilhava-os. É correcto concluir que a qualidade do seu ensino comprova a sua origem divina.

Na Sinagoga estava um homem com um espírito imundo, o qual demonstrou conhecer Jesus exclamando para todos ouvirem: “*Jesus Nazareno, vieste destruir-nos? Bem sei quem és, o santo de Deus*”. Jesus não se deixou iludir com aqueles louvores e, repreendendo o

espírito maligno, libertou o homem e todos ficaram maravilhados. O alvo principal de Jesus era destruir as obras do diabo (1 Jo 3.8).

Jesus veio para retirar o que Satanás havia introduzido no coração do homem. Ele veio libertar as pessoas do pecado, do mal e do poder do diabo, e, isso era sinal de que o reino de Deus tinha chegado. O domínio do adversário foi assaltado e Jesus saiu vencedor. No último assalto será a vitória final.

Os ensinamentos e as obras poderosas de Jesus contribuíam para que a sua fama se divulgasse por toda a parte e as pessoas desejassem ter pelo menos um encontro com Ele. Por este motivo, também levavam junto dele os que sofriam enfermidades para que, com a sua virtude, os curasse. Jesus jamais ficou indiferente a qualquer que o procurou. Atendia a todos e a todos abençoava.

6. Jesus cura a sogra de Pedro e muitos doentes, Mc 1.29-34; Mt. 8.14-17; Lc 4.38-41

29 Em seguida, saiu da sinagoga e foi a casa de Simão e André com Tiago e João. 30 A sogra de Simão estava de cama com febre, e logo lhe falaram a respeito dela. 31 Então, Jesus, chegando-se e tomando-a pela mão, a levantou; e a febre a deixou, e ela os servia. (Marcos)

Ao sair da Sinagoga Jesus dirigiu-se à casa de Simão Pedro numa visita pastoral. Lucas diz que a sogra dele estava com muita febre. Quando o informaram do sofrimento da mulher abeirou-se dela e, pegando-lhe pela mão, logo a febre a deixou. A sua cura foi tão decisiva que, levantando-se imediatamente, ocupou-se no trabalho de casa e serviu-lhes uma refeição. Mateus informa-nos que estes factos eram o cumprimento da profecia de Isaías 53.4 que diz: “*Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças*”.

Jesus tinha sempre o cuidado de impedir os demónios de divulgarem a sua natureza divina, porque bem o conheciam, a fim de não

apressar o seu sacrifício. Queria proteger-se para cumprir o seu ministério evangelístico e para oferecer-se em sacrifício, no tempo adequado, na festa da páscoa em Jerusalém.

IX. JESUS ENFRENTA FAMA E HOSTILIDADE

1. A sua primeira viagem evangelística pela Galileia, Mc 1.35-39; Mt 4.23-25; Lc 4.42-44

Tendo como centro de irradiação a cidade de Cafarnaum, Jesus queria atingir outros lugares com o evangelho do reino. Por isso, bem de madrugada, saiu para o campo e ali orava suplicando a bênção para o seu ministério. Alguns dos discípulos procuraram-no até que o encontraram isolado em comunhão com o Pai. Quando lhe comunicaram que era procurado por todos, Ele manifestou como seu principal interesse visitar outras localidades para também lhes transmitir o evangelho do arrependimento.

Jesus deslocava-se, então, pelas cidades vizinhas acompanhado pelos seus quatro discípulos Pedro, André, Tiago e João, pregando a palavra viva que produz vida abundante. O principal interesse do Senhor era fazer crescer o reino de Deus e diminuir o de Satanás. O seu ministério foi sempre marcado por três características muito especiais: *Pregar o evangelho do reino, curar os enfermos nas cidades, e ensinar nas sinagogas.*

Mateus informa-nos que, por este motivo, a sua fama atingiu toda a Síria, e o seguiam grandes multidões da Galileia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judeia, e dalém do Jordão. A Igreja de Cristo recebeu dele este ministério tríplice e tem de cumpri-lo até que volte em poder e glória para tê-la consigo para sempre. Ela recebeu poder de Deus para levar a efeito a maior campanha de guerra e conquistar o domínio mundial a Satanás. Mas Jesus avisou que: “*sem mim nada podeis fazer*”.

Jesus é imprescindível em todas as áreas da nossa vida, porque as conhece perfeitamente, e pode orientar-nos a realizar a vontade do

nosso Pai celestial. O Seu Espírito Santo concede-nos a possibilidade de viver vidas vitoriosas para glória de Deus e benefício da sociedade onde estamos inseridos. Jesus é indispensável na salvação, na família, no trabalho, na escola, etc. Em tudo Ele é essencial e necessário. Ninguém pode dispensá-lo.

2. A cura dum leproso causa grande agitação popular, Mc 1.40-45; Mt 8. 2-4; Lc 5.12-16

Os leprosos eram separados da sociedade sã para não a contaminarem com a sua doença contagiosa. Quando ouviam falar de Jesus, que estava curando os enfermos, eles recobravam alguma esperança de saúde e esforçavam-se para ter um encontro com o divino médico. Talvez Ele, na sua misericórdia, operasse nas suas vidas e, deste modo, voltassem à comunhão dos familiares e da sociedade que os rejeitara.

Um deles, destemido, abeirou-se do Senhor e ajoelhado suplicou-lhe a cura do seu corpo. Ele usou uma expressão muito significativa: *“Se quiseres, bem podes limpar-me”*. Imediatamente, o Senhor não receou estender a sua mão e respondeu: *“Quero, sê limpo”*. E, tocando-lhe no corpo, ordenou-lhe que se mostrasse ao sacerdote para ele confirmar a sua cura e servir de testemunho. Jesus jamais negou a sua bênção a alguém que o procurou. Ele é misericordioso e está sempre pronto para responder ao clamor dos aflitos. Mas também espera confirmação dos factos para o seu nome não ser vexado.

O homem foi curado e advertido para não divulgar o acontecimento antes de se mostrar ao sacerdote. Mais uma vez Jesus quis ocultar a sua messianidade, impedindo assim de ser coroado rei prematuramente, a fim de proteger o seu ministério profético. Porém, o homem começou imediatamente a testemunhar abertamente do milagre operado no seu corpo pelo Senhor, e, divulgando-se a Sua fama, de todos os lados iam procurar a Sua ajuda.

3. Jesus cura um paralítico descido pelo telhado, Mc 2.1-12; Mt 9.1-8; Lc 5.17-26

Jesus queria percorrer as localidades pregando o evangelho do reino. Em certa aldeia, quatro amigos decidiram levar um paralítico à presença de Jesus na esperança da sua cura. Quando chegaram, não puderam entrar na casa por causa da multidão. Apesar das dificuldades, aqueles homens demonstraram a sua fé pela acção. Subiram ao telhado e dali desceram o doente até aos pés do Senhor. Jesus avaliou a fé deles e, primeiramente, concedeu o perdão dos pecados ao doente.

Alguns escribas presentes começaram logo a murmurar dizendo: *“Quem pode perdoar pecados, senão só Deus?”*. Cristo, então, provou que tem autoridade, tanto para perdoar pecados como para curar enfermidades, curando fisicamente aquele homem. E, para que não houvesse dúvida, ordenou que pegasse na sua cama e fosse para casa. Acto contínuo, o paralítico obedeceu e começou a caminhar. Jesus é assim. Embora sendo verdadeiro homem, é também verdadeiro Deus. Ele é poderoso.

Observamos que todo o ministério de Jesus consistia em beneficiar o homem na sua totalidade. Perdoar pecados no interesse do espírito. Expulsar demónios no interesse da alma. E curar enfermos no interesse do corpo. Esta é a sua gloriosa missão como redentor da humanidade. Ele entregou este ministério integral à Igreja a fim de continuar a transmitir a sua bênção ao mundo. E, antes de ascender ao céu, confirmou aos discípulos que tinha recebido todo o poder no céu e na terra. Portanto, sob essa autoridade, deviam ir por todo o mundo e discipular, baptizar, ensinar e curar.

4. A conversão de Levi, (Mateus) o publicano, Mc 2.13-17, Mt 9.9-13, Lc 5.27-32

O ministério fundamental de Jesus era ensinar porque é o ensino que edifica as pessoas e a Igreja de Cristo. Por causa da qualidade do

seu ensino as pessoas procuravam-no para ouvi-lo e receber a sua bênção. Ainda que estivesse no deserto, na montanha, ou à beira do mar, aí estavam as multidões para escutá-lo e aprender com Ele.

Quando se dirigia para a beira-mar, viu um funcionário público que estava recebendo os impostos para enviá-los a Roma. Era Levi, chamado também Mateus no evangelho que traz o seu nome. Esta classe profissional era desprezada pelos judeus devido a estarem ao serviço dum governante opressor. Mas, visto que Jesus não despreza quem quer que seja, olhou para aquele homem, fitou-o nos olhos, e disse: “*Segue-me*”. Ele, deixando o seu trabalho, seguiu Jesus e recebeu um serviço mais nobre. Primeiro, Jesus convida os desprezados para o seguirem. Depois, convida os ocupados para o servirem.

Jesus jamais se afastou dos pecadores e dos desprezados. São mesmo estes que Ele procura porque são os mais carenciados. Não são os sãos que precisam de médico, mas sim os doentes. Disse Ele: “*Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento*” (Lucas). Este deve ser também o propósito do nosso relacionamento com os descrentes, salvá-los.

5. Jesus proferiu três pequenas parábolas em defesa dos seus discípulos, Mc 2.18-22; Mt 9.14-17; Lc 5.33-39

Se os discípulos de João e os fariseus jejuavam, por que motivo os discípulos de Jesus não faziam o mesmo? Por que não cumpriram eles o ritual estabelecido pela tradição? Queriam saber os fariseus, mais interessados em tradições do que com a realidade da Palavra de Deus. Jesus respondeu-lhes usando três pequenas parábolas, mas muito instrutivas. Esta era uma característica especial do seu ensino.

Jejuar enquanto está o noivo presente? Será lógico que os convidados para as bodas de casamento jejuem enquanto está o noivo presente? Claro que não. Aqueles são momentos de alegria, de folgado e comida. Quando o noivo se retirar todos voltam a suas casas e podem jejuar quando e como quiserem. Durante a ausência de Jesus todos têm motivo para jejuar como sinal de tristeza pelo pecado e

decadência deste mundo. E como sinal do anseio pela volta do Senhor, até que digam: “Bendito o que vem em nome do Senhor”.

Deitar remendo novo em vestido velho? O remendo de pano novo não é compatível com o pano envelhecido e desbotado da roupa a consertar. Quando era rapaz observei que esses remendos, embora durassem algum tempo, resultavam em rotura maior. A parábola ensina que a nova mensagem de Cristo não é compatível com a velha tradição judaica, a qual Ele repudia com a expressão: “E vós, por que transgredis o mandamento de Deus por causa da vossa tradição?” (Mt 15.3).

Deitar vinho novo em odres velhos? Tem a mesma explicação. O vinho novo devia ser colocado em odres novos, nunca antes usados. Doutra sorte, corriam o risco de arruinar o vinho, ou mesmo perdê-lo por se romperem os odres. A fermentação esticaria as peles de forma a rebentarem e a perder-se o vinho que comportassem. O vinho novo é a mensagem de Cristo, incompatível com os processos tradicionais judeus. Por isso, é que Jesus exigiu a Nicodemos a necessidade de nascer de novo para ser uma nova criação. Nem ele, nem ninguém, suportará a sua mensagem sem arrependimento e conversão a fim de se tornar uma nova criatura. Cristo espera a conversão das pessoas de forma a tornarem-se uma nova criação nele.

6. Jesus defende os discípulos da crítica dos fariseus por causa do sábado, Mc 2.23-28; Mt 12.9-14; Lc 6.1-5

Colher uma espiga de trigo, ou de cevada, para ir comendo pelo caminho era normal. Mas no dia de sábado?! Isso não devia ser feito porque era proibido por tradição. Os fariseus era tão escrupulosos no cumprimento da lei que ultrapassavam o significado da mesma. O propósito de Deus ao criar o sábado foi providenciar um dia de descanso tanto para os homens como para os animais que o ajudam nas tarefas diárias. Seria um dia dedicado à comunhão entre Deus e o homem.

Jesus defendeu-se daquela acusação com o caso de David. Quando ele fugia de Saúl com os seus homens, tiveram fome e procuravam que comer. David foi ao templo e pediu ao sacerdote cinco pães, e mais alguma coisa, para matarem a fome. Deste modo, ao usarem o pão do templo, transgrediram a Palavra do Senhor que concedia unicamente aos sacerdotes o privilégio de comer o pão da proposição. Apesar disso, ficaram todos sem condenação. Ainda que o sacerdote era o principal responsável.

Primeiro, o sábado foi feito para beneficiar o homem, não para oprimi-lo. Além disso, colher algumas espigas pelo caminho não era trabalho que transgredisse a lei, como fizera David.

Segundo, Jesus não veio para condenar, mas para salvar. Ele está sempre pronto a defender os seus amigos das críticas infundadas.

Terceiro, se David com os seus homens e o sacerdote puderam desprezar as proibições sabáticas e ficar inculpáveis por causa de coisas mais importantes (1 Sm 21.1-6); quanto maior é Jesus para, com os seus homens, poder fazer do sábado o que muito bem entender sem transgredir a lei? Ele é Senhor do sábado, e não súbdito do sábado.

7. Jesus cura um homem no sábado e defende-se dos fariseus, Mc 3.1-6; Mt 12.9-11; Lc 6.6-11

Entrando numa sinagoga, no dia de sábado, Jesus viu ali um homem que tinha uma das mãos mirrada. Compassivo, manifestou o seu altruísmo restaurando a mão daquele homem. Ficou logo exposto à crítica e à trama dos seus adversários para matá-lo. Mas, o Senhor tem mais interesse no bem das pessoas e não hesita praticá-lo mesmo no sábado. Por isso, chamou o homem e interrogou. “*É lícito no sábado fazer bem ou fazer mal?*” Como se calaram, mandou-lhe estender a mão e todos observaram mais um milagre. O ser humano é mais importante do que o sábado. João escreveu desta maneira uma resposta de Jesus sobre a questão do sábado: “Meu Pai trabalha até ago-

ra, e eu trabalho também” (Jo 5.17). Deste modo, Jesus denuncia o fanatismo sabático.

Observamos ainda que Jesus manifestou um misto de indignação e compaixão. Ele estava indignado pelo facto de aqueles fanáticos darem mais importância às regras tradicionais do que à saúde das criaturas de Deus. E sentiu compaixão deles por causa da dureza dos seus corações. Mas eles não tinham compaixão de Jesus e logo procuraram formar uma coligação para o matar. Notemos como os adversários de Jesus se uniram para liquidar os seus propósitos. Não deveriam os cristãos fazer o mesmo para destruir os projectos de Satanás? Que Deus nos ajude a isso.

X. JESUS FUNDA UM REINO E PROCLAMA UM CÓDIGO

1. Jesus retira-se para o mar da Galileia, Mc 3.7-12; Mt 12.15-21

Desprezando os intentos malignos dos adversários, Jesus retirou-se para a beira-mar e grande multidão de várias localidades seguiu após Ele. Eram atraídos pela Sua fama e queriam ouvi-lo e experimentar alguma bênção espiritual ou física. Visto que todos queriam tocá-lo, sentia-se apertado e teve que retirar-se num pequeno barco para o mar. Sempre dali ensinava a multidão com palavras de luz e conforto.

Quando os espíritos imundos o enfrentavam reconheciam-no e, ajoelhando-se, confessavam que Ele era o Filho de Deus. Então, advertia a todos que não publicitassem isso. Ele evitava tanto a publicidade a seu respeito como a alteração do plano divino. Não podia morrer sem ir à cruz. Teria de cumprir todas as profecias a seu respeito. Mas as pessoas seguiam-no, queriam ouvir os seus ensinamentos sobre o reino de Deus e tocar-lhe para serem curadas. Alguns até se arrojavam sobre Ele para lhe tocarem e serem curados porque sabiam que dele saía virtude.

2. Jesus retirou-se para um monte e passou uma noite em oração, Mc 3.13-19; Lc 6.12-16

12 Naqueles dias retirou-se para o monte a fim de orar; e passou a noite toda em oração a Deus. 13 Depois do amanhecer, chamou seus discípulos, e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos: 14 Simão, ao qual também chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; 15 Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zelote; 16 Judas, filho de Tiago; e Judas Iscariotes, que veio a ser o traidor. (Lucas)

Agora, Jesus tinha algo muito importante a tratar e passou uma noite em oração. De madrugada chamou os discípulos e dentre eles nomeou doze para que estivessem com Ele num círculo mais íntimo. Deste modo, fundou o primeiro colégio bíblico cristão a fim de preparar os obreiros do reino de Deus. Ele não acreditava no acaso. Fazia projectos e envolvia os seus discípulos neles.

Aqueles doze escolhidos entregou a missão de pregar o reino de Deus por toda a parte, o poder para curar enfermos, e autoridade para libertar os oprimidos de Satanás. A esses primeiros chamou apóstolos, que significa enviados em representação de quem os enviou. Primeiro, eles estariam com Jesus para mais tarde Jesus estar com eles. Agora, sabemos que Jesus está connosco e no futuro nós estaremos com Ele.

Por que motivo é que Jesus nomeou também Judas Iscariotes? Não era Ele onisciente? O Senhor sabia muito bem que tinha na sua presença alguém que o trairia, mas não podia evitar o cumprimento da profecia. Um dentre eles haveria de entregá-lo aos sacerdotes para o oferecerem em sacrifício pelo mundo, o que deveras aconteceu. Judas, desiludido com o messianismo de Jesus, porque esperava que ele fosse um guerreiro, tornou-se o seu traidor, vindo, deste modo, a profecia a cumprir-se nele.

3. Na planície daquele mesmo monte Jesus proclamou o código base do seu reino, Mt 5.1-8.1; Lc 6.17-49

17 E Jesus, descendo com eles, parou num lugar plano, onde havia não só grande número de seus discípulos, mas também grande multidão do povo, de toda a Judeia e Jerusalém, e do litoral de Tiro e de Sidom, que tinham vindo para ouvi-lo e serem curados das suas doenças; 18 e os que eram atormentados por espíritos imundos ficavam curados. 19 E toda a multidão procurava tocar-lhe; porque saía dele poder que curava a todos. 20 Então, levantando ele os olhos para os seus discípulos, dizia: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus. (...) (Lucas)

Primeiro, o Senhor proclamou as qualidades dos participantes do reino nas suas bem-aventuranças (Mt 5.3-12). Bem-aventurados os pobres de espírito; os mansos; os que têm fome e sede de justiça; os misericordiosos; os limpos de coração; os pacificadores; os que sofrem perseguição por causa da justiça; e os que são injuriados. Depois, proclamou os aís sobre aqueles que não tiverem essas qualidades (Lc 6.24-26). E comparou a influência dos seus discípulos ao sal, preservando a moral no mundo, e à luz, liderando o caminho da justiça (Mt 5.13-16).

À semelhança de Moisés, no Sinai, também Jesus entregou, naquele monte, uma regra de ouro para os súbditos do seu reino. Ele jamais viria para destruir a lei. Pelo contrário, veio cumprir e confirmar a lei com uma nova interpretação. Aqueles que a cumprirem e assim ensinarem serão chamados grandes no reino de Deus (Mt 5.19).

Entre outras coisas importantes, Jesus declarou o amor como sinal da perfeição humana. “Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem... Sede vós, pois, perfeitos como é perfeito vosso Pai que está nos céus”. Cf. (Mt 5.43-48). Paulo diz que o

amor é o cumprimento de toda a lei porque não faz mal ao próximo (Rm 13.8,10).

O Senhor ensinou que, quanto a esmolas, oração e jejum, ninguém deverá buscar o louvor dos homens (Mt 6.1-18). Em tudo isso devemos esperar a recompensa de Deus. E deixou-nos o modelo da oração com valor.

Advertiu, concernente aos tesouros terrestres e ansiedade pelas coisas desta vida, que ninguém deve andar inquieto, e deu como exemplo as aves do céu que não semeiam nem colhem, mas Deus as alimenta (Mt 6.19-34).

Ensinou que o reino de Deus deve ser a principal ocupação dos seus discípulos, assegurando resultados excelentes para quem assim agir (Mt 6.33).

Proibiu o julgamento dos irmãos, sob pena de ser julgado com a mesma medida (Mt 7.1-6; Lc 6.37-42).

Ensinou sobre a eficácia da oração e da lei da sementeira (Mt 7.7-12).

Aconselhou a escolher a porta e o caminho da vida eterna (Mt 7.13,14).

Advertiu sobre os falsos profetas e seus frutos (Mt 7.15-23; Lc 6.43-46).

Advertiu sobre os dois fundamentos da edificação da vida (Mt 7.21; Lc 6.47-49).

Esta sua doutrina causava grande admiração às pessoas, (Mt 7.28-8.1).

XI. JESUS AINDA AGE SOZINHO NA GALILEIA

1. Em Cafarnaum curou o servo do centurião, Mt 8.5-13; Lc 7.1-10

O comandante do exército romano em Cafarnaum tinha o seu criado doente e foi pedir ajuda a Jesus. Mateus informa-nos que o centurião foi pessoalmente a Jesus. Lucas diz que lhe enviou duas

delegações de anciãos judeus. Possivelmente, Mateus apresenta apenas o sumário dos acontecimentos, enquanto Lucas descreve os pormenores.

O Senhor prontificou-se logo ir a sua casa e curar o rapaz. Mas, como gentio que era, o capitão julgou-se indigno de receber debaixo do seu telhado uma personalidade tão importante. Os feitos de Jesus tinham-lhe inspirado tanta confiança que, acreditava bastar uma palavra (lógõ, no grego) para o seu criado ser curado. Se os soldados obedeciam a uma palavra do seu comando, também Ele podia ordenar a cura e aconteceria.

Jesus apreciou a fé daquele gentio e declarou que jamais encontrou semelhante fé em Israel. Por isso, muitos vindos de todo o mundo gentio entrarão no reino dos céus, enquanto aqueles que têm direito ao reino serão rejeitados por causa da sua incredulidade. Referia-se aos judeus incrédulos que rejeitavam a sua mensagem, sendo eles também rejeitados.

A confissão de fé daquele homem agradou de tal modo ao Senhor que lhe respondeu: “*Vai, e como creste te aconteça*”. Como observamos, Jesus fez depender da sua fé o benefício para o seu criado. E logo aconteceu, na mesma hora o criado sarou. Jesus aprecia quando as pessoas confiam nele e responde às suas necessidades. O autor da epístola aos Hebreus diz que sem fé é impossível agradar a Deus.

2. Jesus consolou a viúva de Naim com a ressurreição do seu filho, Lc 7.11-17

Nas suas constantes deslocções, chegou a vez de visitar a cidade de Naim com os discípulos e uma grande multidão que o acompanhava. Ao chegar à porta da cidade deparou com um cortejo fúnebre cujo defunto era filho único e amparo de sua mãe. Ele conhecia a sua situação e a sua dor. A principal preocupação do Senhor não foi o rapaz, mas a mãe desamparada. Então, fez o melhor que podia por ela. Confortou-a com as suas meigas palavras e restituiu-lhe o filho

para cuidar dela, possivelmente até à sua morte. Não chores, toma o teu filho. E disse uma palavra: “*Levanta-te*”.

Assombrados por mais um importante acontecimento, exclamaram todos que um grande profeta se havia levantado entre eles. Esta notícia correu célere para o sul e divulgou-se por toda a região circunvizinha. Ele é o consolador maravilhoso.

3. Jesus recebe mensageiros de João e elogia-o perante o povo, Mt 11.2-19; Lc 7.18-35

Estando João já prisioneiro, chegou aos seus ouvidos a notícia dos feitos de Jesus e desejou confirmar se ele era de facto o Messias esperado. Então, enviou-lhe uma comitiva com a pergunta: *És tu o Messias, ou esperamos outro?* Confrontado pela incerteza de João, Jesus apresentou como suas credenciais os milagres que estavam sendo efectuados e a proclamação do evangelho do reino em cumprimento da profecia (cf. Is 35.5,6 e 61.1). Afinal, o mesmo trecho que lera na sinagoga de Nazaré.

Acto contínuo, o Senhor declarou bem-aventurados aqueles que se não escandalizarem por sua causa. Depois, exaltou João como o maior profeta, e muito mais do que isso. Ele não era como um caniço movido facilmente pelo vento, nem uma pessoa vestido luxuosamente. João era mais do que um profeta. Ele era o arauto enviado na frente de seu Senhor para lhe preparar o caminho e a recepção. Era o cumprimento da profecia de Isaías: “Voz do que clama no deserto; preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda ao nosso Deus” (Is 40.3).

Finalmente, comparou aquela geração de judeus a crianças volúveis, inconstantes, difíceis de contentar. João, que era um asceta, não agradava, tinha demónio. Jesus, que associava com publicanos e pecadores, era acusado de glotonaria e também tinha demónio. Que povo tão difícil! Mas que Senhor tão paciente!

4. Jesus lançou três ais sobre três cidades impenitentes, Mt 11.20-30

Jesus lamentou que estas três cidades (Corazim, Betsaida e Cafarnaum), apesar de verem a maior parte dos seus milagres, tenham rejeitado a oportunidade da sua salvação. Por isso, haverá menos rigor para aqueles que não tiveram a oportunidade de ouvir a sua palavra do que para elas.

Então, o Senhor agradeceu ao Pai por ter revelado estas coisas aos humildes e não aos sábios orgulhosos. Enquanto ele era humilde e recebeu a revelação da verdade, os líderes de Israel eram orgulhosos e foram privados da revelação. Paulo, falando do mesmo assunto, disse que “*Deus escolheu as coisas vis deste mundo e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são, para que nenhuma carne se glorie perante Ele*” (1 Co 1.27).

Jesus revelou que ninguém o conhece perfeitamente a Ele senão o Pai, assim como ninguém conhece perfeitamente o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar. Ora, como para conhecer alguém é preciso conviver com essa pessoa, também para conhecer a trindade divina temos de conviver diariamente com Ela. Jesus é a perfeita revelação do Pai e quem o conhecer a Ele conhece também o Pai. Porque ele disse que “quem me vê a mim, vê também a meu Pai”.

E fez o melhor convite de todos os tempos. Convidou os cansados e oprimidos a segui-lo e aprender com Ele, mestre gentil e paciente, cujos mandamentos não são numerosas nem pesadas regras impossíveis de praticar. Porque tudo resumiu no amor, ensinando-o como o novo mandamento. Assim, o concílio de Jerusalém aliviou os crentes gentios deste modo: “Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias” (Act 15.28).

5. Jesus foi honrado por uma pecadora que ungiu os seus pés, Lc 7.36-50

O fariseu convidou o Senhor para uma refeição, mas não cumpriu a tradição na recepção de forasteiros. Era obrigação do anfitrião providenciar água e uma toalha para o visitante lavar os pés, ou ordenar ao escravo para realizar esse serviço. E Simão não o fez. Porém, uma mulher considerada pecadora abeirou-se de Jesus e, por detrás, começou a regar-lhe os pés com unguento caríssimo, ricamente perfumado. Logo Jesus foi criticado porque, sendo profeta, permitia o contacto duma mulher pecadora.

Então, o Senhor contou uma parábola ensinando o dever de perdoar a todos, explicando que a acção daquela mulher era um acto de amor em cumprimento da omissão de Simão. Se um credor perdoar a dívida a dois devedores, a um quinhentos contos, e a outro cinquenta contos, quem o amará mais? Naturalmente aquele que recebeu maior perdão – respondeu o homem. Vês tu esta mulher? Ela fez o que tu devias ter feito. Por isso, os seus muitos pecados lhe são perdoados porque muito amou. E disse à mulher: *“Perdoados são os teus pecados”*.

Imediatamente Jesus foi criticado por lhe perdoar os pecados. *“Quem é este que até perdoa pecados?”* Aqueles fariseus desconheciam que estavam perante Deus feito homem, cuja missão era conviver com os homens e salvá-los da condenação e do poder de Satanás. Ele não veio para condenar os pecadores, mas para salvá-los. Jesus tinha, como o Pai, o poder para perdoar pecados. E, porque detém esse poder, todos serão perdoados se recorrerem a Ele. Jesus é amigo de pecadores, sempre pronto a perdoar aqueles que se arrependem.

XII. JESUS INTENSIFICA A PROCLAMAÇÃO DO REINO

1. Na segunda viagem pela Galileia é acompanhado pelos apóstolos, Lc 8.1-3

1 Logo depois disso, andava Jesus de cidade em cidade, e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus; e iam com ele os doze, 2 bem como algumas mulheres que

havam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demónios. 3 Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Susana, e muitas outras que os serviam com os seus bens. (Lucas)

Aqui temos o primeiro colégio evangélico e o seu professor para preparar os primeiros obreiros do reino. Jesus percorria as cidades com doze alunos que eram sustentados por algumas mulheres. A experiência da salvação abriu os seus corações de modo a abrirem também os seus tesouros para sustentar a obra evangelística de Jesus. Elas estavam interessadas principalmente no reino de Deus e na sua justiça. Por isso, colaboravam fielmente nas despesas do colégio apostólico. Quem muito ama muito dá.

2. Jesus é acusado de estar aliado a Satanás, Mc 3.20-30; Mt 12.22-37; Lc 11.14-22

20 Depois entrou numa casa. E afluíu outra vez a multidão, de tal modo que nem podiam comer. 21 Quando os seus ouviram isso, saíram para o prender; porque diziam: Ele está fora de si. 22 E os escribas que tinham descido de Jerusalém diziam: Ele está possesso de Belzebu; e: é pelo príncipe dos demónios que expulsa os demónios. (Marcos)

Onde quer que Jesus aparecia aí se ajuntava a multidão para o ouvir, a ponto de naquela casa nem poderem comer livremente. Os seus familiares imaginaram até que ele estaria louco e procuravam-no para demovê-lo e levá-lo. Os fariseus chegados de Jerusalém acusavam-no de operar pelo poder de Satanás. Jesus enfrentou serenamente essa acusação, mas respondeu com duas pequenas parábolas. Se uma família lutar contra si mesma não durará muito tempo. Se Satanás lutar contra Satanás estará dividido, o que é inconcebível. Se o reino de Satanás está dividido e lutando contra si mesmo não poderá subsistir.

Mas Jesus assaltou o reino do valente e começou a roubar-lhe os súbditos, libertando-os do reino de trevas e levando-os para o reino da luz. Se Jesus expulsava demónios era sinal que tinha autoridade e poder sobre eles e que o reino de Deus tinha chegado. Lucas acrescenta as seguintes palavras de Jesus: “*Se eu expulso os demónios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos?*”. Afinal, os judeus estavam habituados à prática do exorcismo, e agora achavam estranha essa prática por Jesus! Então, declarou que rejeitar deliberadamente a evidência da operação do Espírito Santo nas suas acções é blasfémia e pecado imperdoável.

Mesmo em nossos tempos, é preciso muito cuidado para não se atribuir ao diabo aquilo que é feito pelo poder do Espírito Santo.

3. Os escribas e fariseus exigem-lhe um sinal comprovativo, Mt 12.38-45

38 Então alguns dos escribas e dos fariseus, tomando a palavra, disseram: Mestre, queremos ver da tua parte algum sinal. 39 Mas ele lhes respondeu: Uma geração má e adúltera pede um sinal; e nenhum sinal se lhe dará, senão o do profeta Jonas; 40 pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra. (Mateus)

Os adversários de Jesus pediram um sinal do céu, possivelmente, semelhante ao maná de Moisés no deserto do Sinai. E o Senhor deu-lhes o maior sinal que poderiam observar: a sua ressurreição dos mortos, após três dias, à semelhança de Jonas. Eles tiveram que esperar pela sua morte e ressurreição para crer, mas nem assim creram.

Depois, Jesus referiu que as pessoas daquela geração seriam condenadas até mesmo pelos ninivitas, porque se arrependeram pela pregação de Jonas. E estava ali quem era maior do que Jonas. Também a rainha de Sabá servirá de condenação para aquela geração por-

que viajou de longe para observar a sabedoria de Salomão; e Ele era maior do que Salomão.

Então, o Senhor declarou que o último estado daquela geração, com sua justiça própria, seria pior do que o primeiro porque não criam na sua mensagem nem nos seus milagres. Ele ilustrou esse facto com uma pequena parábola: Quando um espírito é expulso duma pessoa ele fica procurando alojamento. Se o não encontrar decide voltar ao mesmo sítio e, assim, o último estado dessa pessoa será pior do que o primeiro. Assim seria com aquela geração perversa.

4. Jesus declarou que a sua verdadeira família é espiritual, Mc 3.31-35; Mt 12.46-50; Lc 8.19-21

31 Chegaram então sua mãe e seus irmãos e, ficando da parte de fora, mandaram chamá-lo. 32 E a multidão estava sentada ao redor dele, e disseram-lhe: Eis que tua mãe e teus irmãos estão lá fora e te procuram. 33 Respondeu-lhes Jesus, dizendo: Quem é minha mãe e meus irmãos! 34 E olhando em redor para os que estavam sentados à roda de si, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos! 35 Pois aquele que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe. (Marcos)

A família de Jesus procurou-o, provavelmente, para convencê-lo a desistir da sua missão. Quando o informaram que os seus familiares estavam lá fora não enjeitou a sua filiação natural. Porém, ensinou que a relação espiritual é mais profunda e forte do que a física. A verdadeira família de Jesus são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e praticam. Aqueles que nasceram de Deus mantêm uma relação espiritual que os distingue como família espiritual.

5. O primeiro grupo de parábolas sobre o reino dos céus, Mc 4.1-25; Mt 13.1-53; Lc 8.4-18

1 Outra vez começou a ensinar à beira do mar. E reuniu-se a ele tão grande multidão que ele entrou num barco e sentou-se nele, so-

bre o mar; e todo o povo estava em terra junto do mar. 2 Então lhes ensinava muitas coisas por parábolas, e lhes dizia no seu ensino: 3 Ouvi: Eis que o semeador saiu a semear;... Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. (...) (Marcos)

Jesus determinou ensinar sobre o reino de Deus por parábolas, tirando exemplos da vida real. Mateus apresenta-nos sete parábolas para explicar a natureza do reino de Deus. Reino de Deus e reino dos céus são sinónimos conforme podemos observar em Mt 19.23,24. A palavra *reino* tem dois sentidos: *a esfera de domínio e a actividade de reinar*. Portanto, o reino de Deus é o conjunto das pessoas sobre as quais ele domina.

A semente ensina que a mensagem do reino recebida pelos corações humanos produzirá resultados vantajosos até à volta de Jesus.

O trigo e o joio ensinam que enquanto o reino de Deus não se tornar plenamente dominante coexistirá no mundo a par do reino de Satanás.

O grão de mostarda ensina que, embora o reino de Deus tenha começado tão modestamente, o seu futuro será grandioso.

O fermento ensina que, assim como um pouco de fermento domina a massa, também o reino de Deus dominará no mundo. Neste contexto, o fermento não simboliza o mal, mas o crescimento.

O tesouro achado ensina que Cristo achou um tesouro na terra e comprou-o dando tudo o que tinha (cf. 1 Pd 1.18,19). O nosso sacrifício não se compara com o de Cristo. Ele pagou muito caro para ter o tesouro.

A pérola achada ensina o mesmo que o anterior. O reino de Deus é uma pérola muito cara. Custou a vida de nosso Senhor Jesus Cristo.

A rede lançada ao mar ensina que dentre todos os que ouvem o evangelho alguns serão rejeitados na volta de Cristo, porque são considerados imundos, como os peixes sem escamas para os judeus (cf. Mt 7.21-23).

Conclusão: O homem proprietário encerra esta colecção de parábolas ensinando que quem se torna discípulo no reino de Deus sabe extrair as verdades espirituais das parábolas. Os outros não sabem.

6. Jesus acalmou uma tempestade no mar da Galileia, Mc 4.35-41, Mt 8.23-27; Lc 8.22-25

Jesus estava cansado e adormeceu enquanto viajavam para a outra margem. Esse cansaço é mais uma prova da sua humanidade. Entretanto, já no meio do mar, uma tempestade pôs em perigo a embarcação. Aflitos, os discípulos clamaram por Jesus. Prontamente, o Senhor da natureza ordenou ao vento que parasse e às águas que sossegassem. E perguntou-lhes: *“onde está a vossa fé?”*

Admirados pelo facto, interrogaram quem seria aquele que ordena à natureza e ela obedece. Notamos que o seu conhecimento sobre Jesus era progressivo. Se Ele podia ordenar à criação e esta sujeitava-se, quanto mais eles deveriam obedecer à sua palavra. Ele é o Senhor da Natureza, pois é o seu Criador. Não devemos nós, suas criaturas, submeter-nos à sua vontade para que tenhamos a sua bênção?

7. Jesus libertou dois endemoninhados em Gadara, Mc 5.1-20; Mt 8.28-34; Lc 8.26-39

26 Aportaram à terra dos gerasenos, que está defronte da Galileia. 27 Logo que saltou em terra, saiu-lhe ao encontro um homem da cidade, possesso de demónios, que havia muito tempo não vestia roupa, nem morava em casa, mas nos sepulcros. 28 Quando ele viu a Jesus, gritou, prostrou-se diante dele, e com grande voz exclamou: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? (Lucas)

Só Mateus menciona dois endemoninhados. Provavelmente, Marcos e Lucas ocuparam-se principalmente do porta-voz, ou da história mais notória. Aquele que falou identificou-se como legião, ou

seja, seis mil soldados romanos. Que força bruta teria aquele homem para ser capaz de quebrar as cadeias com que o prendiam!

No encontro com Cristo, os espíritos reconheceram-no e confessaram que Ele era o Filho do Deus Altíssimo prostrando-se de joelhos perante Ele. Os próprios espíritos demoníacos dão testemunho da divindade do Senhor Jesus. Visto conhecerem o seu destino, suplicaram para não serem enviados para o abismo antes de tempo. O Apocalipse relata a ocasião em que Satanás e todos os seus exércitos serão amarrados no abismo.

Neste trecho, como noutros semelhantes, observamos que Jesus jamais amarrou os demónios, simplesmente os expulsou para não atormentarem mais as pessoas. Jesus demonstrou, com a expulsão dos espíritos malignos, que dois homens valem mais do que uma vara de porcos. E, também, que o reino de Deus é mais importante do que o direito de propriedade. Com estas acções, Jesus provou ser o Senhor dos espíritos.

Imediatamente, devido ao prejuízo dos porcos e do temor que sentiam pela presença de Jesus, expulsaram-no daquela região. As pessoas preferiam mais manter consigo porcos e espíritos malignos do que desfrutar da presença daquele que lhes podia dar a vida eterna.

8. Jesus regressou ao outro lado, curou uma mulher e resuscitou uma menina, Mc 5.21-43; Mt 9.18-26; Lc 8.40-56

Qualquer mulher com hemorragia estava impedida pela lei de entrar no templo, participar das cerimónias, ou de tocar em outras pessoas (cf. Lv 15.25-30). Era considerada uma pessoa impura, que contaminava a sociedade, assim como os leprosos. Ouvindo falar de Jesus, esta mulher venceu o seu estigma e determinou abeirar-se de Jesus para tocar-lhe porque acreditava que desse modo seria curada.

Obedecendo aos impulsos da sua fé tocou no Senhor e foi curada, ficou liberta do estigma social e recomeçou a sua vida em sociedade. O Senhor, sabendo que algo extraordinário acontecera, pergun-

tou: “Quem me tocou?” Fui eu, disse a mulher. E contou-lhe toda a verdade. “*Vai em paz, a tua fé te salvou*” respondeu o Senhor. Pelo seu acto de fé Jesus concedeu-lhe a salvação completa: espiritual, psíquica e física. Ele sempre apreciava a fé activa, com acções visíveis, e não a estática, sem qualquer sinal de confiança. Ele é o médico por excelência do ser humano integral.

Depois disto visitou a casa de Jairo, estando sua filha já morta. Acerca dela, Marcos e Lucas fornecem relatos mais detalhados, enquanto Mateus descreve simplesmente o sumário. A verdade é que quando Jesus chegou a casa da menina já ela estava sem vida. Contudo, ele acalmou os ânimos dos presentes dizendo que ela estava dormindo. Vejamos como as carpideiras troçaram dele por causa das suas palavras. Todavia, tomando a mão da menina disse: “*Talita cumi*” = *menininha, levanta-te*. E ela levantou-se para espanto de todos e foi comer. Nada escapa ao seu poder. Se creres verá a glória de Deus.

9. Jesus curou três homens e foi novamente acusado de blasfémia, Mt 9.27-34

Dois cegos procuraram Jesus para lhes restaurar a vista. Ele perguntou: “*Credes que eu posso fazer isto? Sim Senhor*” responderam. Retorquiu o Senhor: *Aconteça-vos segundo a vossa fé*. E os seus olhos abriram-se num acto de fé.

Mais uma vez o Senhor pediu para não contarem isso a alguém, a fim de proteger o seu ministério, mas eles divulgaram a experiência por toda a parte e a sua fama crescia. Quem experimenta os grandes benefícios de Cristo jamais pode calar-se. Deste modo, os líderes religiosos cada vez mais sentiam inveja a ponto de decidirem ver-se livres dele. A popularidade de Cristo ofuscava-os, e não suportavam que um humilde carpinteiro perturbasse o seu orgulho.

Então, trouxeram-lhe um mudo vítima de espírito maligno que provocava a mudez no homem. Mais uma vez, o Senhor expulsou o mau espírito, libertando o infeliz, que imediatamente começou a fa-

lar. Em confronto com Jesus ninguém fica na mesma. Há sempre alguma transformação. Expulsando o demônio, o homem falou e a multidão exclamava que nunca tal tinha visto.

Todavia, os fariseus blasfemaram mais uma vez acusando-o de operar pelo poder de Satanás. O Senhor estava entre duas opiniões adversas: Entre uns era famoso e admirado por todos; entre outros era um demônio perseguido por todos. Ora, se Ele estivesse ao serviço de Satanás não estaria destruindo o seu reino, o que é inconcebível. Mas, como estava ao serviço de Deus, ocupava-se assaltando o reino de Satanás para edificar o reino dos céus.

Sempre que uma pessoa é perdoada, liberta ou curada, é sinal que o reino das trevas está diminuindo e o reino da luz crescendo. As decisões para seguir Jesus marcam a vitória do reino dos céus.

XIII. JESUS CONTINUA A EVANGELIZAR E A ENSINAR

1. Jesus visitou Nazaré pela última vez, Mc 6.1-6; Mt 13.54-58

54 E, chegando à sua terra, ensinava o povo na sinagoga, de modo que este se maravilhava e dizia: Onde lhe vem esta sabedoria, e estes poderes milagrosos? 55 Não é este o filho do carpinteiro? e não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, José, Simão, e Judas? 56 E não estão entre nós todas as suas irmãs? Onde lhe vem, pois, tudo isto? 57 E escandalizavam-se dele. Jesus, porém, lhes disse: Um profeta não fica sem honra senão na sua terra e na sua própria casa. 58 E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles. (Mateus)

Como era seu hábito, Jesus começou a ensinar na Sinagoga. E muitos comentavam, maravilhados, donde lhe teriam vindo aquela sabedoria e tal poder. Pois, não tinham conhecimento que ele tivesse frequentado algum colégio rabínico. Isto só poderia ser resultado da unção do Espírito Santo.

Por este motivo interrogavam se ele não seria o carpinteiro, filho de José, e irmão de Tiago, José, Simão, e Judas. E reconheceram também as suas irmãs. Estes não eram primos nem irmãos de raça, mas irmãos sanguíneos, filhos da mesma mãe. Tanto Marcos como Mateus usam a expressão grega (meter autou, adelfoi autou, adelfai autou) que significa mãe dele, irmãos dele, e irmãs dele, respectivamente. Ainda, Marcos refere no verso quatro os parentes dele e a casa dele (sungeneusin autou e oikia autou). Jesus tinha ambas, uma família espiritual e outra física.

Pelo facto de ser ali conhecido desde a infância, e por não conhecerem que de Nazaré tivesse saído algum indivíduo especial, as pessoas duvidavam que Jesus fosse alguém enviado por Deus. E, por causa da sua falta de fé, não observaram ali muitos milagres. Embora Jesus tivesse o poder, eles não tinham fé no poder. Por este motivo, referiu que jamais algum profeta foi honrado na sua terra, pelos seus conterrâneos, e Ele não fugiria à regra.

2. Jesus enviou os apóstolos aos pares pela Galileia, Mc 6.6.13; Mt 9.35-11.1; Lc 9.1-6

35 E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino, e curando toda sorte de doenças e enfermidades. (Mateus)

Jesus percorreu pessoalmente todas as cidades e aldeias pregando o evangelho do reino e curando toda a espécie de doenças. Ele é especializado em medicina geral. O Senhor demonstrou compaixão pelas multidões desgarradas e sem pastor dedicando-se Ele mesmo a elas. E pediu que orassem por mais obreiros para se dedicarem à grande seara que existe neste mundo. Os campos já estão brancos para a ceifa e precisam de obreiros a fim de prepararem a colheita.

Marcos informa-nos que o Senhor enviou os apóstolos aos pares com autoridade para curar, libertar os oprimidos do diabo, e para pregar o evangelho do reino, porque “*chegou o reino dos céus*”. E devi-

am ir confiando que Deus proveria as suas necessidades. Não precisavam de levar dinheiro, nem provisões, nem duas mudas de roupa porque Deus supriria todas essas coisas. Jesus prometeu que Seu Pai cuidaria deles e assim aconteceu. Ele é fiel.

A lista dos enviados é a seguinte:

Simão e André

Tiago e João

Filipe e Bartolomeu

Tomé e Mateus

Tiago 2 e Tadeu

Simão 2 e Judas

O Senhor advertiu os seus apóstolos que iriam como ao meio de lobos e que seriam perseguidos por sua causa. Portanto, deveriam ser astutos como as serpentes e prudentes como as pombas. Se a Ele chamaram Belzebu, como o não chamariam aos seus discípulos?

Todavia, prometeu-lhes que, quando fossem levados a juízo, o Espírito Santo estaria em sua defesa no próprio momento. Sobre isto, a Bíblia relata-nos a experiência dalguns. Por exemplo, Estêvão, Paulo e Pedro.

E disse-lhes: *“Não acabareis de percorrer as cidades de Israel antes que venha o Filho do homem”* (Mt 10.23). Este dito poderá ser compreendido se compararmos outros três com o mesmo significado.

Marcos 9.1: *“Em verdade vos digo que, dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte sem que vejam chegado o reino de Deus com poder”*.

Mateus 16.28: *Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino”*.

Lucas 9.27: *Em verdade vos digo que, dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte até que vejam o reino de Deus”*.

A gloriosa verdade é que alguém não morreria sem ver o reino de Deus vir com poder. A Transfiguração do Senhor foi uma figura da sua ressurreição e segunda vinda com o reino. Isso aconteceu, porque

cerca do ano 60 já tinha atingido poderosamente Roma, a capital do império, e viram Cristo conquistando o reino de Satanás com poder e glória.

3. Os milagres de Jesus provocam intranquilidade em Herodes, Mc 6.14-29; Mt 14.1-12; Lc 9.7-9

16 Herodes, porém, ouvindo isso, dizia: É João, aquele a quem eu mandei degolar: ele ressuscitou. 17 Porquanto o próprio Herodes mandara prender a João, e encerrá-lo maniatado no cárcere, por causa de Herodias, mulher de seu irmão Filipe; porque ele se havia casado com ela. 18 Pois João dizia a Herodes: Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão. (...) (Marcos)

Herodes havia mandado decapitar João Baptista devido à promessa feita à filha da sua amante Herodias. Ao ouvir falar que alguém estava operando milagres na sua região ficou receando que João Baptista ou outro dos profetas tivesse ressuscitado e, provavelmente, viesse vingar o seu crime.

Todavia, Jesus não era algum dos profetas ressuscitado, nem viera para vingar quem quer que fosse. Ele não veio para condenar, mas para salvar todos os que estavam perdidos, tal como Herodes. Veio pregar o arrependimento e oferecer a reconciliação a todos.

CAPÍTULO IV

ÉPOCA DAS RETIRADAS

XIV. JESUS RETIRA-SE DOS DOMÍNIOS DE HERODES

1. A primeira multiplicação dos pães e peixes, Mc 6.30-44 Mt 14.13-21; Lc 9.10-17; Jo 6.1-14

15 Chegada a tarde, aproximaram-se dele os discípulos, dizendo: O lugar é deserto, e a hora é já passada; despede as multidões, para que vão às aldeias, e comprem o que comer. 16 Jesus, porém, lhes disse: Não precisam ir embora; dai-lhes vós de comer. 17 Então eles lhe disseram: Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes. 18 E ele disse: trazei-mos aqui. (Mateus)

É curioso que os quatro evangelistas se tenham ocupado no relato do milagre da multiplicação. Isto deve-se, provavelmente, ao facto de Moisés ter alimentado a multidão com o maná no deserto. Todos eles acharam este facto tão importante que não poderia ser omitido. O acontecimento lembra-nos a Santa Ceia, memorial instituído pelo Senhor, onde os cristãos são alimentados espiritualmente. (cf. Jo 6.30-35)

Havia duas razões naturais por que Jesus procurava estar a sós. Primeiro, Ele devia buscar descanso para o corpo e força para a alma em lugares isolados. Ele era humano e necessitava de descansar. Segundo, Ele sabia que devia estar a sós com o Pai antes de enfrentar as multidões. Todavia, as pessoas ávidas por milagres procuravam-no onde quer que estivesse.

Esta história revela-nos tanto a compaixão como o poder de Jesus. Primeiro, curou os enfermos existentes entre a multidão que o procurava. Depois, alimentou os famintos multiplicando o pouco alimento existente. Com isto Ele testemunhou que todos os dons provêm de Deus.

“*Dai-lhes vós de comer*”. A ordem da distribuição é a seguinte: O Pai entrega ao Filho, o Filho aos discípulos, e estes ao povo. “*Trazei-mos aqui*”. Devemos colocar nas mãos de Jesus aquilo que temos para Ele abençoar e haverá fartura para todos. “*Cinco pães e dois peixes*”. Era alimento para cinco pessoas que terá alimentado cerca de dez mil. Jesus provou ser Yahweh Jiré, o Senhor da provisão.

2. Jesus evita que o povo faça dele um Messias político, Mc 6.45,46; Mt 14.22,23; Jo 6.15

14 Vendo, pois, aqueles homens o sinal que Jesus operara, diziam: este é verdadeiramente o profeta que havia de vir ao mundo. 15 Percebendo, pois, Jesus que estavam prestes a vir e levá-lo à força para o fazerem rei, tornou a retirar-se para o monte, ele sozinho. (João)

Depois da multiplicação Jesus aconselhou os discípulos a passar para a outro lado do mar, enquanto Ele despedia a multidão e subia ao monte para dedicar-se à oração. Sendo Filho de Deus sentia necessidade de comunhão com o Pai. Além disso, queria a Sua orientação em todas as coisas. Nada fazia sem o Seu consentimento. Estavam unidos em todas as realizações.

De facto, Jesus era quem eles esperavam, o profeta prometido. Porém, não como eles imaginavam, um Messias político com um exército para expulsar os romanos. Ele insistia em ser, especialmente, um monarca espiritual com trono nos corações humanos. Por isso, sempre rejeitou ser coroado rei no aspecto político. O seu reino não era deste mundo, nem dependia de planos humanos. Era do céu e tinha sido planeado por Seu Pai.

3. Jesus andou sobre as águas ao encontro dos discípulos, Mc 6.47-52; Mt 14.24-33; Jo 6.16-21

47 *Chegada a tardinha, estava o barco no meio do mar, e ele sozinho em terra. 48 E, vendo-os fatigados a remar, porque o vento lhes era contrário, pela quarta vigília da noite, foi ter com eles, andando sobre o mar; e queria passar-lhes adiante; 49 eles, porém, ao vê-lo andando sobre o mar, pensaram que era um fantasma e gritaram; 50 porque todos o viram e se assustaram; mas ele imediatamente falou com eles e disse-lhes: Tende ânimo; sou eu; não temais. 51 E subiu para junto deles no barco, e o vento cessou; e ficaram, no seu íntimo, grandemente pasmados; 52 pois não tinham compreendido o milagre dos pães, antes o seu coração estava endurecido. (Marcos)*

A quarta vigília da noite era entre as três e as seis da manhã. O Senhor tinha passado a noite em oração. Enquanto os discípulos estavam em perigo, apareceu um vulto sobre as águas e ficaram grandemente assustados. O Senhor tranquilizou-os identificando-se mediante a sua voz: “*Sou eu, não temais*”. – “*Se és tu manda-me ir ter contigo*”, disse Pedro. – “*Vem*”, anuiu o Senhor. Pedro começou a andar sobre as águas, mas depressa se afundava e clamou por salvação. Jesus estendeu a sua mão e, segurando-o, entraram no barco. Imediatamente o vento forte cessou e a bonança veio sobre o mar. Ouviu-se então a expressão dos discípulos: “*Verdadeiramente tu és o Filho de Deus*”. O seu conhecimento sobre Jesus crescia à medida que conviviavam com ele.

Após desembarcarem em Genezaré, Jesus foi logo reconhecido e recebia os enfermos que lhe traziam, curando-os, até pelo simples facto de tocarem na orla do seu vestido, porque dele saía virtude. E com estes feitos, o Senhor demonstrava que era mais do que humano. Ele era também divino, era o Senhor da Natureza. Ele era Deus incarnado.

4. Jesus defende os discípulos acusados de transgredirem a lei cerimonial, Mc 7.1-23; Mt 15.1-20

6 *Respondeu-lhes: Bem profetizou Isaías acerca de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios; o seu coração, porém, está longe de mim; 7 mas em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens. 8 Vós deixais o mandamento de Deus, e vos apegais à tradição dos homens. (...) (Marcos)*

Provavelmente Jesus não compareceu à festa da Páscoa. Então, os sacerdotes enviaram uma delegação para investigar as actividades do Senhor. Havendo chegado, observaram que os discípulos de Jesus violavam as tradições rabínicas da ablução, ou purificação cerimonial, e interrogaram-no por que motivo isso acontecia.

Jesus respondeu com outra pergunta muito sábia: “*E vós, por que transgredis o mandamento de Deus por causa da vossa tradição?*” (Mateus). Não estava em causa a higiene do corpo ou dos utensílios, mas uma tradição cerimonial que importava eliminar. A palavra usada para lavagem é “*baptismo*” que significa simplesmente mergulhar na água. O Senhor ensina que a Palavra de Deus é mais importante do que as tradições humanas. O mais importante é manter uma comunhão sincera com Deus.

Então, em parábola, fez referência a uma tradição ensinada pelos rabinos: “*Se um homem disser ao pai ou à mãe: Aquilo que podes aproveitar de mim é corbã, isto é oferta ao Senhor*”. Segundo este ensino, as pessoas podiam oferecer ao Templo os seus bens continuando a usufruir deles até à sua morte. Se um filho não quisesse cumprir o dever de ajudar os pais na sua velhice, ele só teria que oferecer isso ao Templo. Deste modo, ficaria livre da sua responsabilidade com os pais. Aquela doutrina transgredia o mandamento de honrar pai e mãe.

Depois, exortou os tradicionalistas fariseus a purificar o interior do copo e do prato para ficar tudo limpo, que significa limpar os co-

rações contaminados pelo pecado. Porque é do interior do homem que sai toda a espécie de impureza contaminadora, é preciso purificar esse interior, e isso só pode acontecer pela graça de Deus e mediante a fé no Senhor Jesus Cristo.

XV. JESUS VIAJA PARA NORTE VIA FENÍCIA E VOLTA A DECÁPOLIS

1. Jesus retira-se para a região de Tiro e Sidom, Mc 7.24-30; Mt 15.21-28

27 Respondeu-lhes Jesus: Deixa que primeiro se fartem os filhos; porque não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos. 28 Ela, porém, replicou, e disse-lhe: Sim, Senhor; mas também os cachorrinhos debaixo da mesa comem das migalhas dos filhos. 29 Então ele lhe disse: Por essa palavra, vai; o demónio já saiu de tua filha. 30 E, voltando ela para casa, achou a menina deitada sobre a cama, e que o demónio já havia saído. (Marcos).

Tiro e Sidom eram duas cidades fenícias na costa do Mediterrâneo. Onde quer que Jesus estivesse era sempre descoberto e as pessoas corriam para Ele a fim de receberem a sua bênção. Ali, uma mulher estrangeira procurou a ajuda do Senhor para sua filha endemoninhada. “*Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos*” disse o Senhor. À primeira vista parece que Jesus rejeitou a bênção à mulher por ser estrangeira. Mas não é assim. Ele não lhe negou a bênção, mas provou a fé da mulher, assim como prova a nossa em qualquer momento.

Nesta prova o Senhor está referindo que aquelas bênçãos eram primeiramente para os judeus, e não para gentios. A mulher apegou-se à expressão dos cachorrinhos para esclarecer que não se importaria de receber uma migalha da graça de Deus, na qualidade de cachorrinha, ou gentia. Afinal, ela queria desfrutar daquilo que os próprios filhos, os judeus, desperdiçavam.

Jesus apreciou a fé daquela mulher e declarou a filha liberta da possessão demoníaca. Ela aceitou aquilo como verdade e, indo para junto da filha, encontrou-a completamente liberta. Ele sente compaixão pelos oprimidos e tem poder sobre os demónios para libertá-los.

2. Jesus prosseguiu a sua viagem curando muitos enfermos, Mc 7.31-8.1-9; Mt 15. 29-38

1 Naqueles dias, havendo de novo uma grande multidão, e não tendo o que comer, chamou Jesus os discípulos e disse-lhes: 2 Tenho compaixão da multidão, porque já faz três dias que eles estão comigo, e não têm o que comer. 3 Se eu os mandar em jejum para suas casas, desfalecerão no caminho; e alguns deles vieram de longe. 4 E seus discípulos lhe responderam: Donde poderá alguém satisfazê-los de pão aqui no deserto? 5 Perguntou-lhes Jesus: Quantos pães tendes? Responderam: Sete. 6 Logo mandou ao povo que se sentasse no chão; e tomando os sete pães e havendo dado graças, partiu-os e os entregava a seus discípulos para que os distribuíssem; e eles os distribuíram pela multidão. 7 Tinham também alguns peixinhos, os quais ele abençoou, e mandou que estes também fossem distribuídos... (Marcos)

Decápolis é uma região de dez cidades de ambos os lados do rio Jordão ao sul do mar da Galileia.. Passando o Senhor por ali, trouxeram-lhe um surdo mudo e, tocando-lhe nos ouvidos e na língua, curou-o imediatamente. O Seu toque visava sempre despertar a fé do paciente para receber a bênção. As suas palavras eram uma ordem a exigir alteração no estado do doente. As pessoas ficavam maravilhadas e, ainda que Jesus lhes proibisse divulgá-lo, não permitiam que Ele permanecesse oculto e desconhecido. Porque cada vez falavam mais dele em todos os lugares.

A seguir temos o relato da segunda multiplicação. Jesus apreciou a multidão pelo facto de estar com Ele havia três dias, mas já não havia que comer. Por isso, manifestou o seu sentimento aos discípu-

los, os quais responderam que no deserto seria impossível arranjar pão para tanta gente. Ele atalhou perguntando: Quantos pães tentes? Sete, responderam. Então, pegou naquele pão e deu graças por ele ao Pai. Partiu-o e entregou-o aos discípulos para o distribuírem pelo povo.

Na primeira vez, o Senhor, com cinco pães e dois peixes, alimentou cerca de cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças. E, ainda sobejaram doze alcofas cheias de pão e peixe. Na segunda vez, com sete pães e alguns peixes, alimentou quatro mil. E ainda sobejaram sete alcofas cheias de pão e peixe. Os números são bem significativos da bênção operada pela presença de Jesus. Ele é o provedor necessário em cada lar porque o pouco abençoado vale mais do que o muito sem a sua bênção.

3. Jesus enfrenta forte oposição dos adversários em Dalmanuta, Mc 8.10-12; Mt 15.39-16.4

10 E, entrando logo no barco com seus discípulos, foi para as regiões de Dalmanuta. 11 Saíram os fariseus e começaram a discutir com ele, pedindo-lhe um sinal do céu, para o experimentarem. 12 Ele, suspirando profundamente em seu espírito, disse: Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração não será dado sinal algum. (Marcos) 1 Então chegaram a ele os fariseus e os saduceus e, para o experimentarem, pediram-lhe que lhes mostrasse algum sinal do céu. (Mateus).

Pela primeira vez, fariseus e saduceus formaram uma coligação, uniram-se num propósito comum: estar contra Jesus e pedir-lhe um sinal especial convincente da sua missão divina. O Senhor referiu a experiência de Jonas no ventre do grande peixe como o maior sinal que poderiam receber. Além das curas e libertações que estavam observando e atestavam o Seu ministério messiânico, Ele apelou para o sinal maior, a Sua ressurreição, que aconteceria ao terceiro dia após a morte.

XVI. JESUS RETIRA-SE PARA A REGIÃO DE CESAREIA

1. Jesus adverte os discípulos contra o fermento dos fariseus, Mc 8.13-26; Mt 16.5-12

5 Quando os discípulos passaram para o outro lado, esqueceram-se de levar pão. 6 E Jesus lhes disse: Olhai, e acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus. 7 Pelo que eles arrazoavam entre si, dizendo: É porque não trouxemos pão. 8 E Jesus, percebendo isso, disse: Por que arrazoais entre vós por não terdes pão, homens de pouca fé? 9 Não compreendeis ainda, nem vos lembrais dos cinco pães para os cinco mil, e de quantos cestos levantastes? 10 Nem dos sete pães para os quatro mil, e de quantas alcofas levantastes? 11 Como não compreendeis que não vos falei a respeito de pães? Mas guardai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus. 12 Então entenderam que não dissera que se guardassem, do fermento dos pães, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus. (Mateus)

O fermento dos fariseus era o rígido legalismo deles. Enquanto o dos saduceus, ou de Herodes, compreendia o materialismo e a descrença no sobrenatural. O seu ensino, tanto de uns como doutros, agia como o fermento que era introduzido na massa para levedá-la. Era preciso que os discípulos de Jesus se não deixassem contaminar com as suas doutrinas espúrias.

Marcos regista a cura gradual dum cego, que começou a ver os homens como árvores. Isto significa que, embora nem sempre as curas sejam instantâneas na sua totalidade, continuam a ser operações do poder de Deus.

2. Jesus pôs à prova a fé dos discípulos, Mc 8.27-30; Mt 16.13-20; Lc 9.18-21

13 Tendo Jesus chegado às regiões de Cesareia de Filipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: *Quem dizem os homens ser o Filho do homem?* 14 Responderam eles: *Uns dizem que é João, o Baptista; outros, Elias; outros, Jeremias, ou algum dos profetas.* 15 Mas vós, perguntou-lhes Jesus, *quem dizeis que eu sou?* 16 Respondeu-lhe Simão Pedro: *Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.* 17 Disse-lhe Jesus: *Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelou, mas meu Pai, que está nos céus.* 18 Pois também eu te digo que *tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela;* 19 *dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares, pois, na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus.* (Mateus)

Jesus interrogou os discípulos acerca da opinião das pessoas a seu respeito. Visto ouvir várias opiniões, tal como sendo um dos profetas ressuscitados, perguntou a opinião deles. Pedro, decididamente, respondeu que era *o Cristo, o Filho do Deus vivo*.

Acto contínuo, Jesus fez algumas declarações importantes:

- a) Declarou a bem-aventurança de Simão por ter recebido tal revelação de Seu Pai e mudou-lhe o nome para Pedro, que significa pedra de rocha.
- b) Declarou a fundação da Igreja sobre a rocha. Ela estaria sobre uma rocha firme, inabalável, indestrutível.
- c) Declarou que lhe entregava as chaves do reino dos céus com a possibilidade de admitir ou recusar a admissão, de acordo com a reacção das pessoas ao evangelho.
- d) Declarou que as portas do Hades não prevaleceriam contra a sua Igreja, significando que nem a morte nem a estratégia infernal destruiriam a Igreja por Ele fundada.

Continuamente, o Senhor procurava que não fosse feita publicidade acerca da sua pessoa a fim de não apressar a sua morte. Estava reservando-se para ser oferecido na semana da Páscoa em cumprimento da profecia.

3. Jesus preveniu os discípulos quanto à sua morte, ressurreição e volta, Mc 8.31-9.1; Mt 16.21-28; Lc 9.22-27

24 Então disse Jesus aos seus discípulos: *Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me;* 25 *pois, quem quiser salvar a sua vida por amor de mim perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á.* 26 *Pois que aproveita ao homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua vida? ou que dará o homem em troca da sua vida?* (Mateus)

Jesus sabia que estava próximo o seu martírio e começou a preparar os discípulos para esse facto. Pedro imediatamente objectou contra essa hipótese clamando pela misericórdia de Deus para o seu Senhor e Mestre. “*Senhor, tem compaixão de Ti*”. Todavia, esse mesmo Senhor tinha grande compaixão de nós e queria substituir-nos na condenação por causa do pecado. Era seu propósito ir à cruz em nosso favor.

Bruscamente, o Senhor dirigiu-se a Pedro dizendo-lhe que não compreendia as coisas do plano de Deus, mas, tão somente as naturais. Ele ainda não tinha percebido que Jesus devia morrer como cordeiro de Deus pelos pecados da humanidade. O Senhor não disse que Pedro era Satanás, mas que estava sendo inspirado por Satanás.

Aproveitou, então, a ocasião para convidar cada discípulo a tomar a sua cruz para segui-lo, o que significa não recear cair no escárnio dos incrédulos e mesmo chegar ao risco de perder a própria vida. De nada serve ganhar as riquezas do mundo e perder a própria vida. Mas é de grande lucro perder a vida para ganhar a Cristo e a vida eterna.

Depois, esclareceu que Ele voltaria acompanhado por seus anjos e recompensaria cada um segundo as suas obras. Referiu também que alguns daqueles que estavam com Ele não morreriam sem contemplar o Filho do Homem no seu reino.

4. Jesus apareceu transfigurado a três dos discípulos, Mc 9.2-13; Mt 17.1-3; Lc 9.28-36

2 Seis dias depois tomou Jesus consigo a Pedro, a Tiago, e a João, e os levou à parte sós, a um alto monte; e foi transfigurado diante deles; 3 as suas vestes tornaram-se resplandecentes, extremamente brancas, tais como nenhum lavandeiro sobre a terra as poderia branquear. 4 E apareceu-lhes Elias com Moisés, e falavam com Jesus. 5 Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Mestre, bom é estarmos aqui; façamos, pois, três cabanas, uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias. (Marcos)

Seis dias depois, (Lucas diz cerca de oito dias, referindo-se, como nós, a uma semana) possivelmente no monte Hermom, perto de Cesareia de Filipe, Pedro, Tiago e João tiveram a felicidade de ver o cumprimento daquelas palavras. Eles observaram o Senhor transfigurado (metamorfoseado) com vestes resplandecentes, tão alvas como jamais haviam visto algumas. Jesus estava envolto na pureza do céu, a mesma forma como aparecerá segunda vez àqueles que o esperam.

A presença de Moisés representava a Lei que no Sinai fora dada a Israel para servir-lhes de orientação no seu futuro. E, ali estava o cumprimento integral da Lei. A presença de Elias representava os profetas que falaram sobre o Messias, e ali estava o cumprimento dessas profecias: Era a visão de Jesus vindo no seu reino.

Então, perante esta visão extasiante, Pedro sentiu-se impulsionado a construir três cabanas de ramos, semelhantes às da Festa dos Tabernáculos, a fim de prolongar aquela experiência singular. No mesmo instante, todos foram envolvidos por uma nuvem de glória e dela saiu uma voz do Pai a confirmar que aquele era o Seu Filho amado, a quem deviam ouvir e obedecer.

Imediatamente, a nuvem desapareceu e eles não viram senão a Jesus na sua forma natural. Então, admoestou-os para não contarem aquela visão antes da sua ressurreição. Eles guardaram este segredo, embora não entendessem o que significaria ressurgir dos mortos. Ma-

teus escreveu que todas as tribos da terra verão Jesus vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória (Mt 24.30).

10 Perguntaram-lhe os discípulos: Porque dizem então os escribas que é necessário que Elias venha primeiro? 11 Respondeu ele: Na verdade Elias havia de vir e restaurar todas as coisas; 12 digo-vos, porém, que Elias já veio, e não o reconheceram; mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim também o Filho do homem há de padecer às mãos deles. 13 Então entenderam os discípulos que lhes falava a respeito de João, o Baptista. (Mateus)

Em Mateus 11.13,14 temos a explicação clara de Jesus sobre o facto de João Baptista ser o Elias profetizado: “Eis que eu vos envio o profeta Elias antes que venha o dia grande e terrível do Senhor” (Mt 11.13). Isto nada tem a ver com reencarnação; mas significa que essa pessoa viria no modo, espírito e virtude semelhantes às de Elias (cf. Lc 1.17). João Baptista cumpriu perfeitamente aquela profecia.

5. Jesus libertou um jovem após a tentativa frustrada dos discípulos, Mc 9.14-29; Mt 17.14-20; Lc 9.37-43

14 Quando chegaram à multidão, aproximou-se de Jesus um homem que, ajoelhando-se diante dele, disse: 15 Senhor, tem compaixão de meu filho, porque é epilético e sofre muito; pois muitas vezes cai no fogo, e muitas vezes na água. 16 Eu o trouxe aos teus discípulos, e não o puderam curar. 17 E Jesus, respondendo, disse: ó geração incrédula e perversa! até quando estarei convosco? até quando vos sofrerei? Trazei-mo aqui. 18 Então Jesus repreendeu ao demónio, o qual saiu de menino, que desde aquela hora ficou curado. (Mateus)

Neste episódio de libertação do epilético, Jesus ensina que sem oração confiante nada poderá acontecer quando clamamos. Alguns manuscritos acrescentam à oração o jejum. Isto representa a grande

necessidade que temos de passar tempo em comunhão com Deus. O alvo do jejum não deve ser passar um, ou mais, dias de fome. Mas separar um, ou mais, dias a fim de estar em privado com Deus e ouvir os Seus conselhos sobre assuntos de suprema importância.

Perante a estranheza dos discípulos não poderem libertar o rapaz, o Senhor lamentou por esse facto e manifestou que nem sempre estaria com eles fisicamente para os ajudar. Então, declarou-lhes que eles precisavam de usar a fé, ainda que fosse como um grão de mostarda, e veriam as coisas acontecer. Isto significa que o mais importante não é a quantidade, mas a qualidade à semelhança da mostarda.

Jesus usou também a mostarda para ilustrar o crescimento do reino de Deus. Tenho um quadro de parede que diz assim: “*Não é grande fé que move montanhas, mas a minha fé na grandeza de Deus*”. Isto é verdade segundo a Palavra de Deus. Não devemos confiar simplesmente em nossas palavras, mas devemos esperar no poder, na provisão, e na fidelidade de Deus.

6. Jesus prediz novamente a sua morte e ressurreição, Mc 9.30-32; Mt 17. 22,23; Lc 9.43-45

30 Depois, tendo partido dali, passavam pela Galileia, e ele não queria que ninguém o soubesse; 31 porque ensinava a seus discípulos, e lhes dizia: O Filho do homem será entregue nas mãos dos homens, que o matarão; e morto ele, depois de três dias ressurgirá. 32 Mas eles não entendiam esta palavra, e temiam interrogá-lo. (Marcos)

Visto os discípulos terem ainda alguma esperança de Cristo se tornar um messias de vitórias militares, Ele estava sempre recordando a conveniência de cumprir as Escrituras em relação à Sua morte e ressurreição. Todavia, eles mantiveram as suas dúvidas até ao último momento, até possuírem provas palpáveis de que o seu amigo Jesus, que eles viram matar, estava mesmo vivo na sua presença.

XVII. JESUS PASSOU ALGUNS DIAS EM CAFARNAUM

1. Jesus cumpriu o dever de pagar o imposto para o templo, Mt 17.24-27

24 Tendo eles chegado a Cafarnaum, aproximaram-se de Pedro os que cobravam as didracmas, e lhe perguntaram: O vosso mestre não paga as didracmas? 25 Disse ele: Sim. Ao entrar Pedro em casa, Jesus se lhe antecipou, perguntando: Que te parece, Simão? De quem cobram os reis da terra imposto ou tributo? dos seus filhos, ou dos alheios? 26 Quando ele respondeu: Dos alheios, disse-lhe Jesus: Logo, são isentos os filhos. 27 Mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, tira o primeiro peixe que subir e, abrindo-lhe a boca, encontrarás um estáter; toma-o, e dá-lho por mim e por ti. (Mateus)

Todo o judeu masculino começava, a partir dos vinte anos de idade, a pagar um imposto para manutenção dos serviços no Templo. Ainda que os reis só cobravam os impostos dos povos conquistados, Jesus evitou escandalizá-los e pagou também o dito imposto. A César o que é de César, e a Deus o que é de Deus, disse Ele (Mt 22.21). Por conseguinte, Jesus defendeu o pagamento de dois impostos: um para o templo e outro para o estado.

A didracma era uma moeda de prata que valia dois denários. Sendo um denário o preço dum dia de trabalho. Um estáter valia duas didracmas, o preço de quatro dias de trabalho. Repare-se como o Senhor sabia que certo peixe teria engolido uma daquelas moedas caídas no lago. Por isso, ordenou que Pedro fosse pescar e no primeiro peixe encontraria o suficiente para pagar o imposto pelos dois. Portanto, Jesus é onisciente.

2. Jesus dá uma lição de humildade a quem procura o primeiro lugar, Mc 9.33-37; Mt 18.1-5; Lc 9.46-48

1 Naquela hora chegaram-se a Jesus os discípulos e perguntaram: Quem é o maior no reino dos céus? 2 Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles, 3 e disse: Em verdade vos digo que se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. 4 Portanto, quem se tornar humilde como esta criança, esse é o maior no reino dos céus. 5 E qualquer que receber em meu nome uma criança tal como esta, a mim me recebe. (Mateus)

Os doze pensavam que o seu discipulado serviria de autopromoção. Estavam especialmente preocupados em saber quem seria o maior entre eles. Ao tomar uma criança nos seus braços, Jesus simbolizou o discípulo humilde, débil e indefeso, mas confiante no seu Mestre e pronto a segui-lo. Ele esclareceu que sem conversão e humildade ninguém entrará no reino dos céus. A conversão que Jesus exige é uma reviravolta na direcção de Deus e a vivência diária pela fé no Seu Filho.

Jesus ensinou que as crianças são cidadãos naturais do seu reino, e que os adultos só podem alcançar o reino dos céus pelo novo nascimento, tornando-se simples e sinceros como crianças. Além disso, quem quiser ser o maior terá que ser humilde e inofensivo como uma criança. Também ensinou que quem receber um discípulo seu, à semelhança duma criança, é o mesmo que recebê-lo a Ele mesmo. Orgulho e egoísmo são calhaus que impedem o livre acesso ao reino dos céus. O Mestre até aconselhou: “Aprende de mim que sou manso e humilde de coração”.

3. Jesus ensina lições mestras sobre os tropeços, Mc 9.38-50; Mt 18.6-14; Lc 9.49-50;

38 Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que em teu nome expulsava demónios, e nós lho proibimos, porque não nos seguia. 39 Jesus, porém, respondeu: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e possa logo depois falar mal de mim; 40

pois quem não é contra nós, é por nós... 43 E se a tua mão te fizer tropeçar, corta-a; melhor é entrares na vida aleijado, do que, tendo duas mãos, ires para o inferno, para o fogo que nunca se apaga. 44 onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga. 45 Ou, se o teu pé te fizer tropeçar, corta-o; melhor é entrares coxo na vida, do que, tendo dois pés, seres lançado no inferno. 46 onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga. 47 Ou, se o teu olho te fizer tropeçar, lança-o fora; melhor é entrares no reino de Deus com um só olho, do que, tendo dois olhos, seres lançado no inferno 48 onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga. 49 Porque cada um será salgado com fogo. 50 Bom é o sal; mas, se o sal se tornar insípido, com que o haveis de temperar? Tende sal em vós mesmos, e guardai a paz uns com os outros. (Marcos)

João viu alguém a expulsar demónios, que não andava na comitiva de Jesus. Por isso, informou o Mestre que lho tinha proibido. Porém, apesar de não estar seguindo na mesma comitiva, o Senhor disse que aquele homem estava usando o seu nome para expulsar demónios. Jesus ensinou que ninguém deve ser proibido de operar milagres em seu nome. Ele mesmo não ficou decepcionado por alguns desses o não seguirem. Quem operar em seu nome que o faça para glória de Deus.

E, assim como dar um copo de água fresca a um dos seus discípulos merece o respectivo galardão, também quem lhe servir de tropeço receberá o correspondente castigo. Provavelmente, o Senhor usou a prática síria e grega de lançar ao mar, amarrados a uma pedra de moinho, os condenados por assassínio.

Depois, Jesus usou as hipérboles, ou figuras exageradas, como cortar a mão, o pé, ou o olho, para ensinar que deve haver muita vigilância e cuidado para não cairmos, nem fazer cair alguém no pecado. Porque o resultado não será outro senão ser lançado no geena. Este era o lugar em Israel onde Acáz e Manassés instituíram o culto idólatra a Moloque, que Josias destruiu e transformou na lixeira da cidade,

onde o bicho não morre e o fogo jamais se apagará (2 Cr 28,33; 2 Rs 23).

Ser salgado com fogo significa receber o castigo eterno. O sal, aqui, tem duplo significado: Tanto simboliza o tempero da punição eterna, como também o tempero da vida eterna. Cristo aconselhou os seus discípulos para serem o sal da terra. A presença de Cristo através de nós serve para temperar este mundo e dar sabor à vida.

4. Jesus ensina sobre perdão e conciliação entre irmãos, Mt 18.15-35

15 Ora, se teu irmão pecar, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, terás ganho teu irmão; 16 mas se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda palavra seja confirmada. 17 Se recusar ouvi-los, dize-o à igreja; e, se também recusar ouvir a igreja, considera-o como gentio e publicano. 18 Em verdade vos digo: Tudo quanto ligardes na terra será ligado no céu; e tudo quanto desligardes na terra será desligado no céu. 19 Ainda vos digo mais: Se dois de vós na terra concordarem acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus. 20 Pois onde se acham dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles. (...) (Mateus)

O Senhor, que aprecia a paz e a união, ensinou quatro passos para conciliar irmãos desavindos: (1) Realizar uma reunião conciliatória entre as pessoas envolvidas. (2) Realizar segunda reunião na presença de testemunhas. (3) Considerar o caso em assembleia geral. (4) Excluir a parte obstinada.

Ao dizer que tudo o que ligarmos na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligarmos na terra será desligado nos céus, parece significar que Deus só agirá depois de nós agirmos, o que não corresponde à verdade. Deus não pode depender dos nossos caprichos, nem obedecer às nossas ordens. Tudo deverá obedecer aos padrões entregues por Jesus. Pois Ele é Soberano.

Por este motivo, seria mais lógico concluir que quando alguém for ligado ou desligado na terra, já o terá sido por Deus no céu. Ele não espera pela nossa acção, muitas vezes falível. Se um pecador se arrepende, Deus logo o recebe por causa da fé no seu Filho. Se alguém comete pecado e não se arrepende, é logo rejeitado por Deus por causa da sua rebelião. É por esta causa que o irmão deve procurar o seu irmão para salvá-lo da condenação a que está sujeito.

Em seguida contou uma parábola sobre o rei que perdoou a dívida a dois de seus servos. Porém, um deles, recusou-se a perdoar ao seu companheiro. A lição ensina que assim como recebemos o perdão de Deus devemos concedê-lo aos outros, sob pena de sermos excluídos do seu reino. A sociedade perdoada não pode existir a menos que esteja pronta a perdoar. E o ofendido deve tomar a iniciativa.

5. Jesus requer renúncia de seus discípulos, Mt 8.19-22; Lc 9.57-62

57 Quando iam pelo caminho, disse-lhe um homem: Seguir-te-ei para onde quer que fores. 58 Respondeu-lhe Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça. 59 E a outro disse: Segue-me. Ao que este respondeu: Permite-me ir primeiro sepultar meu pai. 60 Repliou-lhe Jesus: Deixa os mortos sepultar os seus próprios mortos; tu, porém, vai e anuncia o reino de Deus. 61 Disse ainda outro: Senhor, eu te seguirei; mas deixa-me primeiro despedir-me dos que estão na minha casa. 62 Jesus, porém, lhe respondeu: Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o reino de Deus. (Lucas)

Jesus procurou esclarecer o primeiro homem, autoconfiante, que não poderia esperar dele benefícios materiais porque nada possuía. Ao segundo aconselhou a ocupar-se no reino de Deus mesmo antes de seu pai morrer. Ao terceiro esclareceu que quem põe o reino de Deus em segundo lugar não é apto para ele. Os familiares jamais devem ser obstáculo para servir Jesus no seu reino.

6. Jesus rejeitou o conselho de seus irmãos quanto à sua publicidade, Jo 7.1-9

1 Depois disto andava Jesus pela Galileia; pois não queria andar pela Judeia, porque os judeus procuravam matá-lo. 2 Ora, estava próxima a festa dos judeus, a dos tabernáculos. 3 Disseram-lhe, então, seus irmãos: Retira-te daqui e vai para a Judeia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes. 4 Porque ninguém faz coisa alguma em oculto, quando procura ser conhecido. Já que fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo. 5 Pois nem seus irmãos criam nele. 6 Disse-lhes, então, Jesus: Ainda não é chegado o meu tempo; mas o vosso tempo sempre está presente. 7 O mundo não vos pode odiar; mas ele me odeia a mim, porquanto dele testifico que as suas obras são más. 8 Subi vós à festa; eu não subo ainda a esta festa, porque ainda não é chegado o meu tempo. 9 E, havendo-lhes dito isto, ficou na Galileia. (João)

Os meio irmãos de Jesus, ainda incrédulos, aconselharam-no a aproveitar a festa dos tabernáculos, a mais concorrida, para publicitar os seus milagres e a sua personalidade. O Senhor respondeu que Ele regulava o seu programa segundo o programa de Deus e não segundo a popularidade. Ele seria alvo do ódio do mundo e não de aclamações populares.

7. Jesus passa por Samaria rumo a Jerusalém, Lc 9.51-56; Jo 7.10

51 Ora, quando se completavam os dias para a sua assunção, manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém. 52 Enviou, pois, mensageiros adiante de si. Indo eles, entraram numa aldeia de samaritanos para lhe prepararem pousada. 53 Mas não o receberam, porque viajava em direcção a Jerusalém. 54 Vendo isto os discípulos Tiago e João, disseram: Senhor, queres que mandemos descer fogo

do céu para os consumir (como Elias também fez?) 55 Ele porém, voltando-se, repreendeu-os, (e disse: Vós não sabeis de que espírito sois.) 56 (Pois o Filho do Homem não veio para destruir as vidas dos homens, mas para salvá-las.) E foram para outra aldeia. (Lucas)

Depois da família sair para a festa em Jerusalém, saiu também Jesus com o mesmo propósito, mas enviou na frente alguns discípulos para lhe prepararem pousada numa aldeia de Samaria. Porém, ali não o receberam e os discípulos voltaram com a triste notícia. Irados, Tiago e João queriam castigá-los com fogo do céu.

O Senhor repreendeu-os dizendo-lhes que eles não pertenciam àquele espírito de vingança. Ele não viera para destruir as pessoas, mas para salvá-las. Esta é a sua missão por excelência. Jesus é o Salvador.

CAPÍTULO V

MINISTÉRIO POSTERIOR NA JUDEIA

Desde a festa dos Tabernáculos até à da Dedicação, aproximadamente três meses, no ano 28 ou 29.

XVIII. JESUS ENSINA DURANTE A FESTA DOS TABERNÁCULOS

1. Jesus chegou ao templo e começou a ensinar, Jo 7.11-52

11 Ora, os judeus o procuravam na festa, e perguntavam: Onde está ele? 12 E era grande a murmuração a respeito dele entre as multidões. Diziam alguns: Ele é bom. Mas outros diziam: não, antes engana o povo. 13 Todavia ninguém falava dele abertamente, por medo dos judeus. 14 Estando, pois, a festa já em meio, subiu Jesus ao templo e começou a ensinar. 15 Então os judeus se admiravam, dizendo: Como sabe este letras, sem ter estudado? 16 Respondeu-lhes Jesus: A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. 17 Se alguém quiser fazer a vontade de Deus, há de saber se a doutrina é dele, ou se eu falo por mim mesmo. 18 Quem fala por si mesmo busca a sua própria glória; mas o que busca a glória daquele que o enviou, esse é verdadeiro, e não há nele injustiça. (...) (João)

Durante a Festa dos Tabernáculos, o povo comentava a seu respeito devido ao facto de estar ausente. Para uns Ele era bom, para outros não passava dum enganador. Mas, devido ao facto de temerem os líderes judaicos, ninguém falava dele abertamente.

Finalmente, o Senhor apareceu na festa e começou a ensinar no templo. Começaram logo os comentários sobre o seu ensino. Onde teria ele recebido a sua preparação teológica?! Porém, o Senhor conhecendo os seus pensamentos respondeu que a sua doutrina era da completa responsabilidade do Pai, que o enviara.

Então, Jesus confronta-os com a prática da lei no sábado (vv. 19-24). Ele era acusado de transgredir a lei curando no sábado, mas eles transgrediam-na circuncidando as crianças também no sábado. O que seria mais importante, a circuncisão duma criança, ou a saúde duma pessoa?

Objectavam que ele fosse o Messias porque o tal não poderia vir de Nazaré (vv. 25-30). Cometeram dois erros: Primeiro, desprezaram a profecia do seu nascimento em Belém (cf. 22). Segundo, imaginavam que a vinda do messias seria misteriosa, sem revelação da sua origem.

Todavia, muitos creram nele e comentavam se o Messias esperado faria maiores sinais do que aqueles (vv. 31-36). Os líderes, ao ouvir estes comentários, procuraram prendê-lo a fim de impedirem a divulgação das suas doutrinas. Então, o Senhor esclareceu que se retiraria para as suas origens, no céu, onde não poderiam encontrá-lo. Porém, eles, ao ouvir isto, imaginaram que iria pregar aos dispersos entre os gregos.

No último dia da festa, Jesus fez um convite muito significativo (vv. 37-39): “*Se alguém tem sede venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, do seu interior correrão rios de água viva*”. Estava recordando-lhes a rocha donde beberam no deserto e que Ele era a verdadeira fonte da vida para todos os que cressem nele.

Os que tinham sido enviados para prendê-lo regressaram sem o ter feito, e testemunharam que homem algum falara como Ele. Então, os fariseus questionaram se também eles tinham sido enganados, visto que nenhuma das autoridades em Jerusalém havia crido nele.

Nicodemos, que já tinha estado com o Senhor, retorquiu perguntando se a lei permite julgar um homem sem o ter ouvido previamente. A resposta rápida foi que “*da Galileia nenhum profeta surgiu*” (v. 52). Tinham esta ideia porque não reconheciam que Ele fosse de Belém, conforme a profecia.

2. Jesus foi compassivo com uma mulher acusada de adultério, Jo 7.53-8.11

53 E cada um foi para sua casa. 8.1 Mas Jesus foi para o Monte das Oliveiras. 2 Pela manhã cedo voltou ao templo, e todo o povo vinha ter com ele; e Jesus, sentando-se o ensinava. 3 Então os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério; e pondo-a no meio, 4 disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. 5 Ora, Moisés nos ordena na lei que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes? 6 Isto diziam eles, tentando-o, para terem de que o acusar. Jesus, porém, inclinando-se, começou a escrever no chão com o dedo. 7 Mas, como insistissem em perguntar-lhe, ergueu-se e disse-lhes: Aquele dentre vós que está sem pecado seja o primeiro que lhe atire uma pedra. 8 E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra. 9 Quando ouviram isto foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos, até os últimos; ficou só Jesus, e a mulher ali em pé. 10 Então, erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém senão a mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? 11 Respondeu ela: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu te condeno; vai-te, e não peques mais. (João)

Os acusadores de Jesus tentaram envolvê-lo num dilema difícil para apanhá-lo em falta. Levaram à sua presença uma mulher que, segundo eles, fora apanhada em adultério e confrontaram-no com a lei de Moisés interrogando maliciosamente: “*Tu, pois, que dizes?*”. Se Ele não declarasse a pena de morte teriam motivo para acusá-lo de transgressor da lei de Moisés. Se Ele a declarasse teriam motivo

para acusá-lo como transgressor da autoridade romana, que os impediu de impor a pena de morte.

Ora, se a lei prescreve o apedrejamento, Jesus não podia alterar a lei. Se o imperador lhes impediu o recurso à pena de morte, não podia transgredir essa lei. Não sabemos o que ele estaria escrevendo no chão. Seria o nome do homem que estivera com ela? Ou seria a acusação que várias vezes dirigiu aos fariseus: “hipócritas”? Só no evangelho de Mateus, encontramos este tratamento treze vezes. Embora João não use o mesmo vocábulo, ele registou a sua hipocrisia pelo facto de não ousarem agir conforme a lei.

Como insistissem com ele, ergueu-se e, sabiamente, permitiu que se algum estivesse sem pecado fosse o primeiro a atirar a primeira pedra. Deste modo, cumpriu a lei e desmotivou os acusadores, que imediatamente se afastaram começando pelo mais velho, que seria o primeiro a atirar a primeira pedra.

Acto contínuo, voltou-se para a mulher interrogando onde estavam os seus acusadores. Desapareceram derrotados e cabisbaixos. Ele, o único que podia acusá-la e castigá-la por pecado, também não estava disposto a condená-la porque ele veio para salvar e não para condenar. Jesus é o Salvador por excelência.

3. Jesus declara-se a luz do mundo e os fariseus procuram matá-lo, Jo 8.12-59

12 Então Jesus tornou a falar-lhes, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue de modo algum andarás em trevas, mas terá a luz da vida. 13 Disseram-lhe, pois, os fariseus: Tu dás testemunho de ti mesmo; o teu testemunho não é verdadeiro. 14 Respondeu-lhes Jesus: Ainda que eu dou testemunho de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro; porque sei donde vim, e para onde vou; mas vós não sabeis donde venho, nem para onde vou. 15 Vós julgais segundo a carne; eu a ninguém julgo. 16 E, mesmo que eu julgue, o meu juízo é verdadeiro; porque não sou eu só, mas eu e o Pai que me enviou. 17 Ora, na vossa lei está escrito que o testemunho de dois homens é verdadeiro. 18 Sou eu que dou testemunho de mim mes-

mo, e o Pai que me enviou, também dá testemunho de mim. 19 Perguntavam-lhe, pois: Onde está teu pai? Jesus respondeu: Não me conheceis a mim, nem a meu Pai; se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai. (...) (João)

Na Festa dos Tabernáculos comemorava-se, com quatro candelabros acesos no templo, a coluna de fogo que guiou os israelitas pelo deserto. Jesus aproveitou essa ilustração para se apresentar como a verdadeira luz espiritual que guia os discípulos pelo deserto desta vida. Este é um dos sete “*Eu Sou*” existentes em João.

Todavia, a luz impõe julgamento às trevas. Então, os praticantes de más obras rejeitam a luz para não serem condenados. Os judeus rejeitaram Jesus e procuravam matá-lo porque a luz da sua vida condenava as obras deles. Eles não podiam permitir que um nazareno sem formação académica pusesse em dúvida a sua teologia e se levantasse contra as suas práticas.

Os fariseus acusaram-no de dar testemunho de si mesmo, por isso o seu testemunho não era verdadeiro. O Senhor apelou para a lei, a qual diz que o testemunho de dois homens é verdadeiro, e para o testemunho de seu Pai que o tinha enviado. Eles nem sequer aceitavam o testemunho que Deus dava constantemente de seu Filho. Ele sempre dizia que “*o Pai, que está em mim, é que faz as obras*”. Este era o melhor testemunho de que Ele era o Filho de Deus.

Quando lhe perguntaram, em tom de escárnio, onde estava seu pai, não queriam somente que lho apresentasse como testemunha, mas estavam insinuando que ele era filho de adultério. Esta era a maior ofensa que se podia dirigir a um judeu. O Senhor replicou que se o não conheciam a Ele também não conheciam a seu Pai. Porque o Filho era a expressa imagem do Pai, como dizia: “*Quem me vê a mim vê o Pai*”.

Jesus continuou, esclarecendo que eles eram da terra, enquanto Ele era do céu. Finalmente perguntaram: quem és tu?. - *Exactamente o que venho dizendo que sou* (v. 25). Jesus era o Filho de Deus, a

expressa imagem do Pai. Era o cumprimento das profecias, aquele que o povo esperava, mas estava rejeitando.

4. Jesus curou um cego de nascimento, Jo 9.1-41

1 E passando Jesus, viu um homem cego de nascença. 2 Perguntaram-lhe os seus discípulos: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? 3 Respondeu Jesus: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi para que nele se manifestem as obras de Deus. 4 Importa que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; vem a noite, quando ninguém pode trabalhar. 5 Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo. 6 Dito isto, cuspiu no chão e com a saliva fez lodo, e untou com lodo os olhos do cego, 7 e disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que significa Enviado). E ele foi, lavou-se, e voltou vendo. 8 Então os vizinhos e aqueles que antes o tinham visto, quando mendigo, perguntavam: Não é este o mesmo que se sentava a mendigar? 9 Uns diziam: É ele. E outros: Não é, mas se parece com ele. Ele dizia: Sou eu. 10 Perguntaram-lhe, pois: Como se te abriram os olhos? 11 Respondeu ele: O homem que se chama Jesus fez lodo, untou-me os olhos, e disse-me: Vai ao tanque de Siloé e lava-te. Fui, pois, lavei-me, e fiquei vendo. (...) (João)

Alguns judeus ensinavam que as pessoas que tivessem pecado numa existência anterior, ou, até mesmo no ventre de sua mãe, deveriam ser punidas por seus pecados. Outros ensinavam que os filhos sofriam por causa dos pecados dos pais. Os discípulos consideraram essa hipótese na interrogação que fizeram ao Senhor. *Afinal, quem pecou?* Jesus respondeu que ninguém pecou. Foi o desígnio de Deus, mas agora estava ali a solução: *e fazendo lodo com saliva untou-lhe os olhos*. Esta estranha forma de curar resultou, pois o cego, *obedecendo*, foi ao tanque lavar-se e começou a ver. A acção do Senhor serviu para despertar a fé do homem, enquanto a obediência do cego serviu para provar a sua fé no Senhor. Uma vez mais Jesus foi acusado de transgredir a lei por

Jesus foi acusado de transgredir a lei por curar no sábado. Eles declararam tanto Jesus como o cego de serem pecadores perdidos.

5. Jesus conta e explica a parábola do bom pastor, Jo 10.1-41

1 Em verdade, em verdade vos digo: quem não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e salteador. 2 Mas o que entra pela porta é o pastor das ovelhas. 3 A este o porteiro abre; e as ovelhas ouvem a sua voz; e ele chama pelo nome as suas ovelhas, e as conduz para fora. 4 Depois de conduzir para fora todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz; 5 mas de modo algum seguirão o estranho, antes fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos. 6 Jesus propôs-lhes esta parábola, mas eles não entenderam o que era que lhes dizia.

7 Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas. 8 Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não os ouviram. 9 Eu sou a porta; se alguém entrar por mim salvar-se-á, e entrará e sairá, e achará pastagens. 10 O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância. 11 Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas. 12 Mas o que é mercenário, e não pastor, de quem não são as ovelhas, vendo vir o lobo, deixa as ovelhas e foge; e o lobo as arrebatou e dispersa. 13 Ora, o mercenário foge porque é mercenário, e não se importa com as ovelhas. 14 Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, 15 assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas. (João)

Esta parábola e a sua explicação foi uma lição do Senhor sobre o cego, que era uma ovelha perdida; sobre os fariseus, que eram ladrões e salteadores; e sobre o próprio Jesus, que era o bom pastor. Os mercenários trabalham pelo amor ao dinheiro, abandonando as

ovelhas em face do perigo. O bom pastor trabalha por amor às ovelhas, sacrificando-se por elas enfrentando mesmo o perigo. O verdadeiro pastor é reconhecido pela sua gentileza e pela reacção favorável das suas ovelhas que o reconhecem como seu guia. Jesus é o bom pastor.

Jesus apresenta-se como a porta de entrada no verdadeiro ajuntamento de crentes que é a Igreja. Ele é o bom pastor que deu a sua vida em defesa, não somente pelas ovelhas desgarradas de Israel, mas também pelas gentias de todo o mundo. Ele enfrentou o lobo devorador e arrebatou-lhe as ovelhas que ele queria destruir. Elas formam agora um rebanho sob a liderança de um pastor que as guia a pastos verdejantes e a águas vivas. Jesus é o nosso bom pastor que vela constantemente por nós.

XIX. MINISTÉRIO DE JESUS FORA DE JERUSALÉM (Possivelmente na Judeia)

1. Jesus enviou adiante de si outros setenta discípulos, Lc 10.1-24

1 Depois disso designou o Senhor outros setenta, e os enviou adiante de si, de dois em dois, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir. 2 E dizia-lhes: Na verdade, a seara é grande, mas os trabalhadores são poucos; rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara. 3 Ide; eis que vos envio como cordeiros ao meio de lobos. 4 Não leveis bolsa, nem alforje, nem alparcas; e a ninguém saudeis pelo caminho. 5 Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: Paz seja com esta casa. 6 E se ali houver um filho da paz, repousará sobre ele a vossa paz; e se não, voltará para vós. 7 Ficai nessa casa, comendo e bebendo do que eles tiverem; pois digno é o trabalhador do seu salário. Não andeis de casa em casa. 8 Também, em qualquer cidade em que entrardes, e vos receberem, comei do que puserem diante de vós. 9

Curai os enfermos que nela houver, e dizei-lhes: É chegado a vós o reino de Deus... (Lucas)

Jesus gostava muito de enviar os discípulos aos pares. Sabemos mesmo que é melhor dois do que um. Se um desanimar, o outro alenta-o. Se um enfrenta dificuldades, o outro ajuda-o. Se um cair, o outro levanta-o. Este é o cuidado que Ele tem com os seus representantes. O Senhor não envia alguém para a sua seara desamparado. Além disso, sabia muito bem que os enviava para o meio de lobos, onde correriam perigo de vida.

O número setenta, provavelmente, seguia o exemplo dos setenta anciãos nomeados por Moisés, e prefiguraria o número das nações gentílicas à sua volta, onde a Igreja haveria de cumprir a sua missão mundial levando o evangelho da paz. O Senhor manifestou um interesse especial pelo mundo quando ensinou os discípulos ou a suplicar mais trabalhadores para o grande campo.

Jesus não descuidou as suas necessidades diárias ao aconselhá-los a não levar bolsa nem alforge; porém, deixou entender que pelo caminho alguém cuidaria deles porque digno é o obreiro do seu salário. Isto é, Deus abriria os corações daqueles que abririam suas portas para recebê-los e cuidar deles.

Eles foram enviados com a dupla missão de proclamar a chegada do reino de Deus e curar os enfermos por onde iam passando. Esta é ainda a principal missão da verdadeira Igreja de Cristo.

2. Jesus contou a parábola do bom samaritano, Lc 10.25-37

25 E eis que se levantou certo doutor da lei e, para o experimentar, disse: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?... 29 Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo? 30 Jesus, prosseguindo, disse: Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu nas mãos de salteadores, os quais o despojaram e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. 31

Casualmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e vendo-o, passou de largo. 32 De igual modo também um levita chegou àquele lugar, viu-o, e passou de largo. 33 Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou perto dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão; 34 e aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; e pondo-o sobre a sua cavalcadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele... (Lucas)

Nesta parábola, o Senhor ensina ao doutor da lei o verdadeiro sentido de “amar ao próximo como a ti mesmo”. Sabe-se que os judeus desprezavam os samaritanos porque estes descendiam de gentios introduzidos na terra no tempo das conquistas pelo rei assírio Salmanaser (2 Rs 17.24). Além disso, praticavam um culto diferente do ortodoxo, mantido por sacerdotes especialmente deles, cujo centro estava no Monte Gerizim. Do mesmo modo, os judeus eram pessoas desprezíveis para os samaritanos. E, tanto uns como outros evitavam contaminar-se tocando nalgum cadáver, pois a purificação ser-lhes-ia muito cara.

O doutor quis arrastar Jesus para a discussão teológica sobre o termo “próximo”. Será que a palavra incluiria também os inimigos pessoais, raciais e os gentios? Jesus respondeu com aquela parábola para ensinar que o meu próximo é aquele que estiver em necessidade. Ainda que o samaritano tenha descoberto que aquele homem era judeu não deixou de ajudá-lo, mas fez o que estava ao seu alcance para suavizar a sua dor. Aqui, o Senhor ensina-nos a usar de misericórdia com todas as pessoas, independentemente da sua afinidade pessoal, social, ou étnica.

3. Jesus defendeu Maria por ter escolhido a melhor parte, Lc 10.38-42

38 Ora, quando iam de caminho, entrou Jesus numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa. 39 Tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, sentando-se aos pés do Se-

nhor, ouvia a sua palavra. 40 Marta, porém, andava preocupada com muito serviço; e aproximando-se, disse: Senhor, não se te dá que minha irmã me tenha deixado a servir sozinha? Dize-lhe, pois, que me ajude. 41 Respondeu-lhe o Senhor: Marta, Marta, estás ansiosa e perturbada com muitas coisas; 42 entretanto poucas são necessárias, ou mesmo uma só; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada. (Lucas)

João (12.1) informa-nos que essa aldeia era Betânia, a cerca de três quilómetros de Jerusalém. Este era um lugar que Jesus visitava frequentemente, e onde habitava uma família que fazia parte do círculo de seus amigos íntimos. Quando Jesus chegou a Betânia foi recebido por Marta, que se ocupou imediatamente de lhe providenciar o melhor conforto, enquanto Maria se assentou a ouvir os seus ensinamentos.

Perante o reparo de Marta, o Senhor esclareceu-a que a Sua companhia e a Sua palavra são prioritárias na vida das pessoas. A Sua palavra é mais importante do que uma refeição preparada com grande esmero. Esta alimenta para a vida terrena, a Palavra de Deus alimenta para a vida eterna. E Maria fez a melhor escolha pela qual não ficará sem recompensa.

4. Jesus ensina os discípulos a persistir na oração, Lc 11.1-13

2 Ao que ele lhes disse: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; 3 dá-nos cada dia o nosso pão quotidiano; 4 e perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo aquele que nos deve; e não nos deixes entrar em tentação, mas livra-nos do mal... (Lucas)

Jesus já anteriormente tinha ensinado os discípulos a orar. Mas, como a aprendizagem requer repetição, o Senhor reproduziu a síntese da oração modelo. Note-se que a mesma contém os cinco itens

mais importantes na vida: santidade, reino, alimento, perdão, e protecção. Tudo isto será manifesto em nossas vidas se orarmos com persistência.

A seguir, a parábola do amigo importuno ensina que se o seu amigo não ficou indiferente ao seu pedido, muito mais Deus responderá às nossas orações suprimindo conforme as necessidades diárias. O Senhor ensinou que a oração persistente consta de *pedir* o que não temos, *buscar* o que não vemos, *bater* para remover obstáculos. Isto é, devemos ver o que não temos para ter o que não vemos.

5. Jesus é, novamente, acusado de blasfémia, Lc 11.14-36

14 Estava Jesus expulsando um demónio, que era mudo; e aconteceu que, saindo o demónio, o mudo falou; e as multidões se admiraram. 15 Mas alguns deles disseram: É por Belzebu, o príncipe dos demónios, que ele expulsa os demónios. 16 E outros, experimentando-o, lhe pediam um sinal do céu. 17 Ele, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse-lhes: Todo reino dividido contra si mesmo será assolado, e casa sobre casa cairá. 18 Ora, pois, se Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Pois dizeis que eu expulso os demónios por Belzebu. 19 E, se eu expulso os demónios por Belzebu, por quem os expulsam os vossos filhos? Por isso eles mesmos serão os vossos juizes. 20 Mas, se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demónios, logo é chegado a vós o reino de Deus... (Lucas)

Em virtude de Jesus expulsar os demónios, os fariseus estavam sempre acusando-o de fazer isso pelo poder de Satanás. O Senhor contestou essa ideia dizendo que Satanás não pode estar dividido, nem lutar contra si mesmo. Pois, certamente todo o reino que estiver dividido cairá. Jesus sempre esclarecia que a sua autoridade sobre os demónios era sinal de que o reino de Deus havia chegado. Sem dúvida, o Senhor estava entrando nos domínios de Satanás porque é mais poderoso do que ele.

Como está escrito: “Quando o valente guarda, armado, a sua casa, em segurança está tudo quanto tem. Mas, sobrevindo outro mais valente do que ele e vencendo-o, tira-lhe a armadura em que confiava e reparte os seus despojos”. O mais valente é Jesus, que está assaltando o castelo de Satanás e a tirar-lhe o que não lhe pertence.

Então, uma mulher levantou a voz entre a multidão e disse: “*Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos em que te amamentaste*”. É claro que ela se estava referindo a Maria, sua mãe, porém, o Senhor remeteu essa bem-aventurança para os ouvintes e praticantes da palavra de Deus (vv. 27,28).

6. Jesus lança veementes ais contra escribas e fariseus, Lc 11.37-54

37 Acabando Jesus de falar, um fariseu o convidou para almoçar com ele; e havendo Jesus entrado, reclinou-se à mesa. 38 O fariseu admirou-se, vendo que ele não se lavara antes de almoçar. 39 Ao que o Senhor lhe disse: Ora vós, os fariseus, limpais o exterior do copo e do prato; mas o vosso interior está cheio de rapina e maldade. 40 Loucos! quem fez o exterior, não fez também o interior? 41 Dai, porém, de esmola o que está dentro do copo e do prato, e eis que todas as coisas vos serão limpas.

42 Mas ai de vós, fariseus! porque dais o dízimo da hortelã, e da arruda, e de toda hortaliza, e desprezais a justiça e o amor de Deus. Ora, estas coisas importava fazer, sem deixar aquelas... (Lucas)

Um fariseu convidou Jesus para uma refeição e o Senhor assentou-se à mesa sem lavar as mãos conforme o costume judaico. Logo começou a ser criticado por não lavar as mãos antes de comer. Não porque Ele fosse amigo da sujidade, mas porque era contrário às práticas religiosas tradicionais.

Então, Jesus deu uma lição de Mestre. Enquanto eles cuidavam em lavar o exterior o seu interior continuava sujo pelo pecado. Eles deviam considerar que Deus fez tanto o exterior como o interior e, por isso mesmo, tinham que procurar a limpeza de ambas as partes. Primeiro por dentro e depois por fora.

O Senhor critica-os por serem tão cuidadosos no pagamento dos dízimos e não observarem o mais importante da lei, que é a justiça e o amor. Ensina que convém cumprir uma e não desprezar as outras. E pronunciou cinco ais sobre eles:

Ai de vós porque desprezais a justiça e o amor.

Ai de vós porque gostais dos primeiros assentos.

Ai de vós porque sois como sepulturas disfarçadas.

Ai de vós porque carregais os homens com fardos difíceis.

Ai de vós porque edificais os túmulos dos profetas.

7. Jesus pronuncia um poderoso discurso para milhares de pessoas, Lc 12.1-59

1... começou Jesus a dizer primeiro aos seus discípulos: Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia. 2 Mas nada há encoberto, que não haja de ser descoberto; nem oculto, que não haja de ser conhecido. 3 Porquanto tudo o que em trevas dissestes, à luz será ouvido; e o que falaste ao ouvido no gabinete, dos eirados será apregoad.

4 Digo-vos, amigos meus: Não temais os que matam o corpo, e depois disso nada mais podem fazer. 5 Mas eu vos mostrarei a quem é que deveis temer; temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno; sim, digo, a esse temei...

8 E digo-vos que todo aquele que me confessar diante dos homens, também o Filho do homem o confessará diante dos anjos de Deus; 9 mas quem me negar diante dos homens, será negado diante dos anjos de Deus... (Lucas)

O seus discursos eram de tal forma cativantes que as multidões acorriam onde quer que Ele estivesse. Vendo à Sua volta milhares de pessoas, Jesus começou a ensinar começando pelos discípulos: *“Acautelai-vos do fermento dos fariseus”*. O Senhor referia-se às doutrinas farisaicas, as quais relacionou com a hipocrisia. Mas tudo isso será esclarecido na vinda do Senhor. Assim como todo o ensino receberá a sua recompensa.

Ele continua dizendo-lhes: *“Não temais os que matam o corpo”*. Os discípulos estavam expostos aos maiores perigos, mas Ele anima-os com o exemplo dos passarinhos, dos quais nenhum cai sem o desígnio de Deus. É preciso confiar em Deus, pois, para Ele valemos mais do que muitos passarinhos. É conveniente temer a Deus porque tem poder para lançar no inferno os hipócritas - *no geenna*.

Por conseguinte, aquele que *o confessar perante o homens* também Ele o confessará diante dos anjos. Porém, quem o negar será negado igualmente. Jesus despertou a responsabilidade dos discípulos a fim de não perderem a salvação. Todos devemos ter o cuidado de confessar que Jesus é o nosso Senhor.

Depois, foi procurado por um dentre a multidão que lhe pediu para intervir numa partilha. *“Mestre, dize a meu irmão que reparta comigo a herança”*. O Senhor deu a entender que essa não era a sua missão e advertiu que se guardassem da avareza. Pois, a vida não consiste em possuir muitas coisas, porque a fonte da vida está nele mesmo. E, virando-se para a multidão, contou-lhes mais uma parábola, a do rico avarento:

16 Propôs-lhes então uma parábola, dizendo: O campo de um homem rico produzira com abundância; 17 e ele arrazoava consigo, dizendo: Que farei? Pois não tenho onde recolher os meus frutos. 18 Disse então: Farei isto: derribarei os meus celeiros e edificarei outros maiores, e ali recolherei todos os meus cereais e os meus bens; 19 e direi à minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe, regala-te. 20 Mas Deus

lhe disse: Insensato, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? (Lucas)

Jesus está ensinando que mais importante do que as riquezas terrenas é a abundância do que for amealhado no céu através do serviço no reino de Deus. Quem confia em Deus serve-o de coração sem andar inquieto quanto às necessidades desta vida. Jesus apelou para o exemplo das aves e dos lírios do campo, os quais estão inteiramente aos cuidados de Deus. E nós valemos muito mais do que as aves e os lírios.

O Senhor, amoroso, aconselha a ocuparmo-nos em primeiro lugar no reino de Deus porque todas as coisas desta vida serão recebidas como resultado dessa dedicação. Além disso, ensina que a verdadeira riqueza consiste em possuir um relacionamento são com Deus e investir para a eternidade no reino dos céus.

Ainda contou mais uma parábola sobre a sua volta, advertindo que é preciso vigiar atentamente e esperá-lo a cada instante para não correr o perigo de ser rejeitado. O Senhor é compassivo ao ponto de deixar-nos esta advertência a fim de evitarmos cair na perdição eterna. Convém seguir o conselho amigo de Jesus e cumprir a missão de servos no reino dos céus, conforme suas palavras a seguir:

35 Estejam cingidos os vossos lombos e acesas as vossas candéias; 36 e sede semelhantes a homens que esperam o seu senhor, quando houver de voltar das bodas, para que, quando vier e bater, logo possam abrir-lhe. 37 Bem-aventurados aqueles servos, aos quais o senhor, quando vier, achar vigiando! Em verdade vos digo que se cingirá, e os fará reclinar-se à mesa e, chegando-se, os servirá. 38 Quer venha na segunda vigília, quer na terceira, bem-aventurados serão eles, se assim os achar... (Lucas)

Os versos 49-53 apresentam-nos o magnífico cordeiro sofredor. Jesus diz que veio lançar fogo na terra e que há um novo baptismo para Ele. E manifesta grande ansiedade pelo seu cumprimento. Estas

palavras referem-se ao sofrimento na cruz, o qual traria imensa controvérsia e até divisões nas famílias por sua causa. Isto é, os que crêem em Cristo procuram viver unidos à sombra da cruz, enquanto os descrentes preferem viver separados, até mesmo da família.

8. Jesus ensina sobre a necessidade de arrependimento usando a parábola da figueira, Lc 13.1-9

5 ... eu vos digo; antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis. 6 E passou a narrar esta parábola: Certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha; e indo procurar fruto nela, não o achou. 7 Disse então ao viticultor: Eis que há três anos venho procurar fruto nesta figueira, e não o acho; corta-a; para que ocupa ela ainda a terra inutilmente? 8 Respondeu-lhe ele: Senhor, deixa-a este ano ainda, até que eu cave em derredor, e lhe deite estrume; 9 e se no futuro der fruto, bem; mas, se não, cortá-la-ás. (Lucas)

Jesus esclareceu, com o assunto dos zelotes galileus e o desastre da torre de Siloé, que não há níveis de pecado. Todo o pecado praticado pelo homem é transgressão que desagrada a Deus e merece castigo. Por este motivo, todos carecem de arrependimento. Na parábola da figueira estéril, o Senhor deu a entender que Deus procurou encontrar fruto em Israel e não viu senão folhas. À semelhança da figueira, o povo israelita deveria ser arrancado da sua terra. Porém, o servo viticultor suplicou mais algum tempo para cuidar da figueira e só depois da experiência agiria em conformidade.

De facto, após a oportunidade dada a Israel, no ano setenta o romano general Tito derrubou as muralhas, conquistou a cidade, incendiou o Templo, sacrificou muitos judeus e milhares deles fugiram espalhando-se por toda a parte. Somente em 14 de Maio de 1948 proclamaram a independência do país, e não têm vivido sem dificuldades.

9. Jesus cura uma mulher no sábado e defende-se perante o chefe da sinagoga, Lc 13.10-21

10 Jesus estava ensinando numa das sinagogas no sábado. 11 E estava ali uma mulher que tinha um espírito de enfermidade havia já dezoito anos; e andava encurvada, e não podia de modo algum endireitar-se. 12 Vendo-a Jesus, chamou-a, e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade; 13 e impôs-lhe as mãos e imediatamente ela se endireitou, e glorificava a Deus. 14 Então o chefe da sinagoga, indignado porque Jesus curara no sábado, tomando a palavra disse à multidão: Seis dias há em que se deve trabalhar; vinde, pois, neles para serdes curados, e não no dia de sábado... (Lucas)

Jesus é sempre o Senhor compassivo. As pessoas valem mais para Ele do que os sábados ou as tradições humanas. As pessoas valem mais do que bois ou jumentos, os quais também eles abeberavam nos sábados. E aquela filha de Abraão não teria o direito de ser liberta dos grilhões de Satanás? Sem dúvida que sim. Deste modo, Jesus ensinou que o sábado era o dia que melhor se prestava para praticar actos de compaixão. Porém, para nós todos os dias são bons para demonstrar compaixão pelas pessoas.

Então, passou a comparar o reino de Deus com a pequena semente de mostarda e com o pouco fermento usado para levedar a massa (18-21). Isto significa que do começo insignificante lançado pelo Senhor, o reino de Deus crescerá até à sua consumação.

10. Na festa da Dedicção, Jesus é perseguido e retira-se de Jerusalém, Jo 10.22-39

22 Celebrava-se então em Jerusalém a festa da dedicação. E era inverno. 23 Andava Jesus passeando no templo, no pórtico de Salomão. 24 Rodearam-no, pois, os judeus e lhe perguntavam: Até quando nos deixarás perplexos? Se tu és o Cristo, dize-no-lo aber-

tamente. 25 Respondeu-lhes Jesus: Já vo-lo disse e não credes. As obras que eu faço em nome de meu Pai, essas dão testemunho de mim. 26 Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas. 27 As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu as conheço, e elas me seguem; 28 eu lhes dou a vida eterna, e jamais perecerão; e ninguém as arrebatará da minha mão. 29 Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai. 30 Eu e o Pai somos um. 31 Os judeus pegaram então outra vez em pedras para o apedrejar... (João)

A Festa da Dedicção era celebrada em Dezembro, dois meses após a dos Tabernáculos, no outono. Esta Festa recordava a purificação e rededicação do Templo, por Judas Macabeu, após o acto sacrílego praticado por Antíoco Epifânio.

Enquanto Jesus passeava no pátio de Salomão foi abordado pelos judeus que queriam ter a certeza se Ele era o Messias. O Senhor afirmou que já tinham ouvido isso algumas vezes, contudo, não acreditavam. Então, o Senhor apelou para as obras feitas em nome de seu Pai, as quais testemunham da sua messianidade, e permaneciam incrédulos. Além disso, Jesus afirmou ser um com o Pai: *“Eu e o Pai somos um”*.

Imediatamente, pegaram em pedras para apedrejá-lo. Então, o Senhor interrogou-os por que motivo faziam aquilo. Responderam: *“porque, sendo tu homem te fazes Deus”*. Ele retorquiu que se a lei chamou deuses aos juizes de Israel (Sl 82.1-4), porque estavam eles tão perturbados em virtude dele dizer que era Filho de Deus?

CAPÍTULO VI

MINISTÉRIO DE JESUS NA PEREIA

(Desde a festa da Dedicção em 29 d.C. até à semana antes da Páscoa em 30 d. C.)

XX. JESUS TRABALHA NA PEREIA ATÉ À MORTE DE LÁZARO

1. Jesus retira-se de Jerusalém para Betânia, além do Jordão, Jo 10.39-42

40 E retirou-se de novo para além do Jordão, para o lugar onde João baptizava no princípio; e ali ficou. 41 Muitos foram ter com ele, e diziam: João, na verdade, não fez sinal algum, mas tudo quanto disse deste homem era verdadeiro. 42 E muitos ali creram nele. (João)

A repetida afirmação de Jesus da sua unidade com o Pai provocou uma ameaça de perseguição tal que teve de se ausentar da cidade. O Senhor procurou refúgio no seu local preferido, a casa de Lázaro, em Betânia, além do Jordão. Mesmo retirado, não podia passar despercebido. As pessoas recordavam-se do que João havia dito a Seu respeito e comparavam o ministério de ambos. Enquanto João teve um ministério sem milagres, Jesus teve um ministério recheado de maravilhas que o creditaram como o Messias prometido. Não convinha continuar na incredulidade. E, muitos do povo confiaram nele, pondo em relevo a incredulidade dos líderes de Israel.

2. Jesus percorre cidades e aldeias da Pereia dirigindo-se para Jerusalém, Lc 13.22-30

22 Assim percorria Jesus as cidades e as aldeias, ensinando, e caminhando para Jerusalém. 23 E alguém lhe perguntou: Senhor, são poucos os que se salvam? Ao que ele lhes respondeu: 24 Porfiai por entrar pela porta estreita; porque eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão... 29 Muitos virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e reclinar-se-ão à mesa no reino de Deus. 30 Pois há últimos que serão primeiros, e primeiros que serão últimos. (Lucas)

Jesus é um ensinador e tem de cumprir o seu ministério. No seu percurso, alguns perguntavam sobre a quantidade dos que se salvariam. Ele respondia: “Porfiai por entrar pela porta estreita, porque eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão”. O Senhor queria dizer que não se preocupassem com a questão de números, mas que observassem se eles mesmos faziam parte dos salvos. Entrar pela porta estreita com fardos era impossível. Havia algo que deviam primeiro deixar para poderem entrar.

Os judeus imaginavam que somente pelo facto de serem filhos de Abraão estavam capacitados para o reino de Deus. Por este motivo, Jesus esclarece que aquele conceito estava errado e que deviam tomar uma nova atitude concernente ao assunto. Caso contrário, muitos gentios do oriente e do ocidente fariam parte do reino de Deus, enquanto eles seriam rejeitados. Deste modo, os primeiros passariam para últimos por desprezarem a sua grande oportunidade. Todavia, os últimos, que são os gentios, passariam para primeiros por aceitarem a salvação pela fé em Cristo Jesus e assentar-se-iam à mesa no reino de Deus. (Compare-se Rom. 10 e 11).

3. Jesus, avisado que Herodes Antipas quer matá-lo, responde com a ousadia de quem não teme as ameaças, Lc 13.31-35

31 Naquela mesma hora chegaram alguns fariseus que lhe disseram: Sai, e retira-te daqui, porque Herodes quer matar-te. 32 Respondeu-lhes Jesus: Ide e dizei a essa raposa: Eis que vou expulsando demónios e fazendo curas, hoje e amanhã, e no terceiro dia serei consumado. 33 Importa, contudo, caminhar hoje, amanhã, e no dia seguinte; porque não convém que morra um profeta fora de Jerusalém. 34 Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que a ti são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta a sua ninhada debaixo das asas, e não quiseste! 35 Eis aí, abandonada vos é a vossa casa. E eu vos digo que não me vereis até que venha o tempo em que digais: Bendito aquele que vem em nome do Senhor. (Lucas)

Os fariseus queriam amedrontar Jesus com a notícia de que Herodes procurava matá-lo, para que Ele se retira-se para a Judeia, onde podiam apanhá-lo mais facilmente. Porém, o Senhor, conhecedor dos pensamentos e intenções dos homens, respondeu como quem não tem nada que temer: *“Ide e dizei a essa raposa: Eis que vou expulsando demónios, fazendo curas, ... e no terceiro dia serei consumado”*.

Ele trata Herodes por raposa significando a sua astúcia e covardia, talvez, concernente à morte de João Baptista por instigação de sua amante. Ainda que se tivesse libertado de João, não aconteceria o mesmo com Jesus sem que primeiro cumprisse o seu ministério conforme o plano estabelecido para sua vida.

Então, o Senhor, com muito amor, começou a lamentar a situação de Jerusalém, que matara os seus profetas e estava pronta a sacrificar Aquele que Deus enviara. Jesus previu o futuro da cidade, a qual viria a ser conquistada no ano setenta pelo general Tito. Além disso, advertiu que o não veriam mais até que mudassem de atitude e dissessem: *“Bendito aquele que vem em nome do Senhor”*. Por conseguinte, o Senhor proclamou, mais uma vez, a esperança da sua segunda vinda, para a qual devemos estar preparados.

4. Jesus cura novamente no sábado, defende-se, e prossegue o seu ensino com parábolas, Lc 14.1-24

(...) 7 Ao notar como os convidados escolhiam os primeiros lugares, propôs-lhes esta parábola: 8 Quando por alguém fores convidado às bodas, não te reclines no primeiro lugar; não aconteça que esteja convidado outro mais digno do que tu; 9 e vindo o que te convidou a ti e a ele, te diga: Dá o lugar a este; e então, com vergonha, tenhas de tomar o último lugar. 10 Mas, quando fores convidado, vai e reclina-te no último lugar, para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, sobe mais para cima. Então terás honra diante de todos os que estiverem contigo à mesa. 11 Porque todo o que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado.

12 Disse também ao que o havia convidado: Quando deres um jantar, ou uma ceia, não convides teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem os vizinhos ricos, para que não suceda que também eles te tornem a convidar, e te seja isso retribuído. 13 Mas quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os mancos e os cegos; 14 e serás bem-aventurado; porque eles não têm com que te retribuir; pois retribuído te será na ressurreição dos justos. (Lucas)

Novamente aparece o problema das curas no sábado, acerca do qual Jesus se defendeu usando a ilustração do jumento e do boi caídos no precipício, que o dono salvará nesse mesmo dia. As pessoas têm mais valor do que os animais, ainda que estes sejam valiosos para os seus donos.

Então, ensinou acerca da humildade que dá direito ao reino dos céus, com uma parábola sobre o dever de procurar o último lugar a fim de ser convidado para o primeiro. Porque aquele que se humilhar será exaltado.

Do mesmo modo, ensinou que a caridade deve ser praticada com os mais necessitados, os quais não nos podem recompensar, esperando de preferência a retribuição de Deus na ressurreição dos justos.

Ao ouvir isto, um dos que estavam assentados à mesa exclamou: “*Bem-aventurado o que comer pão no reino de Deus*”. Este imaginava que aquilo era privilégio dum fariseu cumpridor das tradições religiosas. Mas Jesus ensinou com a parábola do grande banquete, cujos convidados apresentaram desculpas pela sua ausência.

Os primeiros visados são os fariseus e outros semelhantes, que têm rejeitado o convite alegando falsos motivos. Os segundos apontados são os publicanos e outros pecadores dentre os judeus, aos quais Deus estava franqueando a entrada no reino dos céus. Ainda outros, são os gentios, chamados nas encruzilhadas e valados, os quais estão aceitando o convite para o grande banquete.

5. Jesus ensinou multidões sobre o custo de ser seu discípulo, Lc 14.25-35

25 Ora, iam com ele grandes multidões; e, voltando-se, disse-lhes: 26 Se alguém vier a mim, e não aborrecer a pai e mãe, a mulher e filhos, a irmãos e irmãs, e ainda também à própria vida, não pode ser meu discípulo. 27 Quem não leva a sua cruz e não me segue, não pode ser meu discípulo... Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. (Lucas)

Mais uma vez o Senhor ensina sobre as prioridades da vida. Ele está em primeiro lugar. Segui-lo e servi-lo são ações prioritárias na vida de cada pessoa, mesmo com o sacrifício de deixar os familiares para segundo lugar. É preciso avaliar o custo de ser discípulo de Jesus e decidir jamais deixá-lo a pretexto seja do que for. Só assim seremos sal com sabor para transmitir vida ao mundo. Doutra forma, tal como o sal, não serviremos para coisa alguma.

6. Jesus contou três parábolas sobre a graça divina, Lc 15.1-32

1 Ora, chegavam-se a ele todos os publicanos e pecadores para o ouvir. 2 E os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo: Este recebe pecadores, e come com eles. 3 Então ele lhes propôs esta parábola: 4 Qual de vós é o homem que, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto, e não vai após a perdida até que a encontre? 5 E achando-a, põe-na sobre os ombros, cheio de júbilo; 6 e chegando a casa, reúne os amigos e vizinhos e lhes diz: Alegrai-vos comigo, porque achei a minha ovelha que se havia perdido. 7 Digo-vos que assim haverá maior alegria no céu por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento... (Lucas)

Nas três parábolas, o Senhor revela compaixão pelos pecadores, a maneira cordial como Ele aceitava, tanto judeus negligentes a respeito da lei, como gentios pagãos entregues ao culto de falsos deuses. No conceito de Jesus, o mais importante é o arrependimento. Por isso, todo aquele que se arrepende é bem-vindo ao aprisco do bom pastor. Neste caso há fortes motivos para festejar, tanto no céu como na terra, a chegada de mais um membro à família de Deus.

Os hipotéticos noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento, realmente, não existem porque todos são pecadores e carecem de arrependimento. A moeda perdida pertencia ao dote dado à noiva no dia do seu casamento e, por conseguinte, artigo de grande estimação. Esta moeda achada representa o júbilo dos anjos perante Deus pelo facto dum pecador ser salvo. A parábola do filho pródigo representa o grande amor de Deus, como um pai amoroso que espera constantemente o regresso dum filho que se ausentou da casa paterna.

Nesta parábola, o filho pródigo caído na miséria é um retrato nítido da ruína final duma vida pecaminosa. Os pecadores, longe de Deus e da sua protecção, caem na miséria espiritual e só quando se encontram em sofrimento reconhecem que perderam as riquezas da

graça divina. Porém, sempre é tempo de regressar ao convívio familiar.

O Pai, cheio de compaixão, está pronto para abraçar o filho e a beijá-lo em sinal de perdão. O regresso do filho perdido motivou uma grande festa na família que provocou ciúmes no irmão mais velho, ao ponto de tratar o seu irmão em tom desprezível: “*esse teu filho*”. O filho mais velho representa os fariseus, os quais esperavam que Deus fizesse distinção entre eles, cumpridores escrupulosos da lei, e os publicanos e pecadores, gente sem mérito algum.

7. Jesus profere duas parábolas sobre a mordomia, Lc 16.1-31

1 Dizia Jesus também aos seus discípulos: Havia certo homem rico, que tinha um mordomo; e este foi acusado perante ele de estar dissipando os seus bens. 2 Chamou-o, então, e lhe disse: Que é isso que ouço dizer de ti? Presta contas da tua mordomia; porque já não podes mais ser meu mordomo. 3 Disse, pois, o mordomo consigo: Que hei de fazer, já que o meu senhor me tira a mordomia? Para cavar, não tenho forças; de mendigar, tenho vergonha. 4 Agora sei o que vou fazer, para que, quando for desapossado da mordomia, me recebam em suas casas. 5 E chamando a si cada um dos devedores do seu senhor, perguntou ao primeiro: Quanto deves ao meu senhor? 6 Respondeu ele: Cem cados de azeite. Disse-lhe então: Toma a tua conta, senta-te depressa e escreve cinquenta...

19 Ora, havia um homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo, e todos os dias se regalava esplendidamente. 20 Ao seu portão fora deitado um mendigo, chamado Lázaro, todo coberto de úlceras; 21 o qual desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lamber-lhe as úlceras. 22 Veio a morrer o mendigo, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico, e foi sepultado. 23 No Hades, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe a Abraão, e a Lázaro no seu seio. 24 E, clamando, disse: Pai Abraão, tem miseri-

córdia de mim, e envia-me Lázaro, para que molhe na água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. 25 Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que em tua vida recebeste os teus bens, e Lázaro de igual modo os males; agora, porém, ele aqui é consolado, e tu atormentado. (Lucas)

Jesus revela-se um mestre excelente pela forma como ensina o povo. Ele diz que o administrador infiel procurou ganhar amigos, com os bens do patrão, que lhe valessem no caso de ser despedido. De modo semelhante, também os discípulos do Senhor devem usar os bens materiais em beneficência, cuja acção terá a sua recompensa na eternidade. Então, Jesus aproveitou a ocasião para ensinar que ninguém pode ser escravo de dois senhores ao mesmo tempo (v. 13).

O homem rico vestido de púrpura representa os fariseus, amantes do dinheiro e sem compaixão com os pobres. Apesar de serem descendentes de Abraão e cumpridores da lei, não tinham direito ao descanso celestial. Eles tinham falta duma característica importantíssima – o amor. Por este motivo, Jesus diz-lhes que devem dar crédito à voz dos profetas e manifestar verdadeira conversão para desfrutarem a felicidade eterna.

8. Jesus recomenda três virtudes cristãs importantíssimas, Lc 17.1-10

3 Tende cuidado de vós mesmos; se teu irmão pecar, repreende-o; e se ele se arrepender, perdoa-lhe. 4 Mesmo se pecar contra ti sete vezes no dia, e sete vezes vier ter contigo, dizendo: Arrependo-me; tu lhe perdoarás.

5 Disseram então os apóstolos ao Senhor: Aumenta-nos a fé. 6 Respondeu o Senhor: Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: Desarraiga-te, e planta-te no mar; e ela vos obedeceria.

7 Qual de vós, tendo um servo a lavrar ou a apascentar gado, lhe dirá, ao voltar ele do campo: chega-te já, e reclina-te à mesa? 8 Não

lhe dirá antes: Prepara-me a ceia, e cinge-te, e serve-me, até que eu tenha comido e bebido, e depois comerás tu e beberás? 9 Porventura agradecerá ao servo, porque este fez o que lhe foi mandado? 10 Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos for mandado, dizei: Somos servos inúteis; fizemos somente o que devíamos fazer. (Lucas)

Compaixão. Jesus é compassivo e sempre pronto a perdoar. Por isso, espera que os seus discípulos aprendam com Ele a forma mais bela da vida cristã. O perdão é uma característica que não deve faltar a nenhum cristão, visto que é aquilo que tem experimentado em relação a Deus.

Fé. Ao pedido dos discípulos sobre o aumento da fé, o Senhor respondeu que isso é desnecessário. Cada um deve usar o que tem confiando no poder de Deus. Isto é, *não é grande fé que move montanhas, mas a minha fé na grandeza de Deus.*

Humildade. Os discípulos de Cristo devem seguir o seu exemplo, não se vangloriando em posições sociais, nem por quaisquer acções praticadas. Ele mesmo, que tinha a mais alta posição junto do Pai, tomou a forma de escravo e veio à terra a fim de prestar o respectivo serviço à humanidade.

XXI. O MINISTÉRIO NA PEREIA INTERROMPIDO PELA MORTE DE LÁZARO

1. Jesus ressuscitou o seu amigo Lázaro, Jo 11.1-44

1 Ora, estava enfermo um homem chamado Lázaro, de Betânia, aldeia de Maria e de sua irmã Marta. 2 E Maria, cujo irmão Lázaro se achava enfermo, era a mesma que ungiu o Senhor com bálsamo, e lhe enxugou os pés com os seus cabelos. 3 Mandaram, pois, as irmãs dizer a Jesus: Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas. 4 Jesus, porém, ao ouvir isto, disse: Esta enfermidade não é para a morte, mas para glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela... (João)

Quando Jesus foi informado da doença de Lázaro não ficou preocupado. Ele sabia que aquela enfermidade não era para morte, mas para glória de Deus e um fiel testemunho do seu messianismo. Quando decidiu ir junto de Lázaro, os discípulos procuraram demovê-lo porque corria perigo de vida naquela localidade tão perto de Jerusalém. Mesmo assim, e porque o amor é mais forte do que a morte, o Senhor vai encontrar-se com o seu amigo, que já estava morto.

Marta, saindo ao encontro do Senhor, lamentou pelo facto dele não estar ali para proteger o seu amado irmão da morte, mas confessou acreditar que tudo quanto Ele pedisse a Deus lhe seria concedido. Jesus respondeu que Lázaro ressuscitaria, mas ela imaginava tratar-se da ressurreição futura. Então, O Senhor esclareceu que Ele é a ressurreição e a vida daqueles que crêem nele.

Havendo chegado ao sepulcro, Jesus manifestou o seu lado humano chorando como os demais a morte dum amigo. Apesar de estar morto havia quatro dias e cheirar mal, o Senhor da vida ordenou a Lázaro para sair daquele lugar e, para espanto de todos, recuperou a vida aparecendo imediatamente à porta do túmulo. Com este feito, Jesus confirmou ser o vencedor da morte e o Príncipe da vida. Importa confiar nele e segui-lo.

2. Os judeus temem a popularidade de Jesus e querem matá-lo, Jo 11.45-54

47 Então os principais sacerdotes e os fariseus reuniram o Sinédrio e diziam: Que faremos? porquanto este homem vem operando muitos sinais. 48 Se o deixarmos assim, todos crerão nele, e virão os romanos, e nos tirarão tanto o nosso lugar como a nossa nação. 49 Um deles, porém, chamado Caifás, que era sumo sacerdote naquele ano, disse-lhes: Vós nada sabeis, 50 nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo, e que não pereça a nação toda. ... (João)

Em virtude da ressurreição de Lázaro e dos muitos milagres operados por Jesus, o povo cada vez mais cria nele. Por este motivo, os fariseus temeram uma revolução messiânica e perder o seu lugar no Templo e na liderança do país. Se eles não agissem com rapidez, provavelmente os romanos tomariam conta da situação (conforme aconteceu mais tarde, embora não pelos mesmos motivos).

Reuniram então o Sinédrio, e o sumo sacerdote Caifás teve uma ideia tanto luminosa como profética: *Jesus havia de morrer pela nação e congregar num só corpo os filhos de Deus dispersos*. Estas palavras desmotivaram a hesitação dalguns membros do sinédrio e foi um claro incentivo à morte daquele perturbador com os seus ensinamentos e milagres fantásticos. Foi também uma referência à futura Igreja que o Senhor fundaria para reunir todos os filhos de Deus.

Depois disto, Jesus retirou-se com os seus discípulos para uma cidade à beira do deserto a fim de não apressar a sua morte, pois estava a guardar-se para ser sacrificado na próxima páscoa.

3. Jesus curou dez leprosos e um só voltou com gratidão, Lc 17.11-19

11 E aconteceu que, indo ele a Jerusalém, passava pela divisa entre a Samaria e a Galileia. 12 Ao entrar em certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos, os quais pararam de longe, 13 e levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem compaixão de nós! 14 Ele, logo que os viu, disse-lhes: Ide, e mostrai-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, enquanto iam, ficaram limpos. 15 Um deles, vendo que fora curado, voltou glorificando a Deus em alta voz; 16 e prostrou-se com o rosto em terra aos pés de Jesus, dando-lhe graças; e este era samaritano. 17 Perguntou, pois, Jesus: Não foram limpos os dez? E os nove, onde estão? 18 Não se achou quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro? 19 E disse-lhe: Levanta-te, e vai; a tua fé te salvou. (Lucas)

O Senhor dirigia-se para Jerusalém, a fim de celebrar a páscoa, caminhando entre Samaria e Galileia, quando dez leprosos lhe saíram ao caminho suplicando a sua cura. Imediatamente Jesus ordenou que fossem mostrar-se aos respectivos sacerdotes a fim de confirmarem a sua cura e serem declarados limpos. Embora os dez tenham manifestado a obediência que a fé requer, só um deles se antecipou a voltar com a devida gratidão, que Jesus apreciou. E este era samaritano, um gentio desprezado pelos judeus. Além da cura recebida pela fé, o Senhor declarou a sua salvação. Como observamos, o Senhor espera a gratidão espontânea daqueles que recebem benefícios pela fé nele.

4. Jesus explica a vinda do reino de Deus, Lc 17.20-37

20 Sendo Jesus interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, respondeu-lhes: O reino de Deus não vem com aparência exterior; 21 nem dirão: Ei-lo aqui! ou: Ei-lo ali! pois o reino de Deus está entre vós.

22 Então disse aos discípulos: Dias virão em que desejareis ver um dos dias do Filho do homem, e não o vereis. 23 Dir-vos-ão: Ei-lo ali! ou: Ei-lo aqui! não vades, nem os sigais; 24 pois, assim como o relâmpago, fuzilando em uma extremidade do céu, ilumina até a outra extremidade, assim será também o Filho do homem no seu dia. 25 Mas primeiro é necessário que ele padeça muitas coisas, e que seja rejeitado por esta geração. 26 Como aconteceu nos dias de Noé, assim também será nos dias do Filho do homem... (Lucas)

Os fariseus abeiraram-se de Jesus interrogando-o acerca do tempo do reino de Deus. Eles esperavam que se Jesus fosse o Messias ele introduziria o reino através duma declaração e de levantamento popular. Ou o reino de Deus viria através da observação perfeita da lei e seria observável por meio de acções espectaculares. Porém, o Senhor afirmou que ninguém poderia dizer que o reino estaria aqui ou ali porque o reino de Deus já estava entre eles. Apareceu com Jesus e continuaria com os seus discípulos. Onde houver uma fé obediente aí

estará o reino de Deus. Porque Deus reina a partir dos corações. Isto é, o nosso coração é o gabinete onde Deus trabalha diariamente para instalar o seu reino.

O Senhor fez, então, referência à sua volta usando várias comparações. Primeiro era preciso ser rejeitado e padecer muito naquela geração, referindo-se à sua morte iminente. Depois, voltaria de modo semelhante ao relâmpago, visível duma extremidade à outra do céu. Mas a moral desse tempo seria semelhante à dos tempos de Noé e de Ló.

5. Jesus profere duas parábolas sobre o valor da oração, Lc 18.1-14

9 Propôs também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros: 10 Dois homens subiram ao templo para orar; um fariseu, e o outro publicano. 11 O fariseu, de pé, assim orava consigo mesmo: ó Deus, graças te dou que não sou como os demais homens, roubadores, injustos, adúlteros, nem ainda como este publicano. 12 Jejuo duas vezes na semana, e dou o dízimo de tudo quanto ganho. 13 Mas o publicano, estando em pé de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: ó Deus, sê propício a mim, o pecador! 14 Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que a si mesmo se exaltar será humilhado; mas o que a si mesmo se humilhar será exaltado. (Lucas)

Na primeira parábola, o Senhor ensina sobre o resultado da oração persistente. Ora, se um juiz ímpio atendeu o pedido duma mulher viúva, muito mais o Deus justo satisfará o clamor daqueles que buscam o seu auxílio.

Na segunda, refere dois homens que foram ao Templo para adorar. Enquanto o fariseu se exaltava pelas suas qualidades pessoais, o publicano, nalgum canto obscuro, humilhava-se perante Deus devido ao seu pecado. Um excerto duma oração existente no Livro de Ora-

ções dos Judeus é algo semelhante à atitude do fariseu: “Bendito és tu, ó Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste um gentio... que não me fizeste um escravo... que não me fizeste uma mulher”.

Os fariseus eram admirados pelas suas qualidades religiosas e morais, enquanto os publicanos eram desprezados por colaborarem com os opressores romanos. Jesus inverteu a situação ao exaltar o publicano arrependido e declarando a sua salvação.

Nós temos de aprender com o grande mestre as maravilhosas lições de espiritualidade e humanismo cristão. Quem com Ele não aprender fica aquém do modelo do reino de Deus.

XXII. FINAL DO MINISTÉRIO NA PEREIA

1. Jesus responde à questão do divórcio, Mc 10.1-12; Mt 19.1-12

2 Então se aproximaram dele alguns fariseus e, para o experimentarem, lhe perguntaram: É lícito ao homem repudiar sua mulher? 3 Ele, porém, respondeu-lhes: Que vos ordenou Moisés? 4 Replicaram eles: Moisés permitiu escrever carta de divórcio, e repudiar a mulher. 5 Disse-lhes Jesus: Pela dureza dos vossos corações ele vos deixou escrito esse mandamento. 6 Mas desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher. 7 Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unirá-se-á à sua mulher, 8 e serão os dois uma só carne; assim já não são mais dois, mas uma só carne. 9 Porquanto o que Deus ajuntou, não o separe o homem. (Marcos)

Os rabinos tentaram envolver Jesus em dificuldade com o caso controverso do divórcio. A escola de Hilel ensinava que a lei mosaica permitia o divórcio por qualquer coisa desagradável que o marido encontrasse nela. Por outro lado, Shamaí ensinava que a imoralidade era o único motivo válido para divórcio. Baseados em Deuteronómio 24.1 concluiremos que se um homem encontrasse na sua mulher al-

guma coisa vergonhosa, ou desonrosa, isto é, algo que lhe causasse vergonha, podia despedi-la com carta de divórcio. Ficavam, então, livres para casar novamente com outra pessoa.

Jesus respondeu que Moisés não deu um mandamento sobre o divórcio, mas uma permissão por causa da natureza pecaminosa humana. Pois, o propósito de Deus na criação é que os dois se tornem um pelo casamento. E ninguém tem o direito de separar o que Deus juntou. Além disso, se alguém se separar do seu cônjuge, a não ser por causa de infidelidade, e casar com outro comete adultério. Como Jesus é frontal ao abordar este assunto!

Em vista disso, os discípulos reagiram dizendo que não convinha casar para evitar o casamento com a pessoa errada e ficar impedido de divorciar-se. O Senhor afirmou que o estado de solteiro não é para todos. Só alguns têm condições para isso. Uns terão nascido fisicamente incapazes, outros por castração, e ainda outros que escolheram esse estado a fim de se dedicarem totalmente ao reino de Deus.

2. Jesus abençoa algumas crianças, Mc 10.13-16; Mt 19.13-15; Lc 18.15-17

13 Então lhe traziam algumas crianças para que as tocassem; mas os discípulos o repreenderam. 14 Jesus, porém, vendo isto, indignou-se e disse-lhes: Deixai vir a mim as crianças, e não as impeçais, porque de tais é o reino de Deus. 15 Em verdade vos digo que qualquer que não receber o reino de Deus como criança, de maneira nenhuma entrará nele. 16 E, tomando-as nos seus braços, as abençoou, pondo as mãos sobre elas. (Marcos)

Os discípulos não estavam gostando que aqueles pais perturbassem o Senhor com assuntos de crianças. Todavia, Jesus aproveitou a ocasião para recordar-lhes uma importante lição dizendo que quem não se tornar como uma criança de modo algum entrará no reino de Deus. A Nicodemos, Jesus ensinou que é preciso nascer de cima. Isto significa que para entrar no reino de Deus as pessoas têm que renun-

ciar a si mesmas e tornarem-se humildes como as crianças. E, da mesma forma que abençoou as crianças, também dará a sua bênção àqueles que se fizerem como crianças.

3. Jesus ensina sobre o perigo da amizade às riquezas, Mc 10.17-31; Mt 19.16-30

17 Ora, ao sair para se pôr a caminho, correu para ele um homem, o qual se ajoelhou diante dele e lhe perguntou: Bom Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna? 18 Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? ninguém é bom, senão um que é Deus. 19 Sabes os mandamentos: Não matarás; não adulterarás; não furtarás; não dirás falso testemunho; a ninguém defraudarás; honra a teu pai e a tua mãe. 20 Ele, porém, lhe replicou: Mestre, tudo isso tenho guardado desde a minha juventude. 21 E Jesus, olhando para ele, o amou e lhe disse: Uma coisa te falta; vai vende tudo quanto tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, segue-me. 22 Mas ele, pesaroso desta palavra, retirou-se triste, porque possuía muitos bens. (Marcos)

Aquele jovem rico imaginava que a vida eterna se alcança praticando algum acto heróico. Todavia, o Senhor confronta-o com os mandamentos civis. Mas, antes que Jesus mencionasse o décimo mandamento, o jovem atalhou dizendo que tudo aquilo cumprira desde a sua meninice. Naturalmente que faltava um: “Não cobiçarás”. Visto que o Senhor conhecia tudo sobre o mancebo recomendou-lhe que desistisse da sua riqueza e o seguisse. Porém, o seu amor pelos bens terrenos foi maior do que o amor a Jesus e desistiu da vida eterna.

Perante a atitude daquele jovem o Senhor disse aos discípulos: “Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!” Não são as riquezas que impedem a entrada no reino, mas o facto delas tomarem o primeiro lugar nas vidas das pessoas. Os discípulos interpelaram-no: Então, quem pode salvar-se? A sua resposta foi que,

aquilo que é impossível aos homens é possível a Deus. Isto é, os ricos também podem ser salvos se amarem a Deus em primeiro lugar, com todas as forças, alma e entendimento.

Imediatamente, Pedro atalhou dizendo: Eis que nós deixámos tudo e te seguimos; que recompensa teremos? Jesus esclareceu que concernente a eles, que deixaram tudo para segui-lo receberão posição no seu reino, e aqueles que deixarem os bens deste mundo por amor a Ele, serão recompensados com boa percentagem já nesta vida, e por fim a vida eterna (Mt 19.27-30).

E Jesus ilustrou o facto da recompensa com a parábola dos trabalhadores na vinha de certo proprietário (Mt 20.1-16). Comparou o reino dos céus a um homem que contratou trabalhadores para a sua vinha várias vezes no mesmo dia. Ele convidou os homens a trabalhar na sua vinha ao nascer do sol, às nove da manhã, às doze, às quinze, e às dezassete horas. No final do dia, num acto de misericórdia, recompensou a todos com o salário completo começando pelos últimos.

O Senhor quis ensinar que assim como o proprietário pagou igualmente a todos sem o merecerem, também Deus recompensará com a sua graça àqueles que nada merecem e chegam atrasados. A vida eterna não é um salário merecido, é antes uma dádiva graciosa de Deus. Pessoas que começaram cedo e merecem o salário completo só existem na parábola. Na vida real somos todos atrasados e sem mérito algum.

XXIII. JESUS DIRIGE-SE PARA JERUSALÉM

(Jesus atravessa o Jordão perto de Jericó e continua a viagem com os doze e muitos peregrinos que vão a Jerusalém para celebrar a Páscoa)

1. Jesus predisse pela terceira vez os seus sofrimentos, morte e ressurreição, Mc 10.32-34; Mt 20.17-19; Lc 18.31-34

32 Ora, estavam a caminho, subindo para Jerusalém; e Jesus ia adiante deles, e eles se maravilhavam e o seguiam atemorizados. De novo tomou consigo os doze e começou a contar-lhes as coisas que lhe haviam de sobrevir, 33 dizendo: Eis que subimos a Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas; e eles o condenarão à morte, e o entregarão aos gentios; 34 e hão de escarnecê-lo e cuspir nele, e açoitá-lo, e matá-lo; e depois de três dias ressurgirá. (Marcos)

Pela leitura inicial deste texto deparamos com uma novidade. Jesus apressou o passo e adiantou-se aos discípulos de modo que eles o estavam seguindo admirados e atemorizados. O Senhor estava correndo para a morte, ninguém o segurava. Então, reuniu novamente os doze à sua volta e começou a recordar-lhes como se cumpririam as profecias. O Senhor sabe tudo a seu respeito e não enjeita nada do que está escrito. Está ansioso por chegar a Jerusalém e ser oferecido na Páscoa mais importante jamais celebrada. O Cordeiro de Deus iria ser oferecido no altar do mundo pela humanidade.

2. Jesus ensinou sobre a maneira de receber o primeiro lugar, Mc 10.35-45; Mt 20.20-28;

35 Nisso aproximaram-se dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, dizendo-lhe: Mestre, queremos que nos faças o que te pedirmos. 36 Ele, pois, lhes perguntou: Que quereis que eu vos faça? 37 Responderam-lhe: Concede-nos que na tua glória nos sentemos, um à tua direita, e outro à tua esquerda. 38 Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis; podeis beber o cálice que eu bebo, e ser baptizados no baptismo em que eu sou baptizado? 39 E lhe responderam: Podemos. Mas Jesus lhes disse: O cálice que eu bebo, haveis de bebê-lo, e no baptismo em que eu sou baptizado, haveis de ser baptizados; 40 mas o sentar-se à minha direita, ou à minha esquerda, não me pertence concedê-lo; mas isso é para aqueles a quem está reservado. (Marcos)

Tiago e João queriam ser privilegiados com posições distintas no reino. Um queria ser primeiro ministro, enquanto o outro ambicionaria ser ministro das finanças. Estavam ambos muito enganados sobre o conceito que tinham do reino. Por isso, Jesus teve que esclarecê-los acerca do assunto e fez-lhes uma pergunta pertinente: Poderiam eles beber o mesmo cálice que lhe estava destinado e ser batizados com o mesmo baptismo? O cálice que Ele tinha para beber era o sofrimento na cruz, enquanto o baptismo seria a sua morte.

Perante a resposta “sim” dos dois discípulos o Senhor começou a instruí-los sobre a maneira de receber os primeiros lugares. Realmente, eles poderiam sofrer e até mesmo morrer por serem seus discípulos. Mas não era missão sua conceder privilégios a quem quer que fosse. Visto que os outros ficaram indignados pela atitude daqueles dois, o Senhor chamou-os para junto de si a fim de ensiná-los sobre os verdadeiros conceitos do reino.

Deviam ficar cientes que o reino de Deus não é semelhante aos governos humanos, onde os poderosos exercem autoridade sobre os outros. Eles tinham de seguir o exemplo do seu Mestre, que veio para servir, não para ser servido. Quem quiser ser o primeiro terá de ser servo de todos. Quem quiser ser grande seja o menor entre todos. Com esta lição, o Senhor ensinou que a natureza da verdadeira grandeza é humildade e serviço aos companheiros. Assim como Ele mesmo fez.

3. Jesus curou dois cegos no caminho perto de Jericó, Mc 10.46-52; Mt 20.29-34; Lc 18.35-43

29 Saindo eles de Jericó, seguiu-o uma grande multidão; 30 e eis que dois cegos, sentados junto do caminho, ouvindo que Jesus passava, clamaram, dizendo: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de nós... 32 E Jesus, parando, chamou-os e perguntou: Que quereis que vos faça? 33 Disseram-lhe eles: Senhor, que se nos abram os olhos. 34 E Jesus, movido de compaixão, tocou-lhes os olhos, e imediatamente recuperaram a vista, e o seguiram. (Mateus)

Marcos e Lucas mencionam somente Bartimeu, provavelmente, por este ser o porta-voz. O facto de uma grande multidão seguir o Senhor é indício de que eles esperavam que ao chegar a Jerusalém, Ele faria uma declaração instituindo um reino político conforme o conceito terreno. Mas o facto de curar enfermos era sinal de que estava destronando Satanás para instaurar o reino espiritual de Deus.

Ao passar o Senhor ouviu o clamor insistente dos cegos: “Senhor, Filho de David, tem compaixão de nós”. Jesus sentiu compaixão e perguntou-lhes o que queriam. Eles ansiavam ter o privilégio de ver as formas da criação divina como as outras pessoas. Então, movido pelo Seu infinito amor, tocou-lhes nos olhos. Ele jamais negou alguma bênção àqueles que lha pediram. Imediatamente, aqueles que eram cegos viram o restaurador da vista e, ajuntando-se à multidão, seguiram-no até Jerusalém.

4. Jesus convidou Zaqueu a dar-lhe repouso em sua casa, Lc 19.1-10

1 Tendo Jesus entrado em Jericó, ia atravessando a cidade. 2 Havia ali um homem chamado Zaqueu, o qual era chefe de publicanos e era rico. 3 Este procurava ver quem era Jesus, e não podia, por causa da multidão, porque era de pequena estatura. 4 E correndo adiante, subiu a um sicómoro a fim de vê-lo, porque havia de passar por ali. 5 Quando Jesus chegou àquele lugar, olhou para cima e disse-lhe: Zaqueu, desce depressa; porque importa que eu fique hoje em tua casa. 6 Desceu, pois, a toda a pressa, e o recebeu com alegria. 7 Ao verem isso, todos murmuravam, dizendo: Entrou para ser hóspede de um homem pecador. 8 Zaqueu, porém, levantando-se, disse ao Senhor: Eis aqui, Senhor, dou aos pobres metade dos meus bens; e se em alguma coisa tenho defraudado alguém, eu lho restituo quadruplicado. 9 Disse-lhe Jesus: Hoje veio a salvação a esta casa, porquanto também este é filho de Abraão. 10 Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido. (Lucas)

Jesus conhece a situação de cada pessoa e as suas reais carências. Por isso, quando passava por certo sicómoro sabia o nome de quem estava ali empoleirado e os seus reais interesses. Então chamou: “Zaqueu, desce depressa, porque importa que eu fique hoje em tua casa”. O Senhor ofereceu-se para desfrutar da hospedagem daquele funcionário público, mas tinha para ele uma recompensa grandemente valiosa.

Quando entrou na casa de Zaqueu, os acompanhantes não gostaram da sua atitude e puseram-se a murmurar pelo facto de o Senhor estar convivendo com um pecador. Porque os publicanos eram funcionários ao serviço de Roma, os quais cobravam os impostos dos seus irmãos para entregar nos cofres imperiais.

Após um tempo de convívio e conversa, Zaqueu ficou convencido do seu pecado e, manifestando arrependimento, prometeu a Jesus que repartiria pelos pobres metade da sua riqueza e ainda restituiria em quadruplicado aquilo que havia defraudado. Perante esta confissão, o Senhor declarou a salvação naquela casa, esclareceu que a sua missão é salvar os perdidos.

Jesus é conhecedor perfeito dos anseios das pessoas. Por isso, abeira-se delas e faz-lhes o melhor convite: Segue-me. É perito em levar as pessoas a tomar a melhor decisão, que é converterem-se a Deus. Após isso, dirige-as a fazer a melhor confissão, confessar o seu pecado. E transmite a todos a melhor confirmação: A tua fé te salvou.

5. Jesus contou a parábola das dez minas, Lc 19.11-28

11 Ouvindo eles isso, prosseguiu Jesus, e contou uma parábola, visto estar ele perto de Jerusalém, e pensarem eles que o reino de Deus se havia de manifestar imediatamente. 12 Disse pois: Certo homem nobre partiu para uma terra longínqua a fim de tomar posse de um reino e depois voltar. 13 E chamando dez servos seus, deu-lhes dez minas, e disse-lhes: Negociai até que eu venha. 14 Mas os seus concidadãos odiavam-no, e enviaram após ele uma embaixada,

dizendo: Não queremos que este homem reine sobre nós. 15 E sucedeu que, ao voltar ele, depois de ter tomado posse do reino, mandou chamar aqueles servos a quem entregara o dinheiro, a fim de saber como cada um havia negociado. 16 Apresentou-se, pois, o primeiro, e disse: Senhor, a tua mina rendeu dez minas. 17 Respondeu-lhe o senhor: Bem está, servo bom! porque no mínimo foste fiel, sobre dez cidades terás autoridade... (Lucas)

Eis o pano de fundo desta parábola: Era prática corrente dos governantes da época viajarem até Roma, capital do império, a fim de receberem o apoio do imperador para a sua liderança local. Enquanto estavam ausentes os seus subordinados deviam ser fiéis no cumprimento das suas ocupações sob pena de serem castigados.

O Senhor ensinou que estaria ausente por algum tempo, mas depois voltaria para tomar posse do reino. Durante esse tempo os seus servos deviam ocupar-se fielmente no cumprimento das funções distribuídas a cada um. Quando Ele vier teremos algum lucro para lhe apresentar? Ninguém esconderá o seu talento sem que receba o respectivo castigo. Temos de fazê-lo render na esperança de obter a justa recompensa.

O tempo que Deus nos concede, e as capacidades distribuídas a cada um, não devem ser desperdiçados em ninharias, mas usados em prioridades no serviço do seu reino. Aquele que é fiel tem a recompensa para os fiéis.

CAPÍTULO VII

ÚLTIMA SEMANA DE MINISTÉRIO E MORTE

(Primavera do ano 29 ou 30)

XXIV. JESUS TERMINA O SEU MINISTÉRIO PÚBLICO

1. Enquanto em Jerusalém murmuram sobre Jesus, em Betânia procuram matá-lo e a Lázaro, Jo 11.55 – 12.1,9-11

1 Veio, pois, Jesus seis dias antes da páscoa, a Betânia, onde estava Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos. 9 E grande número dos judeus chegou a saber que ele estava ali: e afluíram, não só por causa de Jesus mas também para verem a Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos. 10 Mas os principais sacerdotes deliberaram matar também a Lázaro; 11 porque muitos, por causa dele, deixavam os judeus e criam em Jesus. (João)

Jesus deve ter chegado a Betânia na sexta feira à tarde. Dois dias depois partiria dali para a sua entrada triunfal em Jerusalém. Enquanto os peregrinos chegavam para a festa, os sacerdotes procuravam apanhar Jesus de alguma maneira para o executarem. Assim como também buscavam Lázaro para o matar, devido ao seu forte testemunho perante as multidões por causa da ressurreição. Pois, por este motivo, as multidões deixavam os seus líderes para se unirem a Jesus. É que Ele tinha exibido o poder e a autoridade do Messias esperado, e a ressurreição de Lázaro confirmara os factos reactivando as esperanças deles.

2. Jesus proclamou-se o Messias com a sua entrada triunfal, Mc 11.1-11; Mt 21.1-11; Lc 19.29-44; Jo 12.12-19

(No primeiro dia da semana)

1 Quando se aproximaram de Jerusalém, e chegaram a Betfagé, ao Monte das Oliveiras, enviou Jesus dois discípulos, dizendo-lhes: 2 Ide à aldeia que está defronte de vós, e logo encontrareis uma jumenta presa, e um jumentinho com ela; desprendeis-a, e trazei-mos. 3 E, se alguém vos disser alguma coisa, respondei: O Senhor precisa delas; e logo os enviará. 4 Ora, isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: 5 Dizei à filha de Sião: Eis que aí te vem o teu Rei, manso e montado em um jumento, em um jumentinho, cria de animal de carga... 10 Ao entrar ele em Jerusalém, agitou-se a cidade toda e perguntava: Quem é este? 11 E as multidões respondiam: Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia. (Mateus)

No primeiro dia da semana Jesus partiu rumo à cidade e, quando chegaram ao Monte das Oliveiras, procurou cumprir mais uma profecia a seu respeito proclamada por Zacarias (Zc 9.9). Finalmente, o Messias não chegaria com grande pompa, montado em cavalo, ou camelo, belamente adornado, mas num humilde jumento desprovido mesmo de sela para cavalgar. Nesta acção vemos o servo humilde disposto a fazer a vontade daquele que o comissionou para tão árdua tarefa.

Do mesmo modo, as honras prestadas pelo povo crente eram também humildes. Não havia colchas caríssimas em janelas e varandas, nem carpetes no chão; o solo era embelezado simplesmente com ramos de árvores e alguns mantos que o burrinho ia pisando. João descreve esse tapete como sendo folhas de palmeiras, o que é, sem dúvida, símbolo do nacionalismo judaico. Pois, as moedas daquele tempo encontram-se cunhadas com folhas de palmeiras.

Ao mesmo tempo ecoava um coro de vozes glorificando ao filho de David: “Bendito o que vem em nome do Senhor!” Juntamente com o bem-vindo ao rei, o povo exclamava: Hosana nas alturas! cujo

significado é semelhante ao latino “salvé o rei”, mas dirigida ao próprio Deus que o enviara. Aquelas expressões provêm dos versos 25,26 do Salmo 118, o qual era entoado nas festas da Páscoa e muito apropriado naquela ocasião festiva.

Quando estava entrando na cidade muitos perguntavam: Quem é este? E da multidão ouvia-se esta resposta: Este é o profeta Jesus de Nazaré da Galileia. Na realidade, estavam, não somente perante um grande profeta, mas tinham diante deles o precioso Filho de Deus, que trazia a mensagem do Pai para toda a humanidade. Porque Deus amou o mundo de tal maneira que lhe enviou o seu amado Filho para proclamar a salvação e, finalmente, dar a vida em resgate dos pecadores.

Lucas revela-nos que, alguns fariseus convidaram o Senhor para mandar calar os indisciplinados discípulos que estavam fazendo uma algazarra tão estrondosa quanto festiva. Jesus respondeu que se eles se calassem as próprias pedras clamariam. E, observemos como as pedras do muro das lamentações estão testemunhando da messianidade do Senhor Jesus. Se aquelas pedras falassem diriam que Cristo pronunciou a derrocada do Templo por causa da sua rejeição como Messias.

Lucas também nos conta que Jesus chorou de compaixão, ao contemplar a cidade, e lamentou o seu futuro dizendo que seria sitiada e derribada porque rejeitou a oportunidade que Deus lhe dera. Foi no ano setenta que estas palavras se cumpriram, quando o general Tito, comandando um exército romano, assaltou a cidade e a destruiu, sacrificando milhares de judeus. Os que tiveram possibilidade fugiram à fúria romana procurando segurança em várias partes do mundo.

3. Jesus amaldiçoou a figueira infrutífera, Mc 11.12-14; Mt 21.18,19 *(No segundo dia)*

12 No dia seguinte, depois de saírem de Betânia teve fome, 13 e avistando de longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se, porventura, acharia nela alguma coisa; e chegando a ela, nada achou se-

não folhas, porque não era tempo de figos. 14 E Jesus, falando, disse à figueira: Nunca mais coma alguém fruto de ti. E seus discípulos ouviram isso. (Marcos)

Era normal, entre Março e Abril, por ocasião da Páscoa, as figueiras apresentarem folhagem nova e, por vezes, algum fruto. Quando, no dia seguinte, se dirigiam para Jerusalém, ao avistar uma dessas figueiras, Jesus aproximou-se para ver se possuía figos comestíveis. Como não achasse nela senão folhas, o Senhor ordenou que ninguém mais comesse fruto dela e continuaram a caminhada até Jerusalém.

4. Jesus dirigiu-se ao Templo e purificou-o pela segunda vez, Mc 11.15-19; Mt 21.12-17; Lc 19.45-48

15 Chegaram, pois, a Jerusalém. E entrando ele no templo, começou a expulsar os que ali vendiam e compravam; e derribou as mesas dos cambistas, e as cadeiras dos que vendiam pombas; 16 e não consentia que ninguém atravessasse o templo levando qualquer utensílio; 17 e ensinava, dizendo-lhes: Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? Vós, porém, a tendes feito covil de salteadores. 18 Ora, os principais sacerdotes e os escribas ouviram isto, e procuravam um modo de o matar; pois o temiam, porque toda a multidão se maravilhava da sua doutrina. 19 Ao cair da tarde, saíram da cidade. (Marcos)

Quando diz que entrou no Templo significa que entrou no conjunto do edifício, incluindo pátios e terraços. Era naqueles terraços que estavam os vendedores de animais para os sacrifícios e os cambistas que trocavam o dinheiro dos peregrinos pelo do Templo. Jesus achou que isso era tão indigno na área do Templo, que não hesitou em repreender a todos tão asperamente de forma a aguçar ainda mais o desejo dos sacerdotes para matá-lo. Todavia a multidão maravilha-

va-se tanto da sua doutrina como da sua autoridade. Chegada a noite voltaram para Betânea.

5. Entretanto, alguns gregos procuravam uma entrevista com Jesus, Jo 12.20-36

20 Ora, entre os que tinham subido a adorar na festa havia alguns gregos. 21 Estes, pois, dirigiram-se a Filipe, que era de Betsaida da Galileia, e rogaram-lhe, dizendo: Senhor, queríamos ver a Jesus. 22 Filipe foi dizê-lo a André, e então André e Filipe foram dizê-lo a Jesus. 23 Respondeu-lhes Jesus: É chegada a hora de ser glorificado o Filho do homem. 24 Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo caindo na terra não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto... (João)

Aqueles gregos eram, provavelmente, gentios prosélitos, ou mesmo judeus provenientes da Grécia, que peregrinaram para assistir à festa da Páscoa. Quando o Senhor ouviu que eles queriam vê-lo, manifestou que a sua hora tinha chegado e, tal como o grão de trigo caído na terra morre para dar muito fruto, também Ele morreria.

E disse mais: “agora será expulso o príncipe deste mundo. E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim”. O Senhor estava referindo-se ao género de morte que teria de sofrer, sendo levantado numa cruz tosca, símbolo da maior humilhação e vergonha. Aquele que no princípio estava com Deus na forma de Deus, agora estava com o homem na forma de homem para morrer em lugar do homem.

Então, sabendo que a sua hora estava aproximando-se, Jesus manifestou a sua angústia clamando: “Pai, salva-me desta hora. Mas, para isto vim a esta hora”. Quando Jesus se expôs como o Filho do homem, que haveria de ser levantado, interrogaram-no sobre quem seria esse Filho do homem. O Senhor respondeu que enquanto Ele, a luz do mundo, estava com eles, deviam crer nele para que se tornassem filhos da luz, saindo assim do reino das trevas. Pois quem anda

em trevas não sabe sequer para onde vai. Mas, quem anda na luz que Ele irradia tem a vida eterna.

6. A secagem da figueira infrutífera dá-nos uma lição de fé, Mc 11.20-25; Mt 21.20-22; Lc 21.37,38 (No terceiro dia)

20 Quando passavam na manhã seguinte, viram que a figueira tinha secado desde as raízes. 21 Então Pedro, lembrando-se, disse-lhe: Olha, Mestre, secou-se a figueira que amaldiçoaste. 22 Respondeu-lhes Jesus: Tende fé em Deus. 23 Em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar; e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, assim lhe será feito. 24 Por isso vos digo que tudo o que pedirdes em oração, crede que o recebereis, e tê-lo-eis. 25 Quando estiverdes orando, perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém, para que também vosso Pai que está no céu vos perdoe as vossas ofensas. (Marcos)

No terceiro dia, 3ª feira, rumaram novamente de Betânea a Jerusalém e, ao chegar junto da referida figueira, Pedro notou que a mesma estava seca e exclamou com admiração: “Olha Mestre, secou-se a figueira que amaldiçoaste”. Então, Jesus dá-nos uma grande lição de fé. Primeiro, é preciso não duvidar daquilo que se diz. Porque sem fé é impossível agradar a Deus. Segundo, é preciso pedir em oração, crendo que Ele tem provisão para quem o busca. Terceiro, é preciso ver o que não temos para ter o que não vemos. Porém, é preciso perdoar a quem nos tem ofendido para que também sejamos perdoados dos pecados que nos impedem de receber o que pedimos.

Comparemos isto com Isaías 1.15-18: “Quando estendeis as mãos escondo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as orações não as ouço porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos actos de diante dos meus olhos e cessai de fazer o mal. Vinde, então e argui-me diz o Senhor”.

7. Jesus respondeu à primeira questão maliciosa: sobre a Sua autoridade, Mc 11.27–12.12; Mt 21.23–22.14; Lc 20.1–19
(Ainda no terceiro dia)

27 Vieram de novo a Jerusalém. E andando Jesus pelo templo, aproximaram-se dele os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos, 28 que lhe perguntaram: Com que autoridade fazes tu estas coisas? Ou quem te deu autoridade para fazê-las? 29 Respondeu-lhes Jesus: Eu vos perguntarei uma coisa; respondei-me, pois, e eu vos direi com que autoridade faço estas coisas. 30 O baptismo de João era do céu, ou dos homens? Respondei-me. 31 Ao que eles arrazoavam entre si: Se dissermos: Do céu, ele dirá: Então por que não o crestes? 32 Mas diremos, porventura: Dos homens? – É que temiam o povo; porque todos verdadeiramente tinham a João como profeta. 33 Responderam, pois, a Jesus: Não sabemos. Replicou-lhes ele: Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas... (Marcos)

Tanto sacerdotes, como escribas e anciãos, haviam recebido a sua nomeação para o cargo por ordem de Moisés que, por sua vez, a recebera directamente de Deus. Agora, preocupados com a crescente popularidade de Jesus, querem saber dele quem o investiu naquela missão e com que autoridade. Este é o primeiro interrogatório malicioso. De alguma maneira, anseiam apanhá-lo nalgum deslize pelo qual possam condená-lo para se livrarem daquele perturbador.

Porém, o Senhor é mais sábio do que eles e respondeu numa forma inteligente fazendo também uma pergunta: “O baptismo de João era do céu ou dos homens?” Os espertalhões ficaram num beco sem saída porque qualquer das respostas os condenaria. A sua única saída foi responder que não sabiam. Aí, Jesus deixou o assunto à consideração deles deixando-os também sem uma resposta directa. Mas, respondeu-lhes em forma de parábolas, método muito usado pelo Senhor para ensinar.

Na primeira parábola o pai é Deus, que ordenou aos filhos para trabalharem na vinha, que é Israel. O filho prontamente obediente

representa os líderes oficiais que, apesar da sua prontidão, orgulhosamente não executaram a vontade de Deus. O filho decididamente desobediente representa os publicanos e pecadores vários que, apesar do seu pecado, estavam entrando no reino de Deus através do arrependimento.

Na segunda, o homem que plantou uma vinha e arrendou a uns lavradores diz respeito a Deus que entregou Israel aos cuidados de sacerdotes e escribas. No tempo certo enviou os seus profetas a pedir contas da sua mordomia mas foram espancados e mortos. Por fim, decidiu enviar o próprio Filho mas, de igual modo, espancaram-no e mataram-no. Em vista disso, o Senhor declarou o castigo para esses maus rendeiros e disse que arrendaria a vinha a outros lavradores que lhe apresentassem o devido fruto. O Senhor entregou à Sua Igreja a missão de proclamar o reino dos céus por toda a parte e espera de nós o fruto respectivo. Que teremos para lhe apresentar?

Jesus mencionou um trecho do Salmo 118.22,23 a respeito da pedra angular, especialmente necessária na segurança das construções. Assim como a rejeição dessa pedra causará a ruína da construção, também a rejeição de Cristo resultará na perdição dos que negam a Cristo. Quem tem o Filho de Deus tem a vida eterna, mas quem não tiver o Filho de Deus não tem a vida eterna (Cf 1 Jo 5.12).

Mateus conta-nos a parábola das bodas. O rei representa Deus, que tem preparadas as bodas de seu Filho e mandou os servos chamar os judeus, que haviam sido convidados antecipadamente, mas estes rejeitaram o convite desculpando-se com as suas demasiadas ocupações terrenas. Outros perseguiram e mataram os profetas que Ele enviara para convidá-los às bodas.

Então, Deus mandou mais servos por toda a parte do mundo convidando a todos os pecadores para as bodas de Seu Filho. E a casa encheu-se de convidados que aceitaram o convite do evangelho. Todavia, foi descoberto ali alguém que não trajava conforme a natureza da cerimónia e foi expulso da mesma. Isto significa que sem as vestes da justiça fornecidas por Cristo jamais alguém será aceite no reino dos céus.

Quanto àqueles ingratos, Deus enviou os exércitos romanos e incendiou a sua cidade, o que aconteceu no ano 70 d. C. sob o comando do general Tito.

8. Jesus respondeu à segunda questão maliciosa: sobre o tributo, Mc 12.13-17; Mt 15-22; Lc 20.20-26

(Ainda no terceiro dia)

13 Enviaram-lhe então alguns dos fariseus e dos herodianos, para que o apanhassem em alguma palavra. 14 Aproximando-se, pois, disseram-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro, e de ninguém se te dá; porque não olhas à aparência dos homens, mas ensinas segundo a verdade o caminho de Deus; é lícito dar tributo a César, ou não? Daremos, ou não daremos? 15 Mas Jesus, percebendo a hipocrisia deles, respondeu-lhes: Por que me experimentais? trazei-me um denário para que eu o veja. 16 E eles lho trouxeram. Perguntou-lhes Jesus: De quem é esta imagem e inscrição? Responderam-lhe: De César. 17 Disse-lhes Jesus: Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. E admiravam-se dele. (Marcos)

Os romanos cunhavam moedas com a efígie do imperador para circulação em Israel, o que era contrário ao excessivo zelo dos judeus concernente às imagens de escultura. Na época, os povos conquistados deviam pagar uma taxa anual à potência conquistadora. Quando, pela primeira vez, no ano 6 d. C., a referida taxa foi imposta em Israel, provocou um levantamento liderado por Judas, o galileu, o qual foi esmagado imediatamente. Esta rebelião, juntamente com a de Teudas, anteriormente, serviu a Gamaliel para acalmar os ânimos dos judeus acerca do tratamento a dar aos discípulos de Cristo, conforme expresso a seguir.

“...Dai de mão a estes homens, e deixai-os, porque se este conselho ou esta obra é de homens se desfará; mas, se é de Deus não podeis desfazê-la, para que não aconteça serdes também achados combatendo contra Deus” (cf. Actos 5.35-39).

Os fariseus e os herodianos enviaram emissários a questionar Jesus sobre a licitude do pagamento da referida taxa para o apanharem, como de costume, nalguma falta pela qual o pudessem condenar. Este é o segundo interrogatório malicioso. Seria justo pagar o tributo a César, ou não? O Senhor, sábio como sempre, pediu que exibissem uma moeda do tributo, a qual continha a efígie do imperador, e perguntou de quem era aquela imagem e inscrição. De César, responderam. Então, ordenou que dessem a César o que era de César, e a Deus o que pertencia a Deus. Os emissários ficaram desarmados e retiraram-se admirando a sabedoria de Jesus.

Eles esperavam envolver o Senhor no seguinte dilema: Se dissesse que sim, perderia a sua popularidade perante o povo, que estava contra a tal taxa. Se respondesse que não deveriam pagar a taxa, seria acusado de insurreição e cairia em desgraça perante o imperador. Porém, visto que o seu reino não era de natureza política, mas espiritual, de forma alguma entraria em choque com a autoridade imperial. Assim, Jesus reconheceu que tanto o Estado quanto Deus têm os respectivos direitos que devem ser cumpridos. Ele é onisciente e nada lhe escapa.

9. Jesus respondeu à terceira questão maliciosa: sobre a ressurreição, Mc 12.18-27; Mt 22.23-33; Lc 20.27-40

(Ainda no terceiro dia)

19 Mestre, Moisés nos deixou escrito que se morrer alguém, deixando mulher sem deixar filhos, o irmão dele case com a mulher, e suscite descendência ao irmão. 20 Ora, havia sete irmãos; o primeiro casou-se e morreu sem deixar descendência; 21 o segundo casou-se com a viúva, e morreu, não deixando descendência; e da mesma forma, o terceiro; e assim os sete, e não deixaram descendência. 22 Depois de todos, morreu também a mulher. 23 Na ressurreição, de qual deles será ela esposa, pois os sete por esposa a tiveram?

24 Respondeu-lhes Jesus: Porventura não errais vós em razão de não compreenderdes as Escrituras nem o poder de Deus? 25 Por-

quanto, ao ressuscitarem dos mortos, nem se casam, nem se dão em casamento; pelo contrário, são como os anjos nos céus... (Marcos)

Desta vez são os saduceus que esperam apanhar Jesus nalguma falta teológica sobre a ressurreição. Este é o terceiro interrogatório malicioso. Mas o Senhor tem sempre uma resposta sábia para os seus antagonistas. O facto de uma mulher haver tido sete maridos, um após outro, conforme a lei do levirato que obrigava um homem a casar com a viúva do seu irmão a fim de lhe prover herdeiro (Dt 25.5,6), não o perturbou nem à sua teologia. Ele simplesmente lhes expôs a sua ignorância sobre o assunto, e ensinou que a ressurreição não resulta somente na perpetuação da vida terrena. Mas também alterará o modo de vida de modo a ser desnecessário o casamento. Não havendo mais morte, não haverá necessidade de reprodução da humanidade.

Jesus valeu-se da declaração que Deus fez a Moisés a partir da sarça ardente: “Eu sou o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó”. O tempo presente do verbo “Eu sou” dá a entender que os patriarcas continuavam vivos espiritualmente e mantinham com Deus um relacionamento são. Por isso, Jesus ensinou que seu Pai não é Deus de mortos, mas de vivos. E se os mortos vivem espiritualmente, sem dúvida Deus pretende juntar espírito e corpo no momento da ressurreição. Todavia, este será um corpo glorioso como o do Senhor. E as multidões maravilhavam-se da sua doutrina. Ele ensinava com sabedoria e autoridade. O seu ensino diferia muito do tradicional porque falava conforme a verdade.

10. Jesus respondeu à quarta questão maliciosa: sobre o 1º mandamento, Mc 12.28-34, Mt 22.34-40

(Ainda no terceiro dia)

35 e um deles, doutor da lei, para o experimentar, interrogou-o, dizendo: 36 Mestre, qual é o grande mandamento na lei? 37 Respondeu-lhe Jesus: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de

toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. 38 Este é o grande e primeiro mandamento. 39 E o segundo, semelhante a este, é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. 40 Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas. (Mateus)

Aquele fariseu queria apanhar o Senhor na definição do primeiro mandamento. Provavelmente, queria enredar o Senhor na discussão teológica dos 613 mandamentos da tradição rabínica. Mas Jesus não buscou a sua resposta na tradição. Ele mencionou, segundo Marcos escreveu, o credo judaico conhecido por “Shema” constante em Dt 6.4,5. Deus é único e deve ser amado com toda a alma. E citou textualmente o segundo mandamento, semelhante ao primeiro, extraído de Lv 19.18; pois, quem ama a Deus terá de amar o próximo como a si mesmo. Jesus resumiu os dez mandamentos a dois cuja essência é o amor. Naturalmente que o genuíno amor a Deus levará as pessoas a cumprir todas as suas obrigações morais. Desta essência dependem as Escrituras Sagradas, reveladas para total benefício da humanidade. Jesus resumiu a Lei no amor porque o amor leva ao cumprimento voluntário da Lei (Cf. Rm 13.10).

11. Jesus confunde os adversários fazendo-lhes uma pergunta a seu respeito, Mc 12.35-37; Mt 22.41-46; Lc 20.41-44

(Ainda no terceiro dia)

41 Ora, enquanto os fariseus estavam reunidos, interrogou-os Jesus, dizendo: 42 Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Responderam-lhe: De Davi. 43 Replicou-lhes ele: Como é então que Davi, no Espírito, lhe chama Senhor, dizendo: 44 Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos de baixo dos teus pés? 45 Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho? 46 E ninguém podia responder-lhe palavra; nem desde aquele dia jamais ousou alguém interrogá-lo. (Mateus)

Tanto os fariseus quanto Jesus reconheciam as palavras do Salmo 110.1 uma profecia referente ao Messias, proferida por David sob a influência do Espírito Santo. Contudo, os judeus não acreditavam que o Messias fosse um ente divino, mas um humano levantado por Deus. Jesus quer aguçá-lhes a mente com a pergunta: Como é que se entende que David lhe tenha chamado Senhor dizendo: “Disse o Senhor ao meu Senhor: assenta-te à minha direita”. Na Bíblia hebraica consta assim: “Disse Yahweh a Adonai: Assenta-te à minha direita”. Ora, Adonai significa meu Senhor; neste caso Adonai é o Senhor de David. Então, o descendente genealógico de David é o seu Senhor e Aquele a quem Deus disse: “Assenta-te à minha direita”.

O apóstolo Pedro citou esta profecia no dia de Pentecostes confirmando aos judeus que aquele Senhor era Jesus Cristo, agora exaltado à direita do Pai (Act 2.32-36). Ele está ali até ao dia da vitória final, quando virá para vencer Satanás e todos os seus exércitos. Assim, Ele é tanto humano quanto divino.

12. Jesus faz o seu último discurso público advertindo contra o ensino farisaico, Mc 12.38-40; Mt 23.1-39; Lc 20.45-47

(Ainda no terceiro dia)

1 Então falou Jesus às multidões e aos seus discípulos, dizendo: 2 Na cadeira de Moisés se assentam os escribas e fariseus. 3 Portanto, tudo o que vos disserem, isso fazei e observai; mas não façais conforme as suas obras; porque dizem e não praticam. 4 Pois atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os põem aos ombros dos homens; mas eles mesmos nem com o dedo querem movê-los... (Mateus)

A versão de Mateus é mais minuciosa neste discurso, enquanto os outros escreveram um sumário. A cadeira de Moisés era a cadeira nas plataformas das sinagogas onde os rabinos interpretavam a lei para o povo. Jesus aconselhou a obediência à lei ensinada pelos fariseus, mas desaconselhou seguir o seu exemplo. Eles não passavam do conhecimento teórico da lei. Eram semelhantes a um guia de camelos

que, quando os carregava não tinha o cuidado de equilibrar a carga a fim de não pender para um dos lados. Eles nem intentavam mover os difíceis fardos que colocavam sobre as pessoas.

Os rabinos adicionavam as suas próprias leis à original e genuína lei de Deus. A Bíblia chama a este ensinamento “tradição dos anciãos” e “preceitos dos homens” os quais invalidam o verdadeiro mandamento de Deus (Mt 15.2,9). Eles eram tão escrupulosos quanto à lei que usavam bolsinhas de coró contendo cópias de porções da lei fixadas na testa e no braço esquerdo. Os textos eram os seguintes: Êx 13.2-10,11-17; Dt 6.4-9; 11.13-32. Desta maneira, eles cumpriam o verso 9 de Dt 6, mas falhavam no verso 6 que diz: “E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração”. Gostavam tanto de exibir a sua piedade que até as vestes eram exageradas para dar nas vistas.

Os mestres fariseus gostavam dos primeiros lugares nos banquetes e de ser saudados na praça pública por rabi, expressão que significa o actual doutor. O Senhor ensinou que um só é o nosso pai, que é Deus. E um só é o nosso mestre e guia, que é o Cristo; e que não atribuíssimos aos homens uma autoridade que pertence somente a Deus e a seu Filho. Com isto não proibiu o tratamento de pai aos progenitores. Mas ensina que quem se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado.

O Senhor proferiu sete “ais” contra os fariseus por causa da sua negligência concernente às coisas principais. O “ai” do verso 14 é uma interpolação extraída de Mc 12.40, constante também em Lc 20.47, que significa o seguinte: Jesus acusa os fariseus de procurarem, com suas longas orações, nas casas das viúvas, ocultar que o seu real propósito era roubar-nas.

O primeiro “ai” condena-os porque, como líderes e intérpretes da lei, deveriam ser os primeiros a receber Jesus e influenciar os outros a segui-lo. Todavia, com o seu procedimento impediam que as pessoas entrassem no reino de Deus.

O segundo “ai” veio devido ao esforço feito para fazerem um prosélito, dentre os gentios, para a sua seita. Mas, depois de o haver feito tornava-se filho do inferno (*geenna*) mais do que eles, porque

apenas acrescentava ao seu paganismo as tradições rabínicas. Não havia de facto conversões genuínas nessas pessoas.

O terceiro “ai” é dirigido por causa de serem guias cegos, porque perverteram a verdade do juramento. Os fariseus ensinavam que havia diferença na obrigatoriedade de diversos votos. Quando alguém jurava pelo Templo não era obrigado a cumprir. Porém, se jurasse pelo ouro do Templo, ficava obrigado ao cumprimento. Isso era uma insensatez, visto que o Templo é maior do que o ouro do Templo. Por isso, Jesus ensinou que: “de maneira alguma jureis”. Ao cristão basta a palavra dada.

O quarto “ai” apareceu devido ao facto deles se preocuparem escrupulosamente em ninharias, como dizimar as ervas condimentares, e desprezavam o mais importante da lei, a justiça, a misericórdia e a fé. Estas obrigações espirituais e morais são mais importantes, embora o dizimar seja próprio do povo de Deus para sustentar o serviço do Templo. Ele acusa-os de coarem um mosquito para engolir um camelo. Isto refere-se à sua prática de coar o vinho antes de o beber para evitar engolir algum mosquito. Mas engoliam um camelo, símbolo de todas as suas imundícies.

O quinto “ai” foi clamado por motivo da exagerada ênfase farisaica sobre o exterior, negligenciando o interior. Tinham extremo cuidado na lavagem cerimonial, mas descuidavam o seu interior que mantinham cheio de iniquidade. O seu modo de vida era pressionar os outros com as suas interpretações tradicionais. Eles preocupavam-se mais com a lavagem ritualista do que com a purificação do coração. Mas é aí que se encontra toda a sujidade, com a qual se deviam preocupar, e que deve ser eliminada.

O sexto “ai” foi proferido devido à influência secreta dos fariseus. As sepulturas eram anualmente caiadas, na primavera, embelezadas por fora, enquanto no seu interior havia ossos mortos. Jesus usou-as como ilustração da aparência exterior dos fariseus, enquanto no seu interior havia corrupção que contaminava os outros.

O sétimo “ai” descreve os fariseus como participantes da mesma natureza dos seus antepassados. Construía e adornavam os sepul-

ros dos profetas assassinados, julgando demarcarem-se das suas acções assassinas; contudo, os seus actos eram em tudo semelhantes aos dos seus pais. Jesus diz-lhes, no verso 32, que eles simplesmente completavam o que seus pais tinham começado, e: “*Raça de víboras, como escapareis da condenação do inferno? (geenna)*”.

Finalmente, lamentou o futuro de Jerusalém por rejeitar os enviados de Deus e matar os seus profetas, e disse: “*Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. Porque eu vos digo que desde agora não me vereis mais até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor*”. À semelhança da galinha, Jesus procurou reunir os judeus à sua volta, mas não quiseram. Por isso, tanto o Templo como a cidade ficaram desertos. E eles não o verão mais até que na segunda vinda reconheçam nele o seu Messias e lhe dêem o bem-vindo.

13. Jesus louva a pequena oferta da viúva pobre, Mc 12.41-44; Lc 21.1-4 (Ainda no terceiro dia)

41 E sentando-se Jesus defronte do cofre das ofertas, observava como a multidão lançava dinheiro no cofre; e muitos ricos deitavam muito. 42 Vindo, porém, uma pobre viúva, lançou dois leptos, que valiam um quadrante. 43 E chamando ele os seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta pobre viúva deu mais do que todos os que deitavam ofertas no cofre; 44 porque todos deram daquilo que lhes sobrava; mas esta, da sua pobreza, deu tudo o que tinha, mesmo todo o seu sustento. (Marcos)

Jesus não avalia o valor das ofertas pela quantidade, mas pelo valor das posses do ofertante. Uma grande oferta dum rico pode ser menor do que a pequena oferta dum pobre. A pequena oferta da mulher pobre, observada por Jesus, teve mais significado do que as grandes ofertas dos ricos para todos verem. O princípio é que o Senhor não avalia a oferta pelo seu tamanho, mas pela qualidade com-

parada à totalidade da possessão do ofertante. A pequena oferta oculta dos pobres poderá valer mais do que a grande oferta dos ricos para serem vistos e louvados por todos.

XXV. JESUS PREPARA OS DISCÍPULOS PARA AS COISAS FUTURAS

1. O discurso escatológico de Jesus e as primeiras dores, Mc 13.1-13; Mt 24.1-14; Lc 21.5-19

(Ainda no terceiro dia)

1 Quando saía do templo, disse-lhe um dos seus discípulos: Mestre, olha que pedras e que edifícios! 2 Ao que Jesus lhe disse: Vês estes grandes edifícios? Não se deixará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada. 3 Depois estando ele sentado no Monte das Oliveiras, defronte do templo, Pedro, Tiago, João e André perguntaram-lhe em particular: 4 Dize-nos, quando sucederão essas coisas, e que sinal haverá quando todas elas estiverem para se cumprir?

5 Então Jesus começou a dizer-lhes: Acautelai-vos; ninguém vos engane; 6 muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu; e a muitos enganarão. 7 Quando, porém, ouvirdes falar em guerras e rumores de guerras, não vos perturbeis; forçoso é que assim aconteça: mas ainda não é o fim. 8 Pois se levantará nação contra nação, e reino contra reino; e haverá terremotos em diversos lugares, e haverá fomes. Isso será o princípio das dores. (Marcos)

Enquanto saíam do Templo, um dos discípulos chamou a atenção de Jesus para a grandiosidade e beleza daquele edifício. O Senhor predisse, então, a sua futura destruição. Tendo chegado ao Monte das Oliveiras, quatro deles perguntaram-lhe quando sucederiam todas aquelas coisas e quais os sinais da sua vinda. Embora o Templo tenha sido destruído no ano 70 d.C. há outros sinais que estão acontecendo, relativos ao princípio de dores, aos quais devemos estar atentos.

Jesus fez, então, um longo discurso, conhecido como o pequeno Apocalipse. O Senhor advertiu que apareceriam falsos cristos, falsas doutrinas, guerras entre as nações, terremotos, fomes, pestes e perseguições em vários lugares. Isto é só o princípio de dores. Por se multiplicar a iniquidade, o amor desaparecerá e trair-se-ão uns aos outros. Porém, apesar desta situação, o evangelho do reino chegará a todas as nações. A angústia atingirá o ponto culminante durante a grande tribulação, após o que Cristo voltará com poder e glória para aprisionar Satanás e reinar.

O Senhor nunca se enganou e jamais falseou os seus discípulos. Ele é fiel às promessas e o que garantiu cumprirá inevitavelmente.

2. O discurso escatológico e os sinais da sua volta, Mc 13.14.37; Mt 24.15-44; Lc 21.20-36

(Ainda no terceiro dia)

14 Ora, quando vós virdes a abominação da desolação estar onde não deve estar (quem lê, entenda), então os que estiverem na Judeia fujam para os montes; 15 quem estiver no eirado não desça, nem entre para tirar alguma coisa da sua casa; 16 e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa. 17 Mas ai das que estiverem grávidas, e das que amamentarem naqueles dias! 18 Orai, pois, para que isto não suceda no inverno; 19 porque naqueles dias haverá uma tribulação tal, qual nunca houve desde o princípio da criação, que Deus criou, até agora, nem jamais haverá. 20 Se o Senhor não abreviasse aqueles dias, ninguém se salvaria mas ele, por causa dos eleitos que escolheu, abreviou aqueles dias... (Marcos)

As suas instruções visam sobretudo aqueles que viverem na Palestina durante o tempo da grande tribulação. O sinal da “abominação desoladora”, predita pelo profeta Daniel (9,27; 11.31; 12.11), será algo semelhante ao que sucedeu no período dos Macabeus. O conquistador sírio Antíoco Epifânio (175-164 a.C.), ordenou a destituição do sumo sacerdote, proibiu o sacrifício diário no Templo, e no

altar colocou uma estátua de Zeus. A profanação atingiu o climax quando ordenou que sacrificassem um porco sobre o altar. Os judeus ortodoxos recusaram adorar ali até que Judas Macabeu purificou e reconsagrou o Templo.

Comparando os trechos de Daniel, 2 Tessalonicenses 2.4 e Apocalipse 13.11, e seguintes, concluímos que o Senhor se referia ao acto ímpio do governante mundial chamado anticristo, besta e homem do pecado. Depois de haver feito um acordo com os judeus ele quebrá-lo-á, exigindo que cessem os sacrifícios no Templo reedificado e adorem a imagem da besta ali levantada. Terá chegado a sua desolação.

O fim da nossa época será marcado por perturbações cósmicas. A luz do sol e da lua será obscurecida pela fumaça das cidades incendiadas pelas guerras. Os meteoritos riscarão os céus de forma jamais vista. A parábola da figueira representa o Israel florescente e a dar fruto. Ainda que o Senhor não tenha nomeado datas, comparou a época da sua vinda com o tempo da geração de Noé. Cada um se entregou aos seus afazeres e prazeres até que veio o dilúvio e os destruiu a todos.

Assim, aconselhou os seus discípulos a permanecerem vigilantes porque não sabem o dia em que Ele voltará. Mas o Senhor aparecerá com toda a glória e será visto e aceite pelo povo que o sacrificou.

3. O discurso escatológico e a Sua volta com galardão, Mt 24.45-25.46 *(Ainda no terceiro dia)*

45 Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o senhor pôs sobre os seus serviçais, para a tempo dar-lhes o sustento? 46 Bem-aventurado aquele servo a quem o seu senhor, quando vier, achar assim fazendo. 47 Em verdade vos digo que o porá sobre todos os seus bens. 48 Mas se aquele outro, o mau servo, disser no seu coração: Meu senhor tarda em vir, 49 e começar a espancar os seus servos, e a comer e beber com os ébrios, 50 virá o senhor daquele servo, num dia em que não o espera, e numa hora de que não sabe,

51 e cortá-lo-á pelo meio, e lhe dará a sua parte com os hipócritas; ali haverá choro e ranger de dentes... (Mateus)

Jesus disse que o servo fiel, prudente e bem-aventurado é aquele que vigia os sinais dos tempos, vive rectamente no temor de Deus, e serve com dedicação no reino de Deus até à sua consumação final. Então, ensinou através de ilustrações o contraste entre os preparados e os não preparados. A parábola das dez virgens é uma ilustração muito bela do dito contraste (Mt 25.1-13).

O noivo e seus amigos já se tinham dirigido à casa da noiva com a finalidade de escoltá-la até à casa do noivo, onde as bodas seriam celebradas. Todavia, demoraram-se, tratando de algum pormenor de última hora, e só à meia noite chegaram ao local pretendido. Entretanto, as dez virgens, que estavam esperando o noivo, adormeceram. Quando, à meia noite, foi anunciada a chegada do noivo, cinco das jovens mantinham acesas as suas lanternas para saírem ao seu encontro. Estas revelaram prudência tomando azeite suficiente para uma possível demora do noivo.

As outras cinco foram negligentes e, não levando o bastante, viram o seu azeite esgotado. Aí, pediram às prudentes que repartissem com elas do seu azeite, mas foram aconselhadas a procurá-lo no vendedor. Doutra forma esgotar-se-ia a todas e nenhuma poderia acompanhar o noivo sem luz. Enquanto as negligentes foram em busca do precioso óleo, o noivo chegou e as prudentes entraram nas bodas fechando-se a porta. Quando as negligentes chegaram e bateram à porta ouviram que já era tarde demais e, sendo desconhecidas, não podiam entrar.

A lição da parábola é que, quando Cristo voltar será tarde demais para alguém se preparar a fim de poder acompanhá-lo. É conveniente estar preparado a cada momento porque ninguém sabe o dia nem a hora da sua vinda.

A segunda ilustração sobre a vigilância é a parábola dos talentos (Mt 25.14-30). Certo proprietário, antes de ausentar-se do país, chamou os seus servos e repartiu entre eles vários graus de actividades,

segundo as suas capacidades, em que se deveriam ocupar até que o seu patrão voltasse. Aquele que recebeu cinco talentos fez render o seu trabalho e apresentou mais cinco. O que recebera dois granjeou outros dois. Mas, o que recebeu um, desprezando a sua obrigação, escondeu o que tinha recebido e ficou inactivo. Enquanto os dois primeiros foram recompensados pela sua fidelidade, o que desprezou a missão, nada produzindo, perdeu aquilo que tinha e foi expulso pelo patrão. Por conseguinte, a parábola ensina que preparação não consiste somente numa atitude mental favorável, mas especialmente na dedicação da vida inteira ao serviço de Cristo que nos assalariou.

A terceira ilustração sobre a vigilância é a parábola das ovelhas e dos bodes (Mt 25.31-46). A mesma ensina que Jesus, quando voltar em glória e poder, separará as nações como um pastor separa as ovelhas dos bodes. Quem tiver sido cuidadoso no cumprimento dos seus deveres sociais receberá o bem-vindo ao reino de Deus. Pelo contrário, quem se descuidar nesses mesmos deveres será rejeitado porque deixou de fazê-lo em nome do Senhor para glorificá-lo. Portanto, convém cumprir a missão fazendo tudo ao nosso alcance para agradecer ao justo juiz.

4. Jesus prediz a sua morte enquanto o Sinédrio a trama, Mc 14.1,2; Mt 26.1-5; Lc 22.1,2

(Noite do terceiro dia)

1 E havendo Jesus concluído todas estas palavras, disse aos seus discípulos: 2 Sabeis que daqui a dois dias é a Páscoa; e o Filho do homem será entregue para ser crucificado. 3 Então os principais sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram no pátio da casa do sumo sacerdote, o qual se chamava Caifás; 4 e deliberaram como prender Jesus a traição, e o matar. 5 Mas diziam: Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo. (Mateus)

O Senhor predisse que dentro de dois dias, durante a celebração da páscoa, ele seria detido e entregue aos sacerdotes para o crucifica-

rem. Em simultâneo, os membros do Sinédrio, reunidos na casa do sumo sacerdote Caifás, estavam tramando a sua prisão e como o condenariam à morte. Contudo, procuravam fazê-lo na ausência das multidões que o admiravam para não causarem tumulto na cidade durante as celebrações.

Enquanto isso, também Judas Iscariotes, desiludido com a natureza espiritual do messianismo de Jesus, estava maquinando a traição e como poderia adquirir algum proveito para compensar o tempo perdido seguindo o Mestre. Isso, ele fez extorquindo parte das finanças do colégio apostólico e, instigado por Satanás, traiu o Senhor a troco de trinta moedas de prata. Ainda que o Senhor conhecia todos os propósitos, jamais procurou contrariá-los. Aceitava o que dele estava escrito nas Escrituras que, passo a passo, ia revelando aos discípulos a fim de se não escandalizarem.

5. Jesus foi ungido profeticamente numa festa em Betânia, Mc 14.3-9; Mt 26.6-13; Jo 12.2-8

(Ainda na noite do terceiro dia)

3 Estando ele em Betânia, reclinado à mesa em casa de Simão, o leproso, veio uma mulher que trazia um vaso de alabastro cheio de bálsamo de nardo puro, de grande preço; e, quebrando o vaso, derramou-lhe sobre a cabeça o bálsamo. 4 Mas alguns houve que em si mesmos se indignaram e disseram: Para que se fez este desperdício do bálsamo? 5 Pois podia ser vendido por mais de trezentos denários que se dariam aos pobres. E bramavam contra ela. 6 Jesus, porém, disse: Deixai-a; por que a molestais? Ela praticou uma boa acção para comigo... (Marcos)

Jesus tinha regressado a Betânia a fim de ali passar a noite. Estando a tomar uma refeição na casa de Simão, chegou Maria, irmã de Marta, e, aproximando-se de Jesus, quebrou um vaso de alabastro com unguento caríssimo, e começou a derramar-lho na cabeça. João diz que ela lhe ungiu os pés e enxugava-os com os seus cabelos. Provavelmente, João ficou mais impressionado com a atitude de

vavelmente, João ficou mais impressionado com a atitude de Maria em relação aos pés do Senhor. E o fragrante cheiro do precioso bálsamo encheu aquela casa.

Ainda que Marcos se refira à indignação de alguns discípulos, e Mateus aos discípulos, João é mais directo acusando Judas de ser o mentor da ideia: “Por que não se vendeu este bálsamo por trezentos denários e não se deu aos pobres?” O traidor queria encobrir a sua infidelidade com um acto de justiça social. Ele não estava entendendo nada concernente ao futuro de Jesus, nem estava interessado nos pobres. O seu principal interesse era simplesmente financeiro e plenamente egoísta.

O Senhor teve de explicar-lhes que a acção de Maria estava correcta porque daquela maneira ela antecipou-se a ungi-lo para a sua morte e sepultamento. E se ela quis honrá-lo com aquele perfume ninguém tinha o direito de impedi-la de o fazer. Além disso, eles teriam muitas oportunidades de ajudar os pobres; mas a Ele nem sempre teriam para lhe prestar as devidas honras. Ai, Jesus ordenou que a acção de Maria fosse mencionada em todo o mundo a fim de ser o exemplo da maior devoção aos seus discípulos.

6. Judas procurou os sacerdotes para negociar a sua traição, Mc 14.10,11; Mt 26.14-16; Lc 22.3-6

(Ainda na noite do terceiro dia)

3 Entrou então Satanás em Judas, que tinha por sobrenome Iscariotes, que era um dos doze; 4 e foi ele tratar com os principais sacerdotes e com os capitães de como lho entregaria. 5 Eles se alegraram com isso, e convieram em lhe dar dinheiro. 6 E ele concordou, e buscava ocasião para lho entregar sem alvoroço. (Lucas)

Imediatamente à repreensão do Senhor, Judas, instigado por Satanás, saiu de Betânia e foi a Jerusalém a fim de negociar com os sacerdotes a maneira como poderia entregar-lho. A sua desilusão, juntamente com o amor ao dinheiro, foi o motivo da sua traição. En-

tão, pesaram trinta peças de prata com a promessa de que lhas entregariam em troca da vítima.

Esta acção dos sacerdotes foi muito semelhante ao que se passou com Zacarias como profeta do Senhor (Zc 11.12,13). Zacarias pediu que lhe pagassem o valor relativo ao serviço de profeta, mas eles humilharam-no não lhe dando mais do que o preço dum escravo, que era trinta peças de prata. A semelhança está no valor da transação de Jesus, vendido como escravo, para ser sacrificado em nosso lugar.

(Quarto dia)

A narrativa foi interrompida com a saída de Judas, sendo retomada somente na tarde do quinto dia. Provavelmente, durante o quarto dia, Jesus quis descansar com os discípulos e recuperar energias para suportar a dureza do sofrimento que o esperava. Será por este motivo que não há registo de actividades neste dia.

7. Jesus mandou preparar a celebração da Páscoa, Mc 14.12-16; Mt 26.17-19; Lc 22.7-13

(Manhã do quinto dia)

12 Ora, no primeiro dia dos pães ázimos, quando imolavam a Páscoa, disseram-lhe seus discípulos: Aonde queres que vamos fazer os preparativos para comeres a Páscoa? 13 Enviou, pois, dois dos seus discípulos, e disse-lhes: Ide à cidade, e vos sairá ao encontro um homem levando um cântaro de água; segui-o; 14 e, onde ele entrar, dizei ao dono da casa: O Mestre manda perguntar: Onde está o meu aposento em que hei de comer a Páscoa com os meus discípulos? 15 E ele vos mostrará um grande cenáculo mobiliado e pronto; aí fazei-nos os preparativos. (Marcos)

A preparação da Páscoa era feita no dia 14 do mês hebraico Nisan, (dentro dos nossos Março e Abril) para ser celebrada no dia 15. Note-se que o dia hebraico começa ao pôr do sol do dia anterior e

prolonga-se até ao pôr do sol dia seguinte, portanto, as mesmas vinte e quatro horas. Assim, a última Páscoa de Jesus teve o seu início ao pôr do sol do quinto dia prolongando-se até ao pôr do sol do sexto dia. Nesse mesmo dia foi instituída por Cristo uma nova Páscoa, a nossa Páscoa, para ser celebrada em sua memória pelos cristãos em todo o mundo.

Geralmente, as mulheres transportavam a água em cântaros de barro, enquanto os homens escravos o faziam em odres confeccionados de peles de cabras. O facto dos discípulos verem um homem carregando um cântaro era sinal de que estariam perante o indicado pelo Senhor e que deviam segui-lo. Os discípulos, que Lucas informa serem Pedro e João, obedeceram e, ao chegar à referida casa, perguntaram pelo aposento onde devia ser celebrada a Páscoa. Provavelmente, Jesus teria tratado, antecipadamente, dos pormenores com o alusivo homem. O Senhor não deixava nada ao acaso, tudo tinha que obedecer a um plano prévio. Ninguém sabe com certeza, mas é muito provável que a dita sala pertencesse aos pais de João Marcos. (Cf. Act 12.12).

8. Jesus celebrou a Páscoa com os doze discípulos, Mc 14.17; Mt 26.20; Lc 22.14-16

(Noite do quinto dia)

17 Ao anoitecer chegou ele com os doze. (Marcos) 14 E, chegada a hora, pôs-se Jesus à mesa, e com ele os apóstolos. 15 E disse-lhes: Tenho desejado ardentemente comer convosco esta páscoa, antes da minha paixão; 16 pois vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no reino de Deus. (Lucas)

A páscoa era a maior e a mais sagrada festa do calendário judaico porque celebrava a libertação dos hebreus da escravidão no Egito. À semelhança do dia da redenção, cada família sacrificava um cordeiro para comemorar e recordar a acção amorosa de Deus para

com o seu povo. Devia ser comida depois do pôr do sol, ao iniciar o dia quinze, e a festa duraria sete dias (cf. Êx 12.14-20).

Quando Jesus se reclinou à mesa pronunciou uma expressão idiomática muito típica dos hebreus: *“Com grande desejo eu desejei comer convosco esta páscoa antes que padeça”* (Lc 22.15). A repetição do verbo serve para enfatizar a sua acção. Observe-se como o Senhor estaria ansioso para completar o cumprimento das profecias acerca do seu ministério terreno! O amor sublime que albergava no seu coração pela humanidade obrigava-o a dar a vida em resgate dos escravizados por Satanás. Nada podia demovê-lo do propósito de salvar os perdidos por causa do pecado.

E continuou: *“porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no reino de Deus”*. Quer dizer, o Senhor usou aquela ceia como uma figura da grande festa que será celebrada quando o seu reino for consumado na terra. Naquela ocasião em que muitos do oriente e do ocidente se assentarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó, no reino dos céus (cf. Mt 8.11). Aquelas palavras reflectem a sublime esperança de festejar jubilosamente a vitória do seu reino.

9. Jesus resolveu a contenda da ambicionada superioridade, Lc 22.24-27; Jo 13.1-20

(Noite do quinto dia)

24 Levantou-se também entre eles contenda, sobre qual deles parecia ser o maior. 25 Ao que Jesus lhes disse: Os reis dos gentios dominam sobre eles, e os que sobre eles exercem autoridade são chamados benfeitores. 26 Mas vós não sereis assim; antes o maior entre vós seja como o mais novo; e quem governa como quem serve. (Lucas)

2 Enquanto ceavam, (Jesus) 4 levantou-se da ceia, tirou o manto e, tomando uma toalha, cingiu-se. 5 Depois deitou água numa bacia e começou a lavar os pés aos discípulos, e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido. 6 Chegou, pois, a Simão Pedro, que lhe disse: Senhor, lavas-me os pés a mim? 7 Respondeu-lhe Jesus: O que

eu faço, tu não o sabes agora; mas depois o entenderás. 8 Tornou-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Replicou-lhe Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo. 9 Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, não somente os meus pés, mas também as mãos e a cabeça... (João).

Parece que a ambição pelos lugares de maior honra não tinha ainda desaparecido da mentalidade dos discípulos de Jesus. Então, o Senhor teve de cortar o mal pela raiz dando-lhes o exemplo pessoalmente. Era costume entre os judeus lavar os pés antes de se sentarem à mesa. Estando já sentados, Jesus levantou-se e, preparando-se, começou a lavar-lhes os pés, serviço que competia a um escravo. Era também costume entre os rabinos que os seus alunos lhe prestassem serviços semelhantes, exceptuando a lavagem dos pés, que era serviço humilde demais.

Porém, neste caso, o Rabi Jesus fez aos discípulos aquilo que nem eles mesmos tinham obrigação de fazer-lhe. Pedro achou que o Senhor já tinha passado os limites e começou a rejeitar aquela acção do seu Mestre. Aí, Jesus deu-lhes uma grande lição de humildade e grandeza, e, simultaneamente, ensinou que aquela lavagem simbolizava a purificação diária dos pecados. *“Porque eu vos dei o exemplo para que como eu vos fiz, façais vós também”*. Em seguida, o Senhor revelou que nem todos estavam limpos porque um deles estava contaminado e prestes a traí-lo.

Em nossa época não há necessidade de cumprir isto por ritual, mas podemos prestar, uns aos outros, serviços segundo as necessidades actuais. Além disso, sabemos que, pela fé no valor do seu sangue, somos purificados de todo o pecado.

10. Jesus, à mesa com os doze, prediz que Judas o trairá, Mc 14.18-21; Mt 26.21-25; Lc 22.21-23; Jo 13.21-30

18 E, quando estavam reclinados à mesa e comiam, disse Jesus: Em verdade vos digo que um de vós, que comigo come, há de trair-me. 19 Ao que eles começaram a entristecer-se e a perguntar-lhe um

após outro: Porventura sou eu? 20 Respondeu-lhes: É um dos doze, que mete comigo a mão no prato. 21 Pois o Filho do homem vai, conforme está escrito a seu respeito; mas ai daquele por quem o Filho do homem é traído! bom seria para esse homem se não houvera nascido. (Marcos)

Geralmente, sentavam-se à mesa em forma de U reclinando a cabeça sobre o do lado esquerdo. Esta era a posição do discípulo amado do Senhor. E, para Judas meter a mão no mesmo prato de Jesus estaria à sua esquerda. Logo Pedro, que estaria na outra ponta da mesa, mesmo em frente, fez sinal a João para perguntar a quem Jesus se estava referindo.

Começaram logo a indagar quem seria o perverso que praticaria acção tão desumana e a dizer: *“Porventura sou eu, Senhor?”*. – *“O que mete comigo a mão no prato esse me há de trair”* disse o Senhor. Indagou Judas: *“Porventura sou eu, Senhor?”*. – *“Tu o disseste”* respondeu o Mestre. E Jesus, tomando um bocado, molhou-o e deu-lho dizendo: *“O que fazes, fá-lo depressa”* (cf. Jo 13.27). E Judas, saindo imediatamente da sala, foi aos sacerdotes para consumir o pacto com eles feito anteriormente.

Os outros pensaram que Jesus lhe tivesse ordenado para comprar alguma coisa necessária na festa, ou para dar aos pobres, e ele tivesse saído em consequência disso. Nisto observamos que Judas participou somente em parte da ceia pascal judaica, não tendo, por isso, ficado para a instituição da nova páscoa. Nem ele teria esse direito porque no seu coração já não havia esperança alguma que Jesus fosse o messias esperado nem que lhes daria o reino de Deus.

11. Jesus prediz que todos se escandalizarão e Pedro o negará, Mc 14.27-31; Mt 26.31-35; Lc 22.31-34; Jo 13.36-38 (Ainda noite do quinto dia)

27 Disse-lhes então Jesus: Todos vós vos escandalizareis; porque escrito está: Fere o pastor, e as ovelhas se dispersarão. 28 To-

davia, depois que eu ressurgir, irei adiante de vós para a Galileia. 29 Ao que Pedro lhe disse: Ainda que todos se escandalizem, nunca, porém, eu. 30 Replicou-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje, nesta noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes tu me negarás. (Marcos)

Jesus revelou, então, que se um seria traidor, os outros sentir-se-iam escandalizados pelos factos daquela noite e desertariam. Isto é, os acontecimentos daquela noite apanhariam a todos de surpresa como uma armadilha que serviria como pedra de tropeço. O Senhor usou o trecho profético de Zacarias 13.7 que diz: “*Fere o pastor e as ovelhas se dispersarão*”. Ao ouvir isto, Pedro replicou: “*Ainda que todos se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei*”. Então, Jesus esclareceu que antes que o galo cantasse, naquela noite, três vezes o negaria. Ao ouvir isto, tanto Pedro quanto os outros afirmaram que de modo algum o abandonariam. Confessaram, mesmo, estarem prontos a morrer por Ele.

Pedro desconhecia que ainda não era o homem-pedra, predito pelo Senhor, mas um ser vulnerável tanto quanto os seus companheiros. Ele julgava-se superior aos outros, porém, a sua fanfarronice cairia por terra algumas horas depois. Esta experiência é que terá levado Jesus, mais tarde, a interrogá-lo enfaticamente: “*Pedro, amas-me?*”. Tanto ele como os companheiros careciam duma experiência que os fizesse reflectir sobre a qualidade do amor ao seu Mestre.

12. Jesus ensina sobre a sua glória e dá o novo mandamento, Jo 13.31-35 (Ainda noite do quinto dia)

31 Tendo ele, pois, saído, disse Jesus: Agora é glorificado o Filho do homem, e Deus é glorificado nele; 32 se Deus é glorificado nele, também Deus o glorificará em si mesmo, e logo o há de glorificar. 33 Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco. Procurar-me-eis; e, como eu disse aos judeus, também a vós o digo agora: Para onde eu vou, não podeis vós ir. 34 Um novo mandamento vos dou:

que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei a vós, que também vós vos ameis uns aos outros. 35 Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros. (João)

Logo após a saída de Judas, o Senhor referiu-se aos acontecimentos que, brevemente, serviriam para glorificar tanto o Pai como o Filho. Jesus seria glorificado pelo Pai por haver cumprido o seu propósito na cruz. O Pai seria glorificado no Filho porque traria dos mortos aquele que morrera pelos pecadores.

Jesus usou, então, aquela expressão tão carinhosa para se dirigir aos seus apóstolos!: “*Filhinhos*”. Ele iria deixá-los, não faltaria muito tempo, mas seria vão procurá-lo no sentido físico. Os judeus buscá-lo-iam por curiosidade, enquanto eles o fariam por causa da sua afeição pessoal. Todavia, eles não podiam segui-lo para onde Ele iria brevemente, o lar do Pai, donde veio para incarnar entre os homens.

Entretanto, deviam amar-se uns aos outros do mesmo modo que sentiram o Seu amor diariamente. Este é o emblema vivo para reconhecimento dos verdadeiros discípulos de Cristo. Tal amor será, inevitavelmente, o maior testemunho para o mundo crer que Ele veio e deu a vida por nós. Este não é mais um mandamento para juntar aos outros, mas o mandamento que cumpre todos os demais.

13. Jesus deu uma lição sobre a necessidade de se prepararem para o futuro, Lc 22.35-38 (Ainda noite do quinto dia)

35 E perguntou-lhes: Quando vos mandei sem bolsa, alforje, ou alparcas, faltou-vos porventura alguma coisa? Eles responderam: Nada. 36 Disse-lhes pois: Mas agora, quem tiver bolsa, tome-a, como também o alforje; e quem não tiver espada, venda o seu manto e compre-a. 37 Porquanto vos digo que importa que se cumpra em mim isto que está escrito: E com os malfeitores foi contado. Pois o que me diz respeito tem seu cumprimento. 38 Disseram eles: Senhor, eis aqui duas espadas. Respondeu-lhes: Basta. (Lucas)

Esta estranha ordem só é relatada por Lucas, mas tem o seu interesse. No início do ministério, quando os nomeou para o apostolado, Jesus advertiu-os que não precisavam de sair carregados com muitas coisas. Bastaria confiar na provisão de Deus. Então, à interrogação de Jesus sobre a fidelidade de Deus, responderam que nada lhes havia faltado. Porém, no final da sua carreira terrena, o Senhor aconselhou-os a prevenirem-se com aquelas coisas necessárias. E quem não tivesse espada deveria vender o manto para comprá-la. Era um aviso acerca dos acontecimentos nas próximas horas, que seriam difíceis de suportar.

Naturalmente, o Senhor não estaria a insinuar que estalaria uma guerra civil por sua causa. Mas, imaginando que o seu Mestre queria que eles lutassem a fim de não ser preso e castigado, apresentaram-lhe duas espadas. Jesus disse: “*Basta*”. Ora, seria uma loucura dispor-se a travar uma luta com as autoridades somente com duas espadas. Por isso, a lição do Senhor é que nada poderia impedir o cumprimento das Escrituras a seu respeito porque tudo estava sob controle de Seu Pai celestial.

14. Jesus tomou a última ceia pascal e instituiu um novo memorial, Mc 14.22-25; Mt 26.26-29; Lc 22.17-20; (cf. 1 Co 11.23-26) *(Ainda noite do quinto dia)*

17 Então havendo recebido um cálice, e tendo dado graças, disse: Tomai-o, e reparti-o entre vós; 18 porque vos digo que desde agora não mais berei do fruto da videira, até que venha o reino de Deus. 19 E tomando pão, e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. 20 Semelhantemente, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo pacto em meu sangue, que é derramado por vós. (Lucas)

A Páscoa comemorava a redenção do povo israelita, a sua saída do Egito pela liderança de Moisés com a orientação de Deus. O nome provém do hebraico que significa passar por cima. O anjo do Senhor passou por cima das casas marcadas com sangue, enquanto nas outras acontecia a morte do primogénito. A liturgia da Páscoa judaica incluía pão, cordeiro, ervas amargas, copos para vinho segundo os elementos da família, acções de graças e cânticos nos Salmos 113 a 118.

No tempo de Jesus a liturgia seguia esta ordem: Na mesa eram colocados previamente todos os elementos necessários à celebração. Em seguida, todos os membros da família se sentavam reclinados à mesa para celebrar a Páscoa. Depois, enchiam-se os copos com dois terços de água e um de vinho sem lhes tocarem. Cada membro da família tinha direito a quatro copos de vinho misturado com água. Então, o chefe de família pronunciava as graças conforme iam comendo e bebendo, cujo fundamento teológico se encontra em Êxodo 6.6,7, relacionado com as promessas de Deus, que diz:

6 Portanto, dize aos filhos de Israel: Eu sou Jeová; eu vos tirarei de debaixo das cargas dos egípcios, livrar-vos-ei da sua servidão, e vos resgatarei com braço estendido e com grandes juízos. 7 Eu vos tomarei por meu povo e serei vosso Deus; e vós sabereis que eu sou Jeová vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas dos egípcios.

1. O primeiro copo era chamado o cálice da *santidade*. A oração de abertura, feita sobre o primeiro copo de vinho, era a acção de graças pelo dia festivo da libertação. Tomando um copo nas suas mãos, o chefe de família elevava-o dizendo: “Abençoado sejas Tu, Senhor nosso Deus, Rei do Universo, Criador do fruto da vide”. Lavavam as mãos, comiam ervas amargas recordando os tempos amargos passados no Egito e bebiam o vinho.

2. O segundo copo era chamado o cálice da *instrução*. Nesta ocasião festiva era feita a narrativa anual aos filhos sobre os acontecimentos que libertaram o povo do Egito pela mão de Moisés, conforme ordenado em Êxodo 12.26,27. Aí cantavam o pequeno Hallel,

que é os Salmos 113-114. Do mesmo modo, a Santa Ceia dos cristãos deve servir de instrução sobre a obra de Cristo para nos libertar da escravidão do pecado.

3. O terceiro copo era chamado o cálice da *redenção*. Este foi o cálice referido pelo Senhor como símbolo do seu sangue. Neste momento da ceia o chefe tomava o pão nas mãos e dava graças dizendo: “Abençoado sejas Tu, Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que extrais o pão da terra”. Então, partiam com as mãos um pequeno pedaço de pão e comiam os elementos da ceia. Neste momento Cristo disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Depois, tomando um cálice, deu graças e deu-lho dizendo: Isto é o meu sangue, o sangue do novo pacto, fazei isto em memória de mim.

4. O quarto copo era chamado o cálice da *esperança*. Era o copo final, o cálice da alegria, tomado no final da refeição como nós tomamos o último copo num casamento. Foi este cálice que Jesus disse que não beberia até que venha o Reino de Deus e possa bebê-lo com a sua noiva. Ou, doutra maneira: “Até àquele dia em que o beber novo no Reino de Deus”. No final cantavam o grande Hallel, os Salmos 115 a 118. A refeição terminava com acção de graças por um deles e o amém por todos.

Deve ser notado que, de acordo com a liturgia pascal, Jesus sempre deu graças pelos elementos que tinha em suas mãos e depois os distribuiu por todos. Aquele pão era fabricado especialmente para celebrar a Páscoa, pois não continha fermento nem outros ingredientes. Era fabricado simplesmente com farinha pura e água para simbolizar a vida nova vivida na liberdade do Senhor.

Quanto ao vinho, a expressão grega usada pelos evangelistas é sempre “o fruto da videira”, o que poderá levar-nos a concluir que também não seria fermentado. Contudo, isto é somente uma hipótese. Mas, duas partes de água com uma de vinho fica sem sabor a qualquer dos ingredientes. Sabe-se que os judeus eram sabedores na conserva, tanto das uvas como do seu suco, para usarem durante o ano.

Ainda me lembro como a minha mãe conservava as uvas e o seu suco para consumir durante o ano.

Todavia, Lucas usa no seu evangelho duas palavras gregas para expressar o fruto da videira. Uma delas está na parábola dos lavradores maus, em Lucas 20.10, quando o dono lhes pede do fruto (karpos) da vinha. A outra encontra-se no registo da ceia pascal quando o Senhor disse que não beberia mais do fruto (genematos) da videira até que venha o reino de Deus. A primeira refere-se genericamente ao fruto da vinha. A segunda define o fruto natural e específico da videira. Além disso, os três usam a mesma palavra para dizer “aquele dia em que o beba novo (kainos) convosco” e “este cálice é o novo (kainos) pacto em meu sangue”.

O simbolismo do pão e do vinho na Ceia do Senhor é o seguinte: Assim como o grão tem que ser moído para fazer pão, e as uvas têm que ser pisadas para fazer vinho, para servirem de alimento e comunhão familiar, também o nosso Salvador foi moído e pisado para servir de alimento e comunhão a todos os crentes no seu sacrifício a fim de formar um novo corpo, a Igreja Universal.

15. Jesus fez, perante os discípulos, um grande discurso de despedida, Jo 14.1-16.33

(Ainda noite do quinto dia)

1 Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. 2 Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar. 3 E, se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos tomarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também. 4 E para onde eu vou vós conheceis o caminho. 5 Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais; e como podemos saber o caminho? 6 Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim... (João)

O Senhor não quis deixar os discípulos perturbados por causa da sua morte. Por isso, procurou instruí-los acerca do seu futuro e da sua missão. Brevemente, Ele deixaria este mundo indo novamente para junto de seu Pai, donde tinha vindo. E informa-os que, uma vez ali, prepararia lugar também para eles a fim de estarem sempre consigo. Tomé ficou intrigado com a revelação de Jesus e confessou que não conhecendo o lugar para onde iria, nem sabendo o caminho, como poderia juntar-se a Ele mais tarde? Jesus respondeu-lhe: *“Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim”*. Deste modo, Jesus ensinou que Ele é o único caminho para o céu, a única verdade para a salvação, e a única fonte da vida eterna. Nenhum outro nome, ou sistema religioso, tornará possível a aproximação de Deus.

Então, Filipe pediu ao Senhor que lhes apresentasse o Pai, e ficariam satisfeitos. Imediatamente, Jesus apresentou-se como o Pai incarnado; isto é, Ele e o Pai eram um, e quem o via a Ele estava contemplando a Deus. Sobretudo, ele devia acreditar nisso tendo em consideração as suas palavras sábias e as suas obras poderosas. Isso não era produto da mera acção humana, mas a intervenção directa de Deus. E disse que aqueles que nele crerem também farão as mesmas obras e, às vezes, ainda maiores porque podiam contar com Ele. Desse modo, Jesus afirmou ser a expressa imagem de Deus entre os homens. João apresenta-o no seu evangelho como o Logos incarnado que viveu entre a humanidade e manifestou a glória de Deus.

Então, prometeu àqueles que o amam que não ficariam desamparados, mas receberiam da sua parte outro Consolador para ficar com eles para sempre. E, quando Ele viesse nos ensinaria todas as coisas necessárias concernente ao reino de Deus e à vida eterna. Porém, aqueles que o amam serão conhecidos pela obediência à sua palavra. Esse amor obediente determinará que Pai e Filho habitem pelo Espírito no crente.

Depois, disse: *“Levantai-vos e vamos”*. E saíram para o Monte das Oliveiras, indo para um sítio onde existia um lagar de azeite e se chamava Getsêmani. Este era um dos lugares apreciados por Jesus

para ter comunhão com seu Pai. Pelo caminho, o Senhor continuou a sua instrução aos discípulos, cujo relato consta nos capítulos quinze e dezasseis do evangelho de João.

No caminho para o Getsêmani, Jesus ensinou acerca do verdadeiro relacionamento entre Ele e os que nele crêem. Ele é a videira genuína, nós somos as varas, e Seu Pai é o viticultor que limpa as varas para darem muito fruto. Por sua vontade, tomámos juntos o lugar de Israel como vinha de Deus. Assim como a vara desligada da cepa não pode dar fruto, também nós ficaremos impedidos de fazer qualquer coisa se não estivermos unidos nele. A verdadeira comunhão com Ele depende do amor e da obediência aos seus mandamentos.

Por isso, deixou-nos o grande mandamento, aquele que serve de emblema aos cristãos porque dá o maior testemunho daquele que amou até à morte. *“Como o Pai me amou, assim também eu vos amei; permaneço no meu amor”*. *“O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a vida pelos seus amigos”*. João ensina que se Ele deu a vida por nós, também nós devemos dar a vida pelos irmãos.

Depois, advertiu que assim como Ele foi odiado pelo mundo, também os seus discípulos o seriam, sofrendo até perseguições por sua causa. Não deviam estranhar tal procedimento das pessoas porque normalmente elas amam o que está relacionado com a sua própria natureza. Isso é o mesmo que odiá-lo a Ele e também a seu Pai. O Senhor disse que se cumpriu deste modo a Escritura profética: *“Odiaram-me sem causa”*.

Jesus também participou aos discípulos que era conveniente ele ir para o Pai, porque dessa forma enviaria o Espírito Santo para ficar connosco para sempre. Então, Ele ministraria consolação, encorajamento, instrução e juízo. Ele daria o verdadeiro testemunho de Cristo e o glorificaria. Quando o Consolador veio, no dia de Pentecostes, e começou a encher os crentes, tem cumprido esse maravilhoso ministério sem cessar.

16. Jesus, nosso mediador, fez uma preciosa oração intercessória, Jo 17.1-26 *(Ainda noite do quinto dia)*

1 Depois de assim falar, Jesus, levantando os olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o Filho te glorifique; 2 assim como lhe deste autoridade sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos aqueles que lhe tens dado. 3 E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, como o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste. 4 Eu te glorifiquei na terra, completando a obra que me deste para fazer. 5 Agora, pois, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse... (João)

Jesus não partiu para o Pai sem entregar aos seus cuidados os discípulos, que lhe seriam muito caros. João relatou a mais preciosa oração do Senhor, feita no final do seu ministério, na qual observamos três importantes secções. Primeiro, trata do relacionamento existente entre Cristo e o Pai. Ele glorificou o Pai cumprindo plenamente a sua vontade, revelando aos homens a sua pessoa e a sua Palavra, e estava prestes a morrer por eles a fim de salvá-los. Agora espera que o Pai o glorifique a Ele recebendo-o novamente no céu, onde estava anteriormente e donde tinha vindo para se fazer homem a fim de ministrar aos homens.

Num dos seus lugares favoritos, uma encosta do Monte das Oliveiras, o Senhor intercedeu, então, por aqueles que o Pai lhe tinha dado para que Ele os protegesse na unidade espiritual e eles fossem as suas testemunhas no mundo a fim de que todos cressem nele. *“Para que todos sejam um, assim como tu, ó Pai, o és em mim e eu em ti, que também eles sejam um em nós para que o mundo creia que tu me enviaste”*. Ele manifestou o desejo que todos os seus discípulos desfrutassem uma alegria perfeita, a qual só é possível em comunhão com a Santa Trindade. O Senhor rogou ao Pai para que os guardasse do Maligno e, ao mesmo tempo, os santificasse com a sua Palavra. Pois, sem santificação ninguém verá a Deus.

Jesus também mencionou perante o pai aqueles que ouvem o evangelho do reino e estão crendo nele para salvação de suas almas. Ele deseja que todos juntos formemos um corpo unido que reflita a sua real presença no mundo. João escreveu no início da sua primeira epístola acerca do propósito do seu testemunho: *“O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos para que também tenhais comunhão connosco; e a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo”*. Portanto, só vivendo em comunhão perfeita é que as pessoas reconhecerão que Cristo está realmente entre nós. Esta comunhão terá que ser espiritual e mantida por relacionamentos sãos entre todos os cristãos.

XXVI. JESUS SOFRE E MORRE PELO PECADO DA HUMANIDADE

1. Jesus sofre e agoniza no Getsêmani, Mc 14.32-42; Mt 26.36-46; Lc 22.40-46; Jo 18.1

(Cerca da meia noite do quinto dia)

32 Então chegaram a um lugar chamado Getsêmani, e disse Jesus a seus discípulos: Sentai-vos aqui, enquanto eu oro. 33 E levou consigo a Pedro, a Tiago e a João, e começou a ter pavor e a angustiar-se; 34 e disse-lhes: A minha alma está triste até a morte; ficai aqui e vigiai. 35 E adiantando-se um pouco, prostrou-se em terra; e orava para que, se fosse possível, passasse dele aquela hora. 36 E dizia: Aba, Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice; todavia não seja o que eu quero, mas o que tu queres. (Marcos)

Como estavam caminhando, chegaram ao local do Getsêmani. Ali, à semelhança da azeitona, Jesus iria ser pisado por judeus e homens ímpios que brevemente o buscariam para matá-lo. Logo que chegaram, o Senhor convidou os discípulos a sentarem-se em certo sítio enquanto Ele se adiantou para orar em privado. Levando consigo

somente três, considerados as colunas, deixou-os também para trás e, avançando um pouco, prostrou-se na terra para orar e disse: *“Pai, tudo te é possível, afasta de mim este cálice. Todavia, não seja o que eu quero, mas o que tu queres”*. Nele há um misto de angústia e resignação.

Mais uma vez, Jesus manifestou a sua natureza humana experimentando uma tristeza de morte. O Seu sofrimento era tanto que o ouviram suplicar para que lhe fosse retirado aquele cálice de sofrimento. Todavia, e porque o seu amor era mais forte do que a dor, o Senhor resignou-se a fazer a suprema vontade do Pai em benefício da humanidade. Aquele que nunca pecara estava recebendo os nossos pecados, e isso o esmagava como a mó de cima sobre a azeitona. Quanto amor e quanta força moral para suportar tal afronta por gente merecedora da condenação!

Quando regressou aos discípulos achou-os dormindo e censurou-os por nem poderem sequer vigiar uma hora. Se eles estavam cansados pelas altas horas da noite, como não estaria o Senhor fatigado pelo peso dos nossos pecados! Além disso, era de seu completo conhecimento o sofrimento que o esperava. Ele estava destinado para isso e teria de cumprir tudo o que estava escrito a seu respeito.

2. No Getsêmani, Jesus é traído, preso e abandonado, Mc 14.43-52; Mt 26.47-56; Lc 22.47-53; Jo 18.2-12

43 E logo, enquanto ele ainda falava, chegou Judas, um dos doze, e com ele uma multidão com espadas e varapaus, vinda da parte dos principais sacerdotes, dos escribas e dos anciãos. 44 Ora, o que o traía lhes havia dado um sinal, dizendo: Aquele que eu beijar, esse é; prendei-o e levai-o com segurança. 45 E, logo que chegou, aproximando-se de Jesus, disse: Rabi! E o beijou. 46 Ao que eles lhes lançaram as mãos, e o prenderam. (Marcos)

Judas era conhecedor dos hábitos do Mestre. Sabia que Ele se retirava frequentemente para aquele local, e foi ali que o procurou. De

repente, uma multidão enfurecida, liderada por Judas, apareceu empunhando lanternas, espadas e varapaus. Provavelmente, os sacerdotes esperavam que os discípulos de Jesus estivessem armados até aos dentes para defenderem o seu Mestre. Deste modo, terão aconselhado aquele exército popular a ir armado de paus, enquanto os guardas do Templo levariam espadas. Previamente, Judas dera-lhes um sinal inequívoco de identificação. *“Aquele que eu beijar esse é; prendei-o e levai-o com segurança”*.

Entre os judeus era costume saudar os veneráveis rabinos com um beijo. E, foi com esta saudação de paz e amor que o traidor entregou aquele que o amava. Enquanto se aproximavam, Jesus adiantou-se e perguntou a quem buscavam. Quando eles ouviram a sua resposta natural *“sou eu”* imediatamente recuaram e caíram desfalecidos. A força da personalidade divina de Jesus venceu a sua resistência física. Ficaram espantados com a atitude do Senhor que, ao invés de fugir, ou defender-se, como seria de esperar, Ele se entregou voluntariamente.

Nesse preciso momento, um dos seus discípulos puxou da espada e cortou uma orelha do servo do sumo sacerdote, chamado Malco. O Senhor, muito serenamente, pegou na orelha e colocando-a no seu lugar curou o rapaz. Com esta cura providenciou aos algozes mais uma oportunidade para se convencerem de que Ele era o Messias que esperavam. Então, ordenou a Pedro para pôr a espada na bainha e disse: *“Ou pensas tu que eu não poderia rogar a meu Pai, e que Ele não me mandaria agora mesmo mais de doze legiões de anjos?”* É certo que poderia, mas preferiu cumprir tudo o que está escrito a seu respeito. Assim, permitiu que o prendessem, mas não sem que pedisse a liberdade para os seus amigos. *“Se me buscais a mim deixai ir estes”*. Ele estava pronto a cumprir as profecias. Nada poderia ficar sem cumprimento.

Os algozes deitaram-lhe as mãos e prenderam-no como a um saltador perigoso. Perante os factos, o Senhor foi abandonado por todos os que anteriormente tinham confessado que o seguiriam até à morte. Até um, que não fazia parte da comitiva de Jesus, aterrorizado,

largou o manto em que estava enrolado desaparecendo apressadamente na bruma da noite. Ao largar a capa que o cobria não ficou completamente nu; ele ficou com as roupas interiores. Mas o Senhor permaneceu sereno, aguardando pelos últimos acontecimentos. Ele não se defendeu porque queria livrar-nos da condenação eterna. Jesus estava disposto a dar a vida para nos redimir.

3. Jesus foi interrogado perante o sumo sacerdote Anás, Jo 18.13,14, 19-23

(Depois da meia noite do quinto dia)

13 E conduziram-no primeiramente a Anás; pois era sogro de Caifás, sumo sacerdote naquele ano. 14 Ora, Caifás era quem aconselhara aos judeus que convinha morrer um homem pelo povo. 19 Então o sumo sacerdote interrogou Jesus acerca dos seus discípulos e da sua doutrina. 20 Respondeu-lhe Jesus: Eu tenho falado abertamente ao mundo; eu sempre ensinei nas sinagogas e no templo, onde todos os judeus se congregam, e nada falei em oculto. 21 Por que me perguntas a mim? pergunta aos que me ouviram o que é que lhes falei; eis que eles sabem o que eu disse. (João)

O julgamento de Jesus teve dois aspectos, o judaico e o romano, havendo em cada três audiências. Em primeiro lugar teve ocasião o julgamento religioso perante os sacerdotes. Anás era ainda uma figura dominante na liderança judaica e teve que dar a sua opinião sobre o condenado. Ele interrogou Jesus sobre a sua actividade religiosa, os seus discípulos e os seus ensinamentos. Depois foi remetido para Caifás, o sumo sacerdote daquele ano, onde também foi julgado perante os membros do Sinédrio, reunidos ilegalmente durante a noite, os quais condenaram Jesus à morte. Após amanhecer, e para encobrir a ilegalidade, houve outra reunião a fim de confirmar o veredicto declarado durante a noite.

4. Jesus foi interrogado perante o sumo sacerdote Caifás, Mc 14.53; 55-65; Mt 26.57,59-68; Lc 22.54,63-65; Jo 18.24

(Ainda durante a noite do quinto dia)

53 Levaram Jesus ao sumo sacerdote, e ajuntaram-se todos os principais sacerdotes, os anciãos e os escribas. 54 E Pedro o seguiu de longe até dentro do pátio do sumo sacerdote, e estava sentado com os guardas, aquecendo-se ao fogo. 55 Os principais sacerdotes e todo o Sinédrio buscavam testemunho contra Jesus para o matar, e não o achavam. 56 Porque contra ele muitos depunham falsamente, mas os testemunhos não concordavam. 57 Levantaram-se por fim alguns que depunham falsamente contra ele, dizendo: 58 Nós o ouvimos dizer: Eu destruirei este santuário, construído por mãos de homens, e em três dias edificarei outro, não feito por mãos de homens. 59 E nem assim concordava o seu testemunho... (Marcos)

Depois de ser interrogado por Anás, Jesus foi levado a Caifás e questionado na presença dos membros do Sinédrio. Esta segunda reunião foi ilegal por ter sido realizada durante a noite na casa do sumo sacerdote. Ainda que todos se esforçassem para apanhar Jesus nalguma falta jamais o conseguiam. Apareceram algumas falsas testemunhas dizendo disparates discordantes sobre o Senhor. Por fim, alguém se lembrou do que lhe ouvira dizer sobre a destruição do templo, quando Ele se referia à sua morte e ressurreição, mas nem nisto concordavam. É sabido que os testemunhos mentirosos jamais concordarão em todos os pontos.

Perante o facto de Jesus nem sequer se defender daquelas acusações, o sumo sacerdote manifestou o seu espanto perguntando-lhe se não respondia em sua defesa. Como o Senhor permanecesse calado, Caifás foi directamente ao assunto mais controverso entre os judeus e perguntou-lhe se Ele era o Messias, o Filho do Deus bendito. Aí, Jesus não pôde mais reter a resposta e concordou dizendo: “*Eu sou*”. Ainda que Ele tenha decidido não se defender das acusações falsas, neste momento não podia negar uma verdade inquestionável.

Imediatamente, e num acesso de ira, Caifás rasgou as vestes em sinal de horror e repúdio, surgindo da sua boca a condenação: “Para que precisamos ainda de mais testemunhas? Acabais de ouvir a blasfêmia; que vos parece? E todos o condenaram como réu de morte”. Ainda que já tivesse sofrido no Getsêmani, naquele momento começou o atroz sofrimento físico do Senhor, sendo esbofeteado e socado sem dó como um terrível criminoso. E, cobrindo-lhe o rosto, troçaram dele dizendo: “*Profetiza-nos, ó Cristo, quem te bateu?*” E muitas outras coisas diziam para ridicularizar o amoroso Senhor.

5. Jesus perante Caifás e o Sinédrio, é negado por Pedro, Mc 14.54,66-72; Mt 26.58,69-75; Lc 22.54-62; Jo 18.15-18,25-27

54 E Pedro o seguiu de longe até dentro do pátio do sumo sacerdote, e estava sentado com os guardas, aquecendo-se ao fogo. 66 Ora, estando Pedro em baixo, no átrio, chegou uma das criadas do sumo sacerdote 67 e, vendo a Pedro, que se estava aquecendo, encarou-o e disse: Tu também estavas com o nazareno, esse Jesus. 68 Mas ele o negou, dizendo: Não sei nem compreendo o que dizes. E saiu para o alpendre. 69 E a criada, vendo-o, começou de novo a dizer aos que ali estavam: Esse é um deles. 70 Mas ele o negou outra vez. E pouco depois os que ali estavam disseram novamente a Pedro: Certamente tu és um deles; pois és também galileu. 71 Ele, porém, começou a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem de quem falais. 72 Nesse instante o galo cantou pela segunda vez. (Marcos)

Apesar de todos terem fugido aquando da prisão do Senhor, dois deles decidiram seguir o seu Mestre. Era Pedro e, provavelmente, João, o discípulo amado e conhecedor do sumo sacerdote. Entrando no pátio de Caifás, Pedro juntou-se à fogueira existente ali para aquecimento de criados e guardas. Entretanto, uma criada reconheceu-o. Passado pouco tempo foi reconhecido pelo seu sotaque galileu.

E, ainda, um parente de Malco reconheceu-o do encontro que tiveram no Getsêmani e inquiriu: “Não te vi eu no jardim com ele?”

Pedro teve que enfrentar a situação muito desagradável de aceitar ser companheiro de Jesus ou demarcar-se dele dizendo que nem sequer o conhecia. Desprezando o discipulado, a amizade e a verdade, Pedro negou ao seu amigo, Mestre e Senhor, por três vezes. Como era corrente entre os judeus, terá mesmo invocado os céus como testemunha de que estaria falando a verdade. A que chegou aquela criatura para se livrar de problemas com as autoridades! Quando o galo cantou recordou-se das palavras de Jesus e reconheceu a sua fraqueza humana, chorando amargamente.

6. Jesus formalmente condenado pelo Sinédrio, Mc 15.1; Mt 27.1; Lc 22.66-71

(Na madrugada do sexto dia)

66 Logo que amanheceu reuniu-se a assembleia dos anciãos do povo, tanto os principais sacerdotes como os escribas, e o conduziam ao Sinédrio deles, onde lhe disseram: 67 Se tu és o Cristo, dize-no-lo. Replicou-lhes ele: Se eu vo-lo disser, não o creereis; 68 e se eu vos interrogar, de modo algum me respondereis. 69 Mas desde agora estará assentado o Filho do homem à mão direita do poder de Deus. 70 Ao que perguntaram todos: Logo, tu és o Filho de Deus? Respondeu-lhes: Vós dizeis que eu sou. (Lucas)

A lei judaica proibia que se realizassem julgamentos nocturnos e em dias de festa; casos especiais exigiam pelo menos dois julgamentos em dias diferentes. Como nada disto aconteceu, toda aquela azáfama, para condenar um homem bom, foi a maior ilegalidade cometida por gente que se dizia temente a Deus e cumpridora da lei. A reunião da madrugada do sexto dia foi a audácia das autoridades judaicas para dar ao processo uma aparência de legalidade. Mas, com a injustiça dos homens Deus estava praticando a sua justiça, porque o justo devia morrer pelos injustos.

Quando, novamente, interrogaram Jesus sobre se Ele era o Messias e Filho de Deus, não negou; antes confirmou o que dissera anteriormente dizendo: “*Vós dizeis que Eu sou*”. Perante a sua confissão repetida não restavam dúvidas da sua cumplicidade e tinha que ser condenado por blasfêmia. Depois disto, resolveram enviá-lo a Pilatos para ser julgado segundo a lei romana.

7. Enquanto Jesus foi levado a Pilatos, Judas suicidou-se, Mt 27.3-10; Act 1.18,19

(Na madrugada do sexto dia)

3 Então Judas, aquele que o traíra, vendo que Jesus fora condenado, devolveu, compungido, as trinta moedas de prata aos anciãos, dizendo: 4 Pequei, traindo o sangue inocente. Responderam eles: Que nos importa? Seja isto lá contigo. 5 E tendo ele atirado para dentro do santuário as moedas de prata, retirou-se, e foi enforcar-se. 6 Os principais sacerdotes, pois, tomaram as moedas de prata, e disseram: Não é lícito metê-las no cofre das ofertas porque é preço de sangue. 7 E, tendo deliberado em conselho, compraram com elas o campo do oleiro para servir de cemitério para os estrangeiros. (Mateus)

Quando Judas observou que Jesus estava sendo enviado para Pilatos, certificou-se que a condenação seria certa. Mas, ele não demonstrou nem sinal de arrependimento. Na sua mente não houve mudança alguma concernente ao seu Mestre, nem acreditava que pudesse ser perdoado. Mas, cheio de remorso por trair um inocente, procurou os sacerdotes para desfazer o negócio. Já era tarde demais porque a decisão estava tomada e (o falso messias) seria mesmo condenado. Nem, tampouco, alguém poderia recorrer da sentença.

Desiludido com a sua triste situação, Judas atirou o dinheiro para o interior do Templo e foi enforcar-se. Se ele tivesse demonstrado sincero arrependimento, naturalmente viveria. Mas, o peso do seu pecado conduziu-o à perdição física e eterna. Os sacerdotes não qui-

seram contaminar o Templo com aquele dinheiro desonroso e compraram com ele um campo que servisse de cemitério a estrangeiros. Tal era o sentimento de contaminação daquele dinheiro cujo cemitério não servia senão para estrangeiros.

8. Jesus foi levado a Pilatos e por ele interrogado pela primeira vez, Mc 15.1-5; Mt 27.2,11-14; Lc 23.1-5; Jo 18.28-38
(Cerca das seis da manhã)

1 Logo de manhã tiveram conselho os principais sacerdotes com os anciãos, os escribas e todo o sinédrio; e maniatando a Jesus, o levaram e o entregaram a Pilatos. 2 Pilatos lhe perguntou: És tu o rei dos judeus? Respondeu-lhe Jesus: É como dizes. 3 e os principais dos sacerdotes o acusavam de muitas coisas. 4 Tornou Pilatos a interrogá-lo, dizendo: Não respondes nada? Vê quantas acusações te fazem. 5 Mas Jesus nada mais respondeu, de maneira que Pilatos se admirava. (Marcos)

Em segundo lugar aconteceu o julgamento político. O condenado foi levado à presença do governador romano, Pôncio Pilatos. Jesus, o Senhor amoroso, inofensivo, e amigo dos desprezados, foi algemado como um temido criminoso para comparecer perante a autoridade romana. Agora iria ser julgado de acordo com a lei romana. No império ninguém podia arrogar-se de rei sem previamente ser escolhido para o cargo e ir a Roma para receber a coroação das mãos do imperador. Jesus dizia ser o rei dos judeus e tinha de responder por desobediência à lei civil e como agitador de massas.

Chegado à presença do governador, Jesus ouviu serenamente o interrogatório e, tranquilo, jamais procurou defender-se. Estava nas mãos de homens ímpios e devia cumprir tudo o que acerca dele estava escrito pelos profetas. Enquanto os seus adversários o acusavam de muitas coisas estranhas, Ele permanecia calado. Esta sua atitude provocou admiração em Pilatos que perguntou: “Não respondes nada? Vê quantas acusações te fazem”. Ele era acusado de subverter

a nação, de proibir o pagamento do imposto a Roma, de se fazer a ele próprio o Messias, e também o rei dos judeus. Mas o Senhor nada dizia em sua defesa porque estava determinado a defender-nos.

Então, Pilatos foi directo e perguntou-lhe: “*És tu o rei dos judeus?*” O Senhor não negou, antes confirmou a acusação respondendo: “*É como dizes*”. O governador não achou motivo para condená-lo, mas perguntou-lhe: “Os judeus entregaram-te a mim, que fizeste? – O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos para que não fosse entregue aos judeus; entretanto, o meu reino não é daqui”. – Logo tu és rei? disse Pilatos. – “Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, afim de dar testemunho da verdade”.

O facto de os seus discípulos não combaterem comprovava que o seu reino era espiritual. Sem dúvida, Jesus fundou um reino que abrange o mundo inteiro. Ele reina sobre aqueles que aceitaram o seu domínio, e já são muitos milhões. Os nossos corações são o gabinete onde Ele trabalha diariamente para formar o Reino dos Céus sobre a Terra. Todos os que aceitam a Sua liderança recebem a influência do Espírito Santo para serem uma nova criação, oposta à velha.

9. Jesus foi conduzido a Herodes para ser julgado por ele, Lc 23.6-12

6 Então Pilatos, ouvindo isso, perguntou se o homem era galileu; 7 e, quando soube que era da jurisdição de Herodes, remeteu-o a Herodes, que também naqueles dias estava em Jerusalém. 8 Ora, quando Herodes viu a Jesus, alegrou-se muito; pois de longo tempo desejava vê-lo, por ter ouvido falar a seu respeito; e esperava ver algum sinal feito por ele; 9 e fazia-lhe muitas perguntas; mas ele nada lhe respondeu. 10 Estavam ali os principais sacerdotes, e os escribas, acusando-o com grande veemência. 11 Herodes, porém, com os seus soldados, desprezou-o e, escarnecendo dele, vestiu-o com uma roupa resplandecente e tornou a enviá-lo a Pilatos. 12 Nesse mesmo dia Pilatos e Herodes tornaram-se amigos; pois antes andavam em inimizade um com o outro. (Lucas)

Herodes Antipas, que era o governador na região da Galileia, estava em Jerusalém para assistir à Festa da Páscoa. Com esta acção somente procurava manter a sua popularidade entre os judeus, nada mais. Como tinha ouvido bastante acerca de Jesus e dos seus milagres, desejava muito conhecê-lo e talvez, observar algum milagre. Esse anseio foi-lhe concedido por Pilatos, que não queria assumir a responsabilidade pela sorte de Jesus. Embora Herodes lhe fizesse muitas perguntas, o Senhor permaneceu impávido e sereno sem responder às acusações dos adversários. Também ele nada achou em Jesus digno de condenação.

Desiludido pela pertinácia de Jesus, e sem ter visto algum milagre, Herodes revelou grande desprezo por aquele judeu e, vestindo-lhe uma roupa resplandecente para escarnecer dele, tornou a enviá-lo a Pilatos. Era este quem teria que decidir sobre o futuro do acusado. Mas, pelo menos, algum resultado teve aquele contacto entre os dois governantes, que eram inimigos. Se o julgamento de Jesus serviu para restabelecerem a amizade entre eles, quanto mais não serviria a sua morte?! Nós mesmos somos testemunhas da realidade deste facto. Quem aceita Cristo experimenta a reconciliação com Deus e com os homens.

10. Jesus foi remetido a Pilatos, açoitado, escarnecido e condenado, Mc 15.6-19; Mt 27.15-30; Lc 23.13-25; Jo 18.39-19.16 (Cerca das seis da manhã)

9 Ao que Pilatos lhes perguntou: Quereis que vos solte o rei dos judeus? 10 Pois ele sabia que por inveja os principais sacerdotes lho haviam entregado. 11 Mas os principais sacerdotes incitaram a multidão a pedir que lhes soltasse antes a Barrabás. 12 E Pilatos, tornando a falar, perguntou-lhes: Que farei então daquele a quem chamais rei dos judeus? 13 Novamente clamaram eles: Crucifica-o! 14 Disse-lhes Pilatos: Mas que mal fez ele? Ao que eles clamaram ainda mais: Crucifica-o! 15 Então Pilatos, querendo satisfazer a multidão,

soltou-lhe Barrabás; e tendo mandado açoitar a Jesus, o entregou para ser crucificado... (Marcos)

Pilatos não queria entrar em assuntos de blasfêmia referentes à religião judaica. Por isso, ele quis transferir a responsabilidade da condenação de Jesus para os próprios judeus, que o acusavam. Era prática corrente do governo romano soltar um preso por ocasião da festa para agradar aos judeus. Assim, ele deu-lhes a oportunidade de decidirem sobre o futuro do condenado. Entretanto, sua mulher mandou-lhe um aviso: “Não te envolvas na questão desse justo, porque muito sofri hoje em sonho por causa dele”. Assim, os judeus teriam que escolher entre Jesus e Barrabás. Este estava preso por ser um revolucionário, afinal, por ironia, o mesmo de que acusavam Jesus. O povo, incitado pelos sacerdotes, clamou pedindo a liberdade para Barrabás e a condenação para Jesus. Este havia de ser crucificado como um malfeitor. Então, o governador ordenou que soltassem Barrabás, o qual possivelmente voltou à sua ocupação anterior, e, mandando açoitar Jesus, entregou-lho para eles o crucificarem.

Era costume entre os hebreus, e também entre os romanos, açoitar alguém para o obrigar a confessar a sua maldade, conforme Dt 25.2,3. Usavam, para isso, um chicote de três correias com ossos, ou pequenos pedaços de ferro, nas pontas, para aumentar o sofrimento. O tronco do prisioneiro era descoberto e recebia um terço das chicotadas no peito e dois terços nas costas. Visto que o castigo não podia ir além de quarenta chicotadas, o carrasco ficava pelas trinta e nove. Paulo refere que levou cinco vezes quarenta açoites, menos um; ou seja, trinta e nove em cada vez.

Imaginemos nosso Senhor amarrado a uma coluna do Pretório, com as costas ao léu, e um carrasco a chicoteá-lo, durante o interrogatório, insistentemente até escorrer sangue. As dores aumentavam a cada chicotada e a febre começou a despontar. O bom Jesus estava ali, impávido, entre os seus malfeitores. Nada tinha a confessar porque não fizera mal algum. As suas forças eram alimentadas pelo grande amor que nutria por nós. Ninguém podia demovê-lo de cum-

prir totalmente as profecias. Ele confessava ser o filho de Deus, e o rei dos judeus, títulos pertencentes, ao imperador e ao rei delegado pelo imperador, respectivamente.

Pilatos, vendo que nada conseguia, tentou ilibar-se da injustiça de matar um homem justo lavando as mãos perante todos e dizendo: “Sou inocente do sangue deste homem, seja isso lá convosco. E todo o povo respondeu: O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos”. Crucifica-o. Então, sendo já seis horas da manhã, entregou-lho para ser crucificado. Os soldados teceram uma coroa de espinhos e puseram-lha na cabeça para trocar dele. Também lhe vestiram um manto de púrpura e puseram-lhe uma cana na mão para ter a semelhança dum rei. Ali estava o rei que Deus enviara com o reino dos céus, mas rejeitaram ambos e ainda os estão esperando.

11. Jesus sofreu durante o caminho, desde o Pretório até ao Calvário, Mc 15.20-23; Mt 27.31-34; Lc 23.26-33; Jo 19.16,17 *(Antes das nove da manhã)*

20 Depois de o terem assim escarnecido, despiram-lhe a púrpura, e lhe puseram as vestes. Então o levaram para fora, a fim de o crucificarem. 21 E obrigaram certo Simão, Cireneu, pai de Alexandre e de Rufo, que por ali passava, vindo do campo, a carregar-lhe a cruz. 22 Levaram-no, pois, ao lugar do Gólgota, que quer dizer, lugar da Caveira. 23 E ofereciam-lhe vinho misturado com mirra; mas ele não o tomou. (Marcos)

Devido ao débil estado físico de Jesus, Simão foi obrigado a levar a cruz do Senhor. Ele era um imigrante judeu do Norte de África que foi a Jerusalém para as festividades da Páscoa. Os nomes dele e de seus filhos são mencionados porque, certamente, mais tarde se converteram. Simão cumpriu o ensinamento de Jesus no sermão do Monte: “Se alguém te obrigar a caminhar uma milha vai com ele duas” (Mt 5.41). Enquanto os três sinóticos dizem que Simão foi obrigado a levar a cruz, João refere que Jesus carregou a sua própria cruz.

É provável que Jesus tenha iniciado a sua via dolorosa carregando a trave transversal, e quando saíram da cidade, devido à Sua debilidade física, tenham convidado Simão a levá-la. Os postes horizontais teriam sido colocados previamente no local da crucificação.

A crucificação era a pena capital reservada especialmente para escravos e criminosos. Ainda que os hebreus pendurassem alguns dos condenados à morte, conforme Dt 21.22,23, os romanos costumavam crucificá-los. Ora, visto que Jesus foi condenado, sobretudo, por se intitular rei dos judeus, e o acto da condenação foi entregue aos soldados romanos, estes tê-lo-ão praticado segundo o seu costume e não o dos judeus. A palavra grega que refere a cruz é “stauros”) que significa poste. Mas os romanos usavam também uma viga transversal onde pregavam as mãos do condenado. Assim, o instrumento de suplício teria a forma de cruz, qual ela tenha sido pouco importa.

Durante a caminhada até ao Calvário, quantas dores, quedas, e até sede, terá suportado o Senhor! Os soldados, desumanos, iam ao seu lado obrigando-o a avançar; não podia parar um pouco para descansar. Aqui e ali, provavelmente, algumas mulheres piedosas queriam chegar-lhe água para beber, mas eram impedidas. Outros procuravam dar-lhe vinho com mirra, fel, ou outro inebriante qualquer, para aliviar as dores. Um condenado podia pedir que lhe aliviassem o sofrimento, mas Ele não aceitou o que lhe queriam dar. Queria suportar todas as nossas dores e cumprir a profecia: “Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si...” (Is 53.4).

Entretanto, muitas mulheres seguiam no cortejo lamentando a sorte do Senhor. Mas Ele voltando-se para elas, dizia-lhes: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai por vós mesmas e por vossos filhos. Porque dias hão de vir em que se dirá: Bem-aventuradas as estéreis, e os ventres que não geraram, e os peitos que não amamentaram”... Porque se isto se faz ao lenho verde, que se fará ao seco?” Ou seja: Se um homem inocente sofre tão grande injustiça, o que sofrerá uma cidade injusta em tempo de guerra? O Senhor referia-se, sem dúvida, à futura destruição de Jerusalém por comando do general

Tito. Nessa ocasião, milhares de judeus foram massacrados, e muito outros tiveram possibilidade de fugir, espalhando-se pelo mundo.

12. Jesus foi crucificado entre dois salteadores, Mc 15.24-32; Mt 27.35-44; Lc 23. 33-43; Jo 19.18-27

(Entre as 9 e as 12 horas)

24 Então o crucificaram, e repartiram entre si as vestes dele, lançando sortes sobre elas para ver o que cada um levaria. 25 E era a hora terceira quando o crucificaram. 26 Por cima dele estava escrito o título da sua acusação: O REI DOS JUDEUS. 27 Também, com ele, crucificaram dois salteadores, um à sua direita, e outro à esquerda. 28 E cumpriu-se a escritura que diz: E com os malfeitores foi contado. 29 E os que iam passando blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: Ah! tu que destruis o santuário e em três dias o reedificas. 30 salva-te a ti mesmo, descendo da cruz. 31 De igual modo também os principais sacerdotes, com os escribas, escarnecendo-o, diziam entre si: A outros salvou; a si mesmo não pode salvar; 32 desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel, para que vejamos e creiamos, Também os que com ele foram crucificados o injuriavam. (Marcos)

Era costume dos soldados repartirem entre si o despojo de guerra. Nestes casos, as roupas dos condenados à morte pertenciam aos soldados em serviço. Assim, logo que praticaram a crucificação, repartiram as vestes em quatro partes, conforme o número de soldados. As vestes de Jesus seriam cinco peças: capa, cinturão, turbante, sandálias e túnica. Visto que a túnica era uma só peça, sem costura, e para não a rasgarem, lançaram sortes sobre ela. Deste modo, se cumpriu mais uma profecia, que consta no Salmo 22.18. Tudo haveria de cumprir-se ao pormenor.

Eram nove horas da manhã, e Jesus foi levantado entre o céu e a terra, no meio de dois ladrões, condenado pelo crime de ser Filho de Deus e Rei dos judeus. Então, puseram sobre a sua cabeça um título,

previamente escrito, para identificar o condenado e ser troçado por todos que por ali passassem. Os evangelistas diferem quanto à narrativa da inscrição, talvez, devido à diferença das línguas usadas. Sabemos que nem sempre as traduções são literais. Mas, na realidade, todos concordam no essencial: O REI DOS JUDEUS. Todavia, ao observar um exemplo desta inscrição nas três línguas, hebraico, latim e grego, respectivamente, veremos que há espaço para aperfeiçoá-la escrevendo algo mais em hebraico e latim:



Os evangelhos mencionam sete pronunciamentos de Cristo enquanto estava na cruz, geralmente considerados “As Sete Palavras da Cruz”.

Apesar de estar sofrendo, Jesus, no seu amor peculiar, intercedeu pelos adversários, alegando que não sabiam o que estavam a fazer e disse: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem” (Lc 23.34). Junto à cruz estavam quatro mulheres piedosas. Entre elas estava Maria, a mãe de Jesus, e o discípulo amado, que se crê ser João. Jesus, dirigindo-se a eles, disse: “Mulher, eis aí o teu filho”. E ao discípulo: “Eis aí tua mãe” (Jo 19.26,27). O Senhor, apesar das suas dores atrozes, ainda teve a sensibilidade filial para zelar por sua mãe, entregando-a aos cuidados dum amigo. Consta que ela terá vivido com ele em Éfeso até à sua morte.

Entretanto, os que passavam pelo caminho, que não ficavam indiferentes àquele triste espectáculo, convidavam Jesus a descer da cruz, se Ele era o Filho de Deus. E, troçando, diziam que salvou os outros e a ele não podia salvar-se. Mencionavam as duas fundamentais acusações para o tentar. Se Ele era o Messias e Rei de Israel, deveria descer da cruz para que cressem nele. É óbvio que Jesus podia ter saído dali, mas resistiu à última tentação diabólica e permaneceu

em nosso lugar no sofrimento que nos salva. Deste modo, Ele provou que o maior amor está no sofrimento pelos outros.

A mesma injúria lhe dirigia também um dos malfeitores ao seu lado, enquanto o outro o repreendia com estas palavras: “Nem ao menos temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós, na verdade, com justiça, porque os nossos feitos merecem; mas este nenhum mal fez. Então disse: Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu reino”. O Senhor, vendo arrependimento e fé nestas palavras, respondeu-lhe: “*Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso*” (Lc 23.43). Foi nesse dia que Jesus desceu ao Hades, ao lugar de Abraão, e levou os que ali estavam para o novo paraíso.

13. Jesus morreu e, entretanto, ocorreram fenómenos sobrenaturais, Mc 15.33-41; Mt 27.45-56; Lc 23.44-49; Jo 19.28,30 (Entre as 12 e as 15 horas)

33 E, chegada a hora sexta, houve trevas sobre a terra, até a hora nona. 34 E, à hora nona, bradou Jesus em alta voz: Eloí, Eloí, lamá, sabactani? que traduzido, é: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? 35 Alguns dos que ali estavam, ouvindo isso, diziam: Eis que chama por Elias. 36 Correu um deles, ensopou uma esponja em vinagre e, pondo-a numa cana, dava-lhe de beber, dizendo: Deixaí, vejamos se Elias virá tirá-lo. 37 Mas Jesus, dando um grande brado, expirou. 38 Então o véu do santuário se rasgou em dois, de alto a baixo. 39 Ora, o centurião, que estava defronte dele, vendo-o assim expirar, disse: Verdadeiramente este homem era filho de Deus. 40 Também ali estavam algumas mulheres olhando de longe, entre elas Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago o Menor e de José, e Salomé; 41 as quais o seguiam e o serviam quando ele estava na Galileia; e muitas outras que tinham subido com ele a Jerusalém. (Marcos)

Aproximava-se a hora da morte de Jesus. Tendo chegado o meio dia, a hora da maior força de luz, a terra vestiu-se de luto até às quinze horas. O Criador do universo, que se fizera homem como nós, para

viver entre nós, estava deixando a Terra para regressar ao Céu. As trevas que envolveram a Terra durante três horas foi algo sobrenatural porque ainda ninguém encontrou uma explicação científica credível.

Às quinze horas, sabendo Jesus que já tudo estava cumprido, exclamou: “*Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?*” (Mt 27.46). Ele estava sendo abandonado para nós sermos aceites pelo Pai; estava sendo condenado para nós sermos justificados; estava dando a vida física para nós termos a vida eterna. A sua febre aumentara grandemente, a boca secou-se, e sumidamente, disse: “*Tenho sede*” (Jo 19.28). Os soldados tinham ali vinho avinagrado e ensoando nele uma esponja deram-lho a beber.

Após ter humedecido os lábios naquela bebida de má qualidade, o Senhor declarou a vitória sobre o mundo, o pecado e o diabo, dizendo: “*Está consumado*” (Jo 19.30). Estas duas palavras provêm duma só em grego, que é (*tetelestai*), a qual era usada para declarar um recibo liquidado. Jesus tinha pago totalmente a nossa dívida perante Deus, cujo recibo foi assinado com o seu sangue. A partir daquele momento, aqueles que crêem e aceitam que a sua dívida está paga nada mais lhes resta para pagar. Tudo foi pago pelo maior amigo dos pecadores. O seu brado final foi dirigido a Deus para entregar-lhe o espírito dizendo: “*Pai, nas Tuas mãos entrego o meu espírito*” (Lc 23. 46). E, inclinando a cabeça, expirou.

Nesse mesmo momento, a terra tremeu e o espesso véu do Templo rasgou-se, sobrenaturalmente, de alto a baixo. Consta que esse grande cortinado media dezoito por nove metros. A sua espessura era tal que só podia ser rasgado pela potente mão de Deus. Esta acção sobrenatural ensina aos pecadores que o caminho de acesso a Deus está aberto pelo sacrifício do Cordeiro que Ele ofereceu pela humanidade. Paulo ensina os crentes a ousarem entrar no santuário pela fé: “Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne...” (Hebreus 10.19,20).

Ao observar o sucedido, os soldados que ali estavam fizeram uma declaração espantosa: “Verdadeiramente este homem era Filho de Deus”. Para eles era um filho de Deus no sentido pagão, assim como os imperadores. Estes homens, que estavam habituados a ver toda a espécie de situações, assistiram a algo invulgar. Não tinham dúvida que só assistido por Deus aquele homem poderia dar o testemunho observado por eles. Estes soldados, com o seu testemunho, devem ter contribuído para encher o exército romano do conhecimento do Salvador.

14. Jesus foi sepultado num sepulcro novo e selado, Mc 15.42-46; Mt 27.57-66; Lc 23.50-56; Jo 19.31-42

(No final do sexto dia)

42 Ao cair da tarde, como era o dia da preparação, isto é, a véspera do sábado, 43 José de Arimateia, ilustre membro do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus, cobrando ânimo foi a Pilatos e pediu o corpo de Jesus. 44 Admirou-se Pilatos de que já tivesse morrido; e chamando o centurião, perguntou-lhe se, de facto, havia morrido. 45 E, depois que o soube do centurião, cedeu o cadáver a José; 46 o qual, tendo comprado um pano de linho, tirou da cruz o corpo, envolveu-o no pano e o depositou num sepulcro aberto em rocha; e rolou uma pedra para a porta do sepulcro. 47 E Maria Madalena e Maria, mãe de José, observavam onde fora posto. (Marcos)

João conta-nos que, visto aproximar-se o sábado, era preciso tirar os corpos dali enquanto era dia. Pilatos, então, deu ordem para quebrarem as pernas dos condenados a fim de apressar a sua morte. Os soldados fizeram assim, mas, ao chegar a Jesus viram que já estava morto e evitaram quebrar-lhe as pernas, para cumprimento da profecia que diz: “Nenhum dos seus ossos será quebrado” (Sl 34.20). Todavia, um dos soldados não resistiu à tentação de enfiar-lhe a espada num dos lados saindo dali sangue e água. Na morte do Salvador co-

meçou a fluir um fluxo de purificação e de vida para todos os que nele crerem.

José de Arimateia, além de ser membro do Sinédrio, era, sem dúvida, um discípulo de Jesus que esperava o reino de Deus. A sua acção comprova-o porque era preciso ter muita ousadia para tomar a atitude de sepultar o corpo do Senhor. Ele sujeitou-se a ser troçado, desprezado, ou, até mesmo, a perder o seu lugar no Sinédrio. Tendo pedido a Pilatos o corpo de Jesus, foi colocá-lo num sepulcro novo que tinha escavado numa rocha da sua fazenda. O corpo do maior Santo só poderia ser sepultado num lugar que não tivesse sido contaminado pela morte.

No Sinédrio existia outro discípulo de Jesus que até àquele momento permanecia oculto. Era Nicodemos, que apareceu levando uma mistura de mirra e aloés, a fim de preparar o corpo para o sepultamento provisório. Ambos encarregaram-se do serviço fúnebre. O iminente início do sábado, ao pôr do sol, obrigou a um sepultamento rápido, deixando alguns pormenores para o primeiro dia da semana. Envolveram o corpo num lençol branco e foram colocá-lo no sepulcro. Depois, rolaram uma grande pedra sobre a porta e deixaram o local.

No dia seguinte, os sacerdotes, temendo que os discípulos, de noite, fossem roubar o corpo, e chegassem a dizer que ressuscitara, pediram a Pilatos para mandar guardar o sepulcro. Assim, ordenando que eles próprios o fizessem, concedeu-lhes a guarda e soldados para o efeito, os quais foram e selaram a porta do sepulcro. Jamais alguém poderia violar aquele selo. Assim, o corpo permaneceu no sepulcro desde o pôr do sol do sexto dia, e começo do sábado, até ao nascer do sol do primeiro dia da semana.

CAPÍTULO VIII

RESSURREIÇÃO, APARECIMENTO E ASCENSÃO DE JESUS

XXVII. JESUS RESSUSCITOU NO PRIMEIRO DIA DA SEMANA

1. Os anjos declaram a ressurreição às mulheres, Mc 16.1-8; Mt 28.1-8; Lc 24.1-8; Jo 20.1

(No primeiro dia da semana)

1 Ora, passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem ungi-lo. 2 E, no primeiro dia da semana, foram ao sepulcro muito cedo, ao levantar do sol. 3 E diziam umas às outras: Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro? 4 Mas, levantando os olhos, notaram que a pedra, que era muito grande, já estava revolvida; 5 e entrando no sepulcro, viram um moço sentado à direita, vestido de alvo manto; e ficaram atemorizadas. 6 Ele, porém, lhes disse: Não vos atemorizeis; buscais a Jesus, o nazareno, que foi crucificado; ele ressurgiu; não está aqui; eis o lugar onde o puseram. (Marcos)

Quando, no sexto dia, o sol se escondeu, as mulheres ocuparam-se na preparação das especiarias para embalsamar o corpo de Jesus. Muito cedo, na madrugada do primeiro dia da semana, dirigiram-se ao sepulcro para cumprirem o costume judaico de preservar os corpos. Estando elas questionando sobre quem as ajudaria a retirar a pedra da porta para poderem entrar, qual não foi a sua surpresa, ao aproximarem-se, verificar que a mesma já tinha sido retirada. Um

anjo havia rolado a pedra para lhes franquear a entrada. E, entrando, ainda mais perplexas ficaram não vendo o corpo do seu amado Mestre. Ele já tinha vencido a morte e saído daquela tumba.

Porém, dois anjos, em forma humana, estavam ali para informá-las do sucedido e consolá-las com palavras de esperança: “Eu sei que buscais a Jesus, que foi crucificado. Não está aqui porque ressurgiu, como ele disse”. O facto de Mateus e Marcos mencionarem somente um anjo será resultado deles referirem apenas o porta-voz. Então, aconselhou-as a comunicar isso aos demais discípulos e que o procurassem na Galileia. Nesse momento, recordaram-se do que Jesus lhes tinha dito sobre a sua morte e ressurreição: “Importa que o Filho do homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, e seja crucificado, e ao terceiro dia ressuscite”.

Os anjos estiveram sempre ao serviço do Senhor. Eles anunciaram a Maria, a José, e aos pastores, o seu nascimento. Eles assistiram-no quando sofreu a tentação no deserto, e esteve no Getsêmani agonizando. Mas não o assistiram na cruz. Simplesmente foi abandonado para morrer em lugar dos pecadores. Todavia, assistiram-no no túmulo, anunciando a sua ressurreição.

João menciona simplesmente Maria Madalena na visita ao sepulcro, de manhã cedo, por ser a mais proeminente discípula de Jesus, devido à sua experiência de salvação. Naturalmente, ela tomou a liderança na preparação para o corpo do seu Senhor e terá sido a porta-voz do grupo.

2. As mulheres declaram a ressurreição aos discípulos, Lc 24.9-12; Jo 20.2-10

9 E, voltando do sepulcro, anunciaram todas estas coisas aos onze e a todos os demais. 10 E eram Maria Madalena, e Joana, e Maria, mãe de Tiago; também as outras que estavam com elas relataram estas coisas aos apóstolos. 11 E pareceram-lhes como um delírio as palavras das mulheres e não lhes deram crédito. 12 Mas Pedro, levantando-se, correu ao sepulcro; e, abaixando-se, viu somente

os panos de linho; e retirou-se, admirando consigo o que havia acontecido. (Lucas)

Depois dos anjos, as mulheres foram as primeiras a proclamar a ressurreição do Senhor. Imediatamente, e cheias de júbilo, correram a anunciar o seu feliz achado aos apóstolos. Porém, eles não deram muito crédito às suas palavras. De facto, estavam convencidos que o Messias jamais morreria, mas viria para habitar aqui e reinar para sempre. Se eles o tivessem compreendido teriam lutado, derramado sangue, e morrido em sua defesa. Milhares tê-los-iam ajudado e uma guerra civil rebentaria no momento da sua prisão.

Ainda que Jesus os tenha informado claramente acerca da sua morte e ressurreição, eles nunca compreenderam isso. Porventura, elas teriam tido uma visão fantasma, ou sonharam com o assunto devido ao seu grande amor pelo Senhor. Todavia, dois deles ficaram mais curiosos e quiseram inteirar-se dos factos. João conta-nos que Pedro e o discípulo amado, ele mesmo, saíram apressadamente e foram ao sepulcro.

João era mais ágil na corrida e chegou primeiro. Mas, na sua timidez, espreitou para dentro e viu ali, de relance, somente os brancos panos de linho que envolviam o corpo de Jesus. Chegando Pedro, mais ousado, entrou no sepulcro e também viu, certificando-se que simplesmente os panos estavam lá, mas o lenço que envolvia a cabeça do Senhor estava enrolado num lugar à parte. Então, entrou também João e confirmou o que tinha visto antes, de relance, e creu na ressurreição do seu Senhor.

Por conseguinte, se o corpo tivesse sido levado pelos discípulos também aqueles panos o seriam juntamente. Eles jamais levariam um corpo desnudo. Além disso, o facto de o lenço (o sudário) estar ordenadamente arrumado prova que não houve pressa na saída do local, como aconteceria se fosse um furto.

XXVIII. JESUS APARECEU AOS DISCÍPULOS NO DIA DA RESSURREIÇÃO

1. Jesus apareceu primeiro a Maria Madalena, Mc 16.9-11; Jo 20.11-18; Mt 28.11-15

Manhã do primeiro dia)

13 E perguntaram-lhe eles: Mulher, por que choras? Respondeu-lhes: Porque tiraram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. 14 Ao dizer isso, voltou-se para trás, e viu a Jesus ali em pé, mas não sabia que era Jesus. 15 Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela, julgando que fosse o jardineiro, respondeu-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. 16 Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, virando-se, disse-lhe em hebraico: Raboni! - que quer dizer, Mestre. 17 Disse-lhe Jesus: Deixa de me tocar, porque ainda não subi ao Pai; mas vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus. 18 E foi Maria Madalena anunciar aos discípulos: Vi o Senhor! - e que ele lhe dissera estas coisas. (João)

Entretanto, Maria Madalena permanecia diante da tumba, chorando pelo seu Senhor. E, abaixando-se para observar melhor o interior do sepulcro, viu os dois anjos que lhe perguntaram porque chorava, quando devia regozijar-se pela ressurreição. – “Porque tiraram o meu Senhor e não sei onde o puseram”, respondeu. Ela estava confusa. Se a pedra estivesse obstruindo a porta, enfrentaria o problema de acesso ao interior do túmulo. Logo que a pedra estava removida, ela enfrentou o problema da ausência do corpo. Perdera aquele que a libertara para uma vida nova. Notamos aqui um grande contraste entre a fraqueza da sua fé e a força do seu amor. Não esperava vê-lo vivo, mas amava-o de forma a querer levá-lo consigo mesmo morto.

Então, deu meia volta e viu alguém, que julgou ser o jardineiro de José, que lhe perguntou: “Mulher, por que choras?” Isto é: ainda não crês no que tens ouvido acerca da ressurreição? Eu estou vivo.

Não, ela ainda permanecia incrédula quanto à possibilidade de Ele viver. Afinal, até manifestou o desejo de levá-lo consigo para outro lugar. Tinha perdido o seu amado Salvador. Agora, queria tê-lo mais perto de si porque lhe dedicava muito amor. Aquela que fora possuída por sete demónios estava verdadeiramente livre, e reconhecia que tinha uma grande dívida para com Jesus.

Aí, Jesus tratou-a pelo nome e ela, reconhecendo a sua voz, exclamou: “meu Mestre!”. Aquele tratamento de “Raboni” era o mais alto grau entre os doutores da lei, que Ele, sem dúvida, merecia. E, naquele instante, quis agarrar seus pés, porém, foi impedida pelo Senhor que lhe ordenou para confirmar aos outros que realmente Ele estava vivo e que poderiam encontrá-lo na Galileia. Aquele afastamento significaria que não perderia a oportunidade de tornar a vê-lo porque Ele ainda não tinha ido para junto do Pai. “Mas, vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai... e meu Deus”. A linguagem “meu Pai” está de acordo com a divindade do Senhor; enquanto “meu Deus” alude à sua humanidade. Mais alguns dias e Ele voltaria para o céu. Agora, Maria Madalena já podia transmitir com certeza que Jesus tinha ressuscitado. Tinha visto o Salvador, face a face, com os seus próprios olhos, e ouvira a sua voz.

Também nós temos de proclamar bem alto que Cristo ressuscitou e vive para sempre. Uma experiência destas não dá para ficar calado. Quando há verdadeiro amor a Cristo há também constante aderência a Ele. Quando há verdadeiro desejo de familiaridade com Ele, haverá de igual modo uma constante assistência, servindo-o de modo a conhecê-lo melhor.

2. Jesus apareceu pela segunda vez às outras mulheres, Mt 28.8-10

8 E, partindo elas pressurosamente do sepulcro, com temor e grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos. 9 E eis que Jesus lhes veio ao encontro, dizendo: Salve. E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés, e o adoraram. 10 Então lhes disse Jesus: Não

temais; ide dizer a meus irmãos que vão para a Galileia; ali me verão. (Mateus)

Após as mulheres serem informadas da ressurreição, pelos anjos, elas correram a dar a notícia aos apóstolos. Entretanto, Jesus apareceu pessoalmente a Maria Madalena, junto ao sepulcro, e deu-lhe instruções para que o procurassem na Galileia. Enquanto as outras estavam no caminho, o Senhor apareceu-lhes também e confirmou pessoalmente o que tinham ouvido aos anjos. Todos deviam ir à Galileia para a primeira reunião após a ressurreição. Deve ter sido aquela onde mais de quinhentos irmãos o viram, conforme o testemunho de Paulo em 1 Co 15.6.

3. Os sacerdotes subornaram os guardas para negarem a ressurreição, Mt 28.11-15

(Manhã do primeiro dia)

11 Ora, enquanto elas iam, eis que alguns da guarda foram à cidade, e contaram aos principais sacerdotes tudo quanto havia acontecido. 12 E congregados eles com os anciãos e tendo consultado entre si, deram muito dinheiro aos soldados, 13 e ordenaram-lhes que dissessem: Vieram de noite os seus discípulos e, estando nós dormindo, furtaram-no. 14 E, se isto chegar aos ouvidos do governador, nós o persuadiremos, e vos livraremos de cuidado. 15 Então eles, tendo recebido o dinheiro, fizeram como foram instruídos. E essa história tem-se divulgado entre os judeus até o dia de hoje. (Mateus)

Quando os soldados, que guardavam o sepulcro, sentiram a pedra a rolar devem ter ficado atônitos com o facto porque não viram alguém a movê-la. Espreitaram para dentro e não viram o corpo que viram ali colocar. Estando bem acordados, a pedra rolou sem auxílio humano, e o corpo morto desapareceu. Temendo por sua vida foram, imediatamente, comunicar aos sacerdotes a assustadora ocorrência.

Assim que os sacerdotes ouviram a macabra notícia, temeram pela ressurreição, e resolveram negociar com os soldados para se calarem concernente à verdade dos factos. Aqueles romanos sem escrúpulos venderam a verdade por alguns patacos e compraram a mentira pelo mesmo preço. A verdade era o que tinham observado. A mentira foi o que aprenderam a dizer. Além disso os sacerdotes prometeram também subornar o governador. Fizeram um negócio muito sujo, todavia, não impediram que a notícia da ressurreição se espalhasse pelo mundo inteiro.

4. Jesus apareceu pela terceira vez a dois discípulos no caminho para Emaús, Mc 16.12,13; Lc 24.13-33

(Ainda no primeiro dia)

13 Nesse mesmo dia, iam dois deles para uma aldeia chamada Emaús, que distava de Jerusalém sessenta estádios; 14 e iam comentando entre si tudo aquilo que havia sucedido. 15 Enquanto assim comentavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou, e ia com eles; 16 mas os olhos deles estavam como que fechados, de sorte que não o reconheceram. 17 Então ele lhes perguntou: Que palavras são essas que, caminhando, trocáis entre vós? Eles então pararam tristes. 18 E um deles, chamado Cleopas, respondeu-lhe: És tu o único peregrino em Jerusalém que não soube das coisas que nela têm sucedido nestes dias? 19 Ao que ele lhes perguntou: Quais? Disseram-lhe: As que dizem respeito a Jesus, o nazareno, que foi profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo... (Lucas)

Cleopas era o marido duma das Marias, discípulas de Jesus. Ele e outro amigo iam para Emaús quando, inesperadamente, apareceu um desconhecido que, abeirando-se, começou a escutar a sua conversa. Eles caminhavam trocando opiniões sobre os últimos acontecimentos em Jerusalém. Nisto, o desconhecido viajante interrogou-os sobre o significado daquela conversa. Estavam tão absortos no assunto da morte de Jesus que nem sequer o reconheceram. Estava mesmo fora

de hipótese, e das suas mentes, que viessem encontrá-lo ali. O inesperado aconteceu. É assim com Deus.

Seria Ele um simples peregrino em Jerusalém desconhecedor dos últimos acontecimentos? Pois, naqueles dias, não se falava doutra coisa na cidade. Era conversa de rua, de convívio, de assembleias religiosas e políticas, em todos os lugares. Ninguém ignorava o que se passara com Jesus de Nazaré. Uns odiaram-no como um político falhado, enquanto outros desenvolveram o seu amor por Ele. Uns temeram a sua popularidade, enquanto outros apreciavam a sua personalidade, o seu ensinamento e os seus milagres. Todos tinham que tomar uma decisão a Seu respeito. Uns a favor, outros contra. Ninguém podia ficar indiferente perante os acontecimentos do momento.

Aqueles dois discípulos conheciam bem o testemunho das mulheres sobre o túmulo vazio e a visão dos anjos, mas permaneciam incrédulos quanto à possibilidade da ressurreição. Ainda que algumas mulheres o tivessem visto, os homens não acreditavam que isso fosse uma visão real. Provavelmente, a sua excessiva devoção por Jesus as faria delirar. Por isso, o seu testemunho não era de confiança. Era preciso ver para crer, quando a realidade é bem outra: é preciso crer para ver.

Visto que não tinham fé para ver o seu Senhor, Ele censurou-os pela sua falta de fé nas profecias, que revelavam todos aqueles acontecimentos: “Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória?” Então, enquanto caminhavam, teve que explicar-lhes, provando pelas Escrituras, tudo o que se achava escrito a seu respeito. Também um oficial da Etiópia disse ao evangelista Filipe acerca da sua compreensão da profecia: “Como poderei entender se alguém me não ensinar?”

Ao aproximarem-se de Emaús, Jesus agiu de forma a ser convidado para ficar com eles algum tempo. Assim, o Senhor ficou e, entrando em casa, assentaram-se à mesa para comer. Quando Jesus tomou o pão, deu graças sobre ele, o partiu, e o repartiu por eles, conforme era seu costume, então reconheceram-no. Era a sua maneira de

estar à mesa, não havia dúvida. Quão bom é que os seus discípulos sejam também reconhecidos pelos seus actos! Porque o discípulo é semelhante ao seu mestre.

Imediatamente Jesus desapareceu da sua vista, provavelmente, a caminho da Galileia. E eles ficaram comentando a experiência daquele feliz encontro, e como os seus corações estavam abrasados pelo comentário vivo das profecias sobre o Messias. O Mestre abriu-lhes as Escrituras de tal forma que já não podiam duvidar da realidade da ressurreição. Eles caminharam, conversaram, discutiram sobre as Escrituras, e comeram juntos. Apressaram-se e foram contar o sucedido aos apóstolos, que confirmaram a sua experiência. De facto Jesus tinha ressuscitado e estava vivo. Ele vive.

5. Jesus apareceu pela quarta vez a Simão Pedro, Lc 24.34,35; (1 Co.15.5)

33 E na mesma hora levantaram-se e voltaram para Jerusalém, e encontraram reunidos os onze e os que estavam com eles, 34 os quais diziam: Realmente o Senhor ressurgiu, e apareceu a Simão. 35 Então os dois contaram o que acontecera no caminho, e como se lhes fizera conhecer no partir do pão. (Lucas)

Embora nos evangelhos exista somente este relato da experiência de Pedro, ele é mencionado por Paulo quando escreve aos coríntios sobre a ressurreição do Senhor. Nada se sabe acerca deste encontro, senão que ele aconteceu. O que terá ouvido? Que terá aprendido? Que ordens recebeu? Ninguém sabe. Provavelmente, o apóstolo terá ficado eufórico e jamais se calou contando a toda a gente semelhante experiência, ainda que não publicamente até ao dia de Pentecostes. Quem desfruta uma experiência real com Cristo tem de partilhá-la com outros porque só assim será feliz.

6. Jesus apareceu pela quinta vez entre os apóstolos, Mc 16.14; Lc 24.36-43; Jo 20.19,20

(Na tarde do primeiro dia)

36 Enquanto ainda falavam nisso, o próprio Jesus se apresentou no meio deles, e disse-lhes: Paz seja convosco. 37 Mas eles, espantados e atemorizados, pensavam que viam algum espírito. 38 Ele, porém, lhes disse: Por que estais perturbados? e por que surgem dúvidas em vossos corações? 39 Olhai as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede; porque um espírito não tem carne nem ossos, como percebeis que eu tenho. 40 E, dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés. 41 Não acreditando eles ainda por causa da alegria, e estando admirados, perguntou-lhes Jesus: Tendes aqui alguma coisa que comer? 42 Então lhe deram um pedaço de peixe assado, 43 o qual ele tomou e comeu diante deles. (Lucas)

Enquanto os dois estavam comentado a sua experiência aos apóstolos, o próprio Jesus apresentou-se no meio deles para confirmar a realidade dos factos. Porém, ao observar aquele estranho ser entre eles, ficaram espantados e cheios de medo. Estando as portas totalmente cerradas, com medo dos judeus, somente um espírito poderia penetrar ali. Como as dúvidas sobre a ressurreição dominavam suas mentes, ninguém podia imaginar que a vida ressurgisse dentre os mortos. Todavia, a morte fora vencida pelo Príncipe da vida, e, Ele estava ali para declarar aquela tremenda vitória. Agora, onde está, ó morte, a tua vitória?! Foste vencida por Aquele que é a própria Vida.

Entretanto, a saudação de Jesus tranquilizou os seus espíritos. Depois, declarou-se mostrando as suas mãos e os seus pés, como prova de que era o mesmo que foi morto na cruz, mas estava vivo na presença deles. Mas, as suas mentes judias continuavam com dificuldade em aceitar que aquele fosse o mesmo Jesus que eles viram na cruz. O Senhor, então, recorreu a outra prova para lhes assegurar que não era um simples espírito. Pedindo algo para comer, deram-lhe um pedaço de peixe assado que comeu na presença deles. Ora, um espírito não é formado de carne nem precisa de comida. Sem dúvida, eles

regozijaram-se sobremaneira por terem visto o seu Senhor ressurreto. Contudo, Tomé estava ausente e perdeu aquela oportunidade.

XXIX. JESUS ENCARREGOU OS SEUS DISCÍPULOS DE EVANGELIZAR O MUNDO

1. Jesus entregou a comissão final aos apóstolos, Jo 20.21-23

21 Disse-lhes, então, Jesus segunda vez: Paz seja convosco; assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós. 22 E havendo dito isso, assoprou sobre eles, e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. 23 Àqueles a quem perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; e àqueles a quem os retiverdes, são-lhes retidos. (João)

A primeira saudação de paz serviu para acalmar os seus corações, a segunda foi para prepará-los para a nova declaração da sua missão. Assim como o Pai amou o mundo e enviou o Filho para dar a vida pelo mundo, também o Filho amou e enviou os discípulos com vidas consagradas pelo mundo. O seu principal interesse é restaurar a humanidade à comunhão com Deus e a instauração do reino dos céus sobre a terra. Para isso, precisa de homens e mulheres submissos e dedicados ao sublime propósito de servir, conforme o Seu exemplo.

Quando o Senhor assoprou sobre eles, ilustrou a concessão do Espírito Santo para o cumprimento daquela tarefa tão importante. Aquando da criação do homem, Deus assoprou sobre ele para a vida física. Agora, para restauração do homem, Jesus assoprou sobre eles para a vida espiritual. Ele sabia perfeitamente que sem o Espírito de Deus ninguém conseguirá cumprir a sua função de modo satisfatório. Não será capaz de perdoar aos amigos, muito menos, aos inimigos.

Contudo, a presença do Espírito Santo faculta capacidade de perdoar, não somente aos amigos, mas também aos inimigos. O perdão depende da proclamação do evangelho, que são as notícias do grande amor de Deus, da Sua misericórdia, e prontidão em perdoar. O perdão de Deus é oferecido pela graça de Deus e aceite pela fé do peca-

dor. Deus mandou-nos oferecer o perdão a toda a gente e em todos os lugares. Quem aceita esta oferta graciosa será perdoado, mas quem a rejeitar não será perdoado. Esta prerrogativa foi concedida a todos, e não somente a um dentre eles.

2. Jesus apareceu novamente aos discípulos, inclusive Tomé, Jo 20.24-29

(Primeiro dia da segunda semana)

24 Ora, Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. 25 Diziam-lhe, pois, ou outros discípulos: Vimos o Senhor. Ele, porém, lhes respondeu: Se eu não vir o sinal dos cravos nas mãos, e não meter a mão no seu lado, de maneira nenhuma creerei. 26 Oito dias depois estavam os discípulos outra vez ali reunidos, e Tomé com eles. Chegou Jesus, estando as portas fechadas, pôs-se no meio deles e disse: Paz seja convosco. 27 Depois disse a Tomé: Chega aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não mais sejas incrédulo, mas crente. 28 Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu, e Deus meu! 29 Disse-lhe Jesus: Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram. (João)

Quando os companheiros de Tomé lhe comunicaram que tinham visto o Senhor, ele não acreditou. Na sua mente ainda não havia lugar para a ressurreição. Por isso, também ele quis provas palpáveis como os outros no princípio. O Senhor, conhecedor de todos os sentimentos, visitou-os segunda vez na mesma casa. Dirigiu-lhes a saudação de paz habitual e convidou Tomé a certificar-se da ressurreição por suas próprias mãos. Ele aproximou-se e, respondendo ao desafio do Senhor, disse com admiração: “Meu Senhor, e meu Deus!”

Nada indica que foi preciso tocar no corpo de Jesus. Bastou-lhe contemplá-lo mais perto e ver os sinais nas mãos e nos pés para desfazer as suas dúvidas. Agora, ele sabia que se encontrava na presença da divindade. Jesus não era mais um homem morto, nem simples-

mente Senhor, mas muito mais do que isso, ele era Deus, era o Emanuel, Deus connosco. Prontamente, Jesus depreciou a sua falta de fé e louvou os que crerem sem o ter visto.

Encontramos nas dúvidas de todos aqueles discípulos mais uma prova clara da ressurreição daquele Jesus que nos amou e deu a vida por nós para termos a vida eterna. Consideremos alguns factos comprovativos da sua ressurreição:

- a) A pedra já estava removida quando as mulheres chegaram.
- b) O sepulcro estava vazio para espanto de todos.
- c) Dois anjos esclareceram o facto da ressurreição.
- d) Pedro e João viram somente os lenços por ele deixados.
- e) Jesus apareceu às mulheres quando o procuravam.
- f) Apareceu a dois no caminho de Emaús (Lc. 24.30-35).
- g) Apareceu aos onze e expôs-se à prova (Lc. 24.36-40).
- h) Apareceu junto ao mar e ajudou na pesca (Jo. 21.12-14).
- i) A dúvida de Tomé atesta a ressurreição do Senhor (Jo. 20.26-28).
- j) A corrupção da verdade confirma a ressurreição (Mt. 28.11-15).

Por conseguinte, festejemos a vitória sobre a morte porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós, mas continua vivendo. Por isso, Paulo convida-nos a festejar esta vitória com sinceridade e verdade (1 Co 5.8). Geralmente, as festas celebram-se anualmente em comemoração de eventos importantes. Ora, os cristãos começaram a celebrar a ressurreição do Senhor semanalmente, logo após o acontecimento, cuja prática veio a ser reconhecida pela Lei Romana no século quarto. E assim devemos fazer nós.

3. Jesus apareceu a sete discípulos na margem do Tiberíades, Jo 21.1-23

(Não se sabe quando aconteceu)

1 Depois disto manifestou-se Jesus outra vez aos discípulos junto do mar de Tiberíades; e manifestou-se deste modo: 2 Estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galileia, os filhos de Zebedeu, e outros dois dos seus discípulos. 3 Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar. Responderam-lhe: Nós também vamos contigo. Saíram e entraram no barco; e naquela noite nada apanharam. 4 Mas ao romper da manhã, Jesus se apresentou na praia; todavia os discípulos não sabiam que era ele. 5 Disse-lhes, pois, Jesus: Filhos, não tendes nada que comer? Responderam-lhe: Não. 6 Disse-lhes ele: Lançai a rede à direita do barco, e achareis. Lançaram-na, pois, e já não a podiam puxar por causa da grande quantidade de peixes. 7 Então aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor. Quando, pois, Simão Pedro ouviu que era o Senhor, cingiu-se com a túnica, porque estava despido, e lançou-se ao mar;... (João)

Estes sete discípulos passaram a noite à pesca, mas não apanharam peixe e regressaram desanimados à praia. Todavia, de madrugada apareceu Jesus, que eles não reconheceram imediatamente. Então, embora soubesse que não tinham pescado, perguntou-lhes se tinham alguma coisa para comer. Perante a sua negativa, o Senhor ordenou que lançassem a rede ao lado direito e apanhariam peixe. Jesus conhecia as suas necessidades e a maneira de as suprir. Ele sabe onde está a solução para as carências humanas. Obedeceram à sua palavra e fizeram uma pesca tão maravilhosa que tiveram dificuldade a puxar a rede cheia de peixes.

João reconheceu Jesus pelo milagre da pesca e segredou a Pedro que era o seu Senhor. O curioso é que eles estavam a cerca de cem metros da praia, onde geralmente há pouco peixe. Mas Jesus sabia que estava lá, e era do gráudo. Como é bom seguir as instruções do Senhor quando nos sentimos em necessidade! Ele sabe suprir as carências humanas de modo sobrenatural. Tudo depende da sua palavra.

Jesus teve o cuidado de fazer umas brasas e nelas já estava um peixe quando eles saltaram para terra. Foram lá colocados mais al-

guns e todos se saciaram. A maneira como Jesus se movia entre eles não lhes deixava duvidar de que era o seu Mestre. Do mesmo modo, reconhecemos que Cristo está entre nós pela maneira como Ele demonstra a sua sabedoria e o seu poder maravilhosos.

Depois da refeição, Jesus dirigiu-se a Pedro para despertar nele o amor e a dedicação ao seu reino. *“Simão, filho de João, amas-me mais do que estes? Respondeu-lhe ele: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe ele: Apascenta os meus cordeiros.”* Jesus interrogou Pedro três vezes na mesma forma, talvez para lhe recordar a sua tríplice negação aquando do julgamento. Isto é, três vezes negado, três vezes confessado. O divino pastor jamais entregaria o cuidado das suas ovelhas a quem o não amasse realmente. Pois, o princípio para um bom pastoreio é o amor sincero ao dono das ovelhas.

A diferença na linguagem do amor entre ambos tem levado alguns a pensar que Pedro não amaria ao Senhor convenientemente. É certo que Jesus usou duas vezes na sua interrogação o verbo “ágápâ”. E Pedro respondeu com “filêô”. Na terceira vez, Jesus usou “filêô”, respondendo Pedro na mesma forma, e acrescentou: “Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que te amo “fileô”. Estes vocábulos são sinónimos no amor, embora “ágápâ” seja mais forte do que “filêô”. O primeiro significa o amor maior, aquele demonstrado por Deus ao dar o seu Filho na cruz, enquanto o segundo significa afeição a uma pessoa, amizade. Quando, na terceira vez, Jesus usou o mesmo vocábulo de Pedro “filêô”, este não alterou a resposta para “ágápâ”. Por três vezes Pedro respondeu a Jesus: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”, usando “filêô”. Quando Pedro diz “sim, Senhor” está a responder à pergunta de Jesus sobre “ágápâ”, e confirma que lhe tem afeição com o sinónimo “filêô”. Por este motivo, Jesus confirma que lhe entrega o cuidado das suas ovelhas. “Apascenta as minhas ovelhas”. Assim como o dono deu a vida pelas ovelhas, também o pastor deve estar pronto para isso.

Lodo em seguida, Jesus falou sobre a morte de Pedro e João. Quanto a Pedro disse que “quando fores velho estenderás as mãos e outro te cingirá, e te levará para onde tu não queres”. O Senhor profe-

tizou o género de morte que Pedro teria em virtude do seu apostolado. Segundo a tradição, Pedro terá estendido as mãos para ser crucificado em Roma, no reinado de Nero, por ocasião do martírio de Paulo, cerca 67,68 d.C.

Quando Pedro perguntou sobre o futuro de João: “E deste que será?” O Senhor respondeu-lhe: “Se eu quiser que ele fique até que eu venha, que tens tu com isso? Segue-me tu”. O Senhor não disse que João não morreria. O significado da resposta de Jesus é este: Eu faço o que quero, e tu não tens nada com isso. Pedro não devia estar preocupado com o futuro de João, mas cuidar de si mesmo e da missão que lhe acabara de ser confirmada.

4. Jesus aparece aos discípulos no monte da Galileia e dá a grande comissão, Mt 28.16-20; Mc 16.15-18 (1 Co 15.6)

16 Partiram, pois, os onze discípulos para a Galileia, para o monte onde Jesus lhes designara. 17 Quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram. 18 E, aproximando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. 19 Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, baptizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; 20 ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. (Mateus)

Um monte na Galileia era o local ideal para uma reunião conjunta com os discípulos. A maioria deles era daquela região e as autoridades estavam distantes para poderem molestá-los por realizarem uma reunião ilegal. Jesus escolheu aquele local para dar as últimas instruções acerca da Missão Mundial da Igreja.

Quando o encontro se realizou, a maioria reconheceu tanto Jesus como a sua divindade, adorando-o. Todavia, alguns duvidaram. Talvez tenham duvidado à primeira vista, enquanto estavam distantes, porque a aparência do Senhor se alterara na ressurreição. Os judeus

são pessoas que querem certezas, desejam provas como Tomé. E Jesus sempre satisfazia esses anseios.

Havendo-se o Senhor aproximado deles, dirigiu-lhes as suas últimas instruções. Primeiro, confirmou que tinha recebido toda a autoridade tanto no céu como na terra. Eles podiam confiar nele porque estaria presente para ajudá-los no cumprimento da sua missão mundial. Apoiados na sua autoridade, deviam ir por todo o mundo e tornar conhecido o evangelho do reino de Deus. A tradução literal dos versículos 19,20 é o seguinte: *“Portanto, indo, discipulai todas as etnias, baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado”*.

Por conseguinte, a principal Missão da Igreja é recrutar discípulos para Cristo em todos os lugares da terra, e foi cumprida pelos apóstolos (Act 17.6). A segunda função da Igreja de Cristo é baptizar aqueles que recebem com agrado a sua mensagem como selo da recepção na nova comunidade, e foi cumprida pelos apóstolos (Act 2.41). A terceira função da Igreja de Cristo é ensinar a sua doutrina a todos aqueles que querem fazer a vontade dele, e foi cumprida pelos apóstolos (Act 2.42). A Igreja de Cristo, em todos os tempos, deve seguir este exemplo dos apóstolos para cumprir a sua Missão Mundial.

Finalmente, Jesus renovou a promessa de estar connosco até ao fim dos tempos como Emanuel. Ele recebeu este nome profeticamente, viveu de acordo com esse nome e foi Deus entre nós, e cumpre a função desse nome estando ao nosso lado continuamente como Deus Todo-Poderoso. Podemos confiar e cumprir a nossa Missão Mundial.

5. Jesus deu as últimas instruções antes de ascender ao céu, Lc 24.44-49

46 e disse-lhes: Assim está escrito que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressurgisse dentre os mortos; 47 e que em seu nome se pregasse o arrependimento para remissão dos pecados, a todas as nações, começando por Jerusalém. 48 Vós sois testemunhas destas

coisas. 49 E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai porém, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder. (Lucas)

Jesus confirmou que as profecias acerca do Messias teriam de ser cumpridas inevitavelmente nele. Para isso, fez referência aos cinco livros de Moisés, aos outros escritos proféticos, e aos Salmos, onde aparece a vasta profecia sobre o Messias. O soberano Mestre deu mais uma lição sobre profecia de modo que eles compreendessem perfeitamente os acontecimentos.

Esclareceu que havia necessidade de Ele padecer, ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia para cumprimento das Escrituras. Ele tinha cumprido fielmente tudo quanto acerca dele estava escrito para resgatar a humanidade da condenação. Agora, era preciso que os seus discípulos conduzissem o povo ao arrependimento para receberem o perdão dos pecados. Eles eram as testemunhas vivas dos factos e deviam compartilhar esses conhecimentos em todos os lugares.

Todavia, não deviam ser apressados, mas tinham que esperar na cidade até receberem o dom do Espírito Santo que o Pai prometera. Este Espírito é o poder de Deus concedido a todos os que nele crerem para o cumprimento eficaz da sua missão mundial. Assim como o evangelho é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, também o Espírito Santo é o poder de Deus para a missão de todo aquele que serve.

Sabemos, pelo livro de Actos, que tendo esperado dez dias, enquanto celebravam a festa do Pentecostes, no primeiro dia da semana, o Senhor cumpriu a sua promessa derramando do seu Espírito sobre todos os que ali estavam reunidos.

6. Jesus foi elevado ao céu e assentou-se à direita do Pai, Mc 16.19,20; Lc 24. 50-53; (Act 1.9-12)

50 Então os levou fora, até Betânia; e levantando as mãos, os abençoou. 51 E aconteceu que, enquanto os abençoava, apartou-se deles; e foi elevado ao céu. 52 E, depois de o adorarem, voltaram

com grande júbilo para Jerusalém; 53 e estavam continuamente no templo, bendizendo a Deus. (Lucas)

Betânia era uma aldeia perto do monte das Oliveiras, a leste de Jerusalém. Depois de um ministério de quarenta dias, após a ressurreição, Jesus reuniu-se ali com os seus discípulos e dali voltou para o lugar que deixara junto de Seu Pai, no céu, assentando-se à Sua direita. O Senhor subiu mantendo as mãos em sinal de bênção aos apóstolos, que deviam continuar a missão que Ele iniciara. No mesmo instante, dois anjos apareceram no céu e diziam: “Varões galileus, porque ficais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido acima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir”. Esta promessa ainda há de ter o seu cumprimento, como as demais, porque Jesus é fiel à sua promessa.

Tudo ocorre no Monte das Oliveiras. Ali chorou sobre Jerusalém e começou a sua entrada na cidade. Ali iniciou Jesus o seu sofrimento, mais propriamente, no jardim do Getsêmani. Naquele Monte foi crucificado, morto e sepultado. Foi ali que venceu a morte, ressuscitando dos mortos. Foi ainda daquele lugar que ascendeu aos céus, e será aquele lugar que primeiro pisará quando voltar.

Os importantes significados da ressurreição a considerar são:

- a) A ressurreição de Cristo significa que as Escrituras se cumpriram (Lc 24.46).
- b) Significa que a morte expiatória de Cristo foi uma realidade (Rm 4.25).
- c) A ressurreição significa que os crentes também ressuscitarão (1 Co 15.53).
- d) A ressurreição significa a vitória definitiva sobre a morte (1 Co 15.54).
- e) A ressurreição dá a certeza dum juízo futuro com justiça (Act 17. 31).
- f) A ressurreição significa que Ele voltará em vitória (Ap 19.11-14)

- g) E significa que Cristo vive para reinar eternamente (Ap 1.18; 11.15).

7. Jesus não escreveu, mas as suas obras encheriam muitos livros, Jo 20.30,31; 21.24,25

30 Jesus, na verdade, operou na presença de seus discípulos ainda muitos outros sinais que não estão escritos neste livro; 31 estes, porém, estão escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome. 24 Este é o discípulo que dá testemunho destas coisas e as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro. 25 E ainda muitas outras coisas há que Jesus fez; as quais, se fossem escritas uma por uma, creio que nem ainda no mundo inteiro caberiam os livros que se escrevessem. (João)

Embora João tenha observado muitos sinais maravilhosos operados por Jesus, Ele diz que aquilo que ficou escrito é suficiente para levar os leitores e ouvintes do evangelho a crer que Jesus é o Messias e Filho de Deus. Mediante a leitura e audição do evangelho recebemos fé e por esta recebemos a vida eterna. Quando o escritor expressa que no mundo inteiro não caberiam os seus livros, ele usa um hebraísmo que significa grande quantidade.

ORA VEM, SENHOR JESUS. AMÉN.

NOTA EXPLICATIVA

O batismo de fogo tem sido interpretado de várias maneiras pelos Pais da Igreja. Alguns dizem que significa tribulações e aflições que os crentes em Cristo são chamados a passar. O autor de “Opus Imperfectum”, sobre Mateus, diz que há três espécies de batismo: da água, do Espírito Santo, e do fogo, o qual representa tribulações e aflições. Então, observa que Jesus passou por estes três batismos: O da água, pelas mãos de João. O do Espírito, recebeu do Pai. E o do Sofrimento, na luta com Satanás no deserto.

Crisóstomo disse que significa as superabundantes graças do Espírito.

Basílio e Teófilo dizem ser o fogo do inferno.

Cirilo, Jerónimo dizem ser a descida do Espírito Santo no Pentecostes.

Ilário diz que significa o fogo pelo qual os justos passarão no dia do Juízo para purificá-los de algumas coisas que os impediriam de entrar na glória.

Ambrósio diz que este batismo será administrado à porta do paraíso por João, e pensa que isto significa a espada inflamada de Gn 3.24.

Orígenes e Lactâncio dizem ser um rio de fogo, à porta do céu, mas observam que quando os justos passarem, as chamas líquidas dividir-se-ão para dar-lhes passagem. (Godbey's W. B. New Testament Commentary – Mateus).

HISTÓRIA DA GEENNA

Sheol, em hebraico, é o lugar dos mortos, onde Jacó esperava encontrar o seu filho José – Gn. 37.35.

Hades, em grego, é o mesmo lugar, onde Abraão, Lázaro e o rico estavam, ainda que separados – Lc 16.19-31.

Gehenna, em hebraico, Gê Hinnon, era a terra de Hinom, a sudoeste de Jerusalém que:

1. Manassés usou para lugar de sacrifício a Moloque, 2 Cr. 33.6;
2. Josias destruiu reformando o culto ao Senhor, 2 Rs 23.10;
3. Foi transformada em lugar de matança e lixeira da cidade, Jr. 7.31-34; Jr. 19.
4. Jesus usou como figura do castigo eterno, onde o bicho não morre e o fogo nunca se apaga, Mc. 9.43-47.
5. É referida no Apocalipse quando, no juízo final, a morte e o hades darão os seus mortos e serão lançados no lago de fogo, Ap. 20.13-15; 21.8.

BIBLIOGRAFIA

Bíblical Meal, Bíblical Resources Pilgrim Center, Panfleto, Israel

Encyclopedia Judaica, Vols 13 e 16, Keter Publishing House Jerusalem, Lda, Israel

Gundry, Robert H. Ph. D., Panorama do Novo Testamento, Edições Vida Nova, 1978, Brasil

Harrison, Everett F., Evangelhos e Actos, Comentário Bíblico Moody, 1980, Brasil

Novo Dic. Int. Teologia do Novo Testamento, Vol. 1, pg. 399, Edições Vida Nova, 1981, Brasil

Robertson, Archibald Thomas, Word Pictures In The New Testament, Brodman Press, 1930, USA

Stamps, Donald C., Bíblia de Estudo Pentecostal, CPAD, 1995, Brasil

Watson, S. L. E William Edson Allen, Harmonia dos Evangelhos, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1979, Brasil